WALT DISNEY

LIVROS ABRIL

Manual da COPA DO MUNDO

ESPANHA 82

RA SCANS

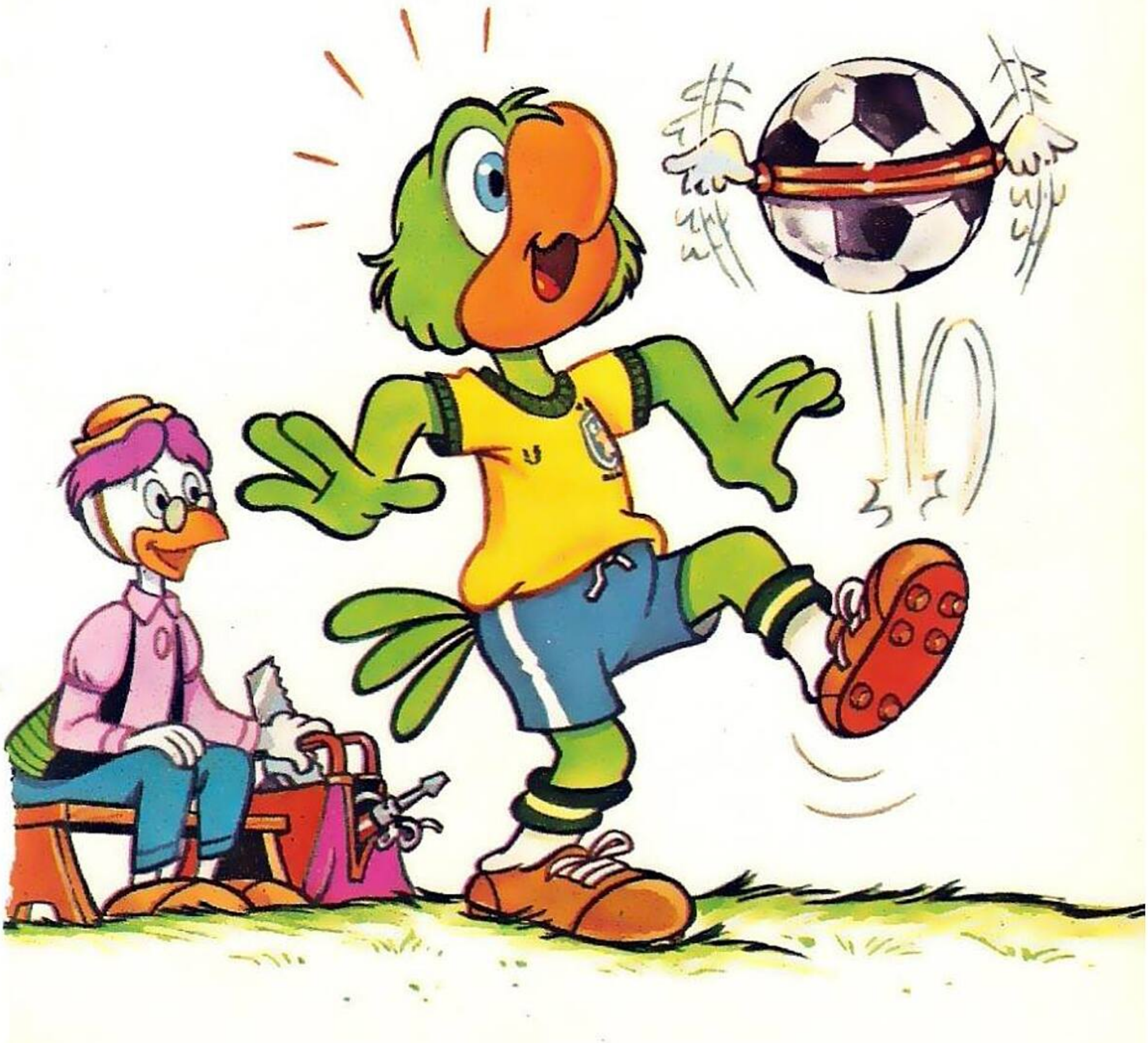
Editor: Victor Civita

© Copyright Walt Disney Productions
Consultoria: Carlos Maranhão
Scans: Eudes Honorato
Copa do Mundo de 2010
O Manual da Copa do Mundo é uma publicação
da Abril S/A Cultural e Industrial.
Caixa Postal 2372, São Paulo, Brasil.
Rapadura Açucarada
ScanKharado
1 3 5 4 2
82 84 86 85 83

Manual da
COPA DO MUNDO

WALT DISNEY

Manual da COPA DO MUNDO



A bola está no centro do gramado. Daqui a pouquinho, a 13 de junho de 1982, começa na Espanha a 12.ª Copa do Mundo. Nossos corações vão bater mais forte e nos quatro cantos do país haverá apenas um desejo: que o Brasil volte com o tetra!

Com a Seleção Brasileira em campo, não há quem resista. Até os que nunca ligaram para futebol (mas será que eles existem mesmo?) acabam virando torcedores, contagiados pela vibração geral.

Foi por causa disso tudo, aconselhados pelo Zé Carioca e sua turma — Rosinha, Nestor & Cia. —, que resolvemos preparar o **Manual da Copa do Mundo.**

Este manual está cheio de histórias, informações, dicas e fatos divertidos para que você acompanhe e se entusiasme junto com os nossos craques. Afinal, a vitória final também será sua.

E **olé!** — que a Espanha nos espera com muitas surpresas e grandes emoções.

ZÉ CARIOCA E A ALEGRIA DO POVO

Quem conhece o Zé Carioca sabe que ele tem três grandes alegrias na vida: Rosinha, o carnaval e o futebol. Sempre que não está fugindo dos seus credores, ou namorando a Rosinha, ou sambando na escola de samba, o grande divertimento do Zé é o futebol. Pode ser uma "pelada" na praia, um tira-teima num campinho de subúrbio, futebol de salão, futebol com bola de meia na calçada, pode até ser futebol de botão: em matéria de futebol, o Zé topa qualquer parada. E não escolhe posição: goleiro, beque, meio-campo, técnico, gandula e até juiz. Por amor ao futebol, o Zé aceita até ser chamado de ladrão!

Seu amigo de aventuras em geral e futebolísticas em particular é o Nestor. Os dois já jogaram numa porção de times e fundaram outros tantos, cuja lista é grande.

Times que eles **fundaram:**

— **Brejeiros da Tijuca F.C.;**

— **Ás Méier F. C.** (cujos jogadores não davam uma dentro e por isso o time ficou **Ás Neiras F. C.**);

— **L.O.U.R.O. (Liga das Otoridades Unidas do Rio Orora,** nome que foi impugnado por um jogador que entrou no time e conhecia um pouco de ortografia; para não ficar **L.A.U.R.A.,** o nome do time foi mudado);

—**A.R.R.A.S.A. (Associação Recreativa do Rio Aurora e Serra das Araras,** sucessora do **L.O.U.R.O.** e que era sempre arrasada pelos adversários);

—**A.A.E.A. (Associação Atlética Estamos Aí);**

— **Vai Levando Futebol Clube;**

— **D.B.Q.T.F.C. (Dá de Bico Que é Taça F.C.);**

— **12 de Outubro F.C.** (que, após apanhar de 16 a 0, foi "promovido" a **16 de Outubro F.C.**);

— **S.P.E.C. (Sai Pralá Esporte Clube,** que a galera apelidou de **Saco de Pancada E.C.,** pois não ganhava uma);

— **V.R.F.C. (Vai ou Racha Futebol Clube,** que acabou rachando);

— **N.B.N.A.F.C. (Na Bola e No Apito Futebol Clube);**

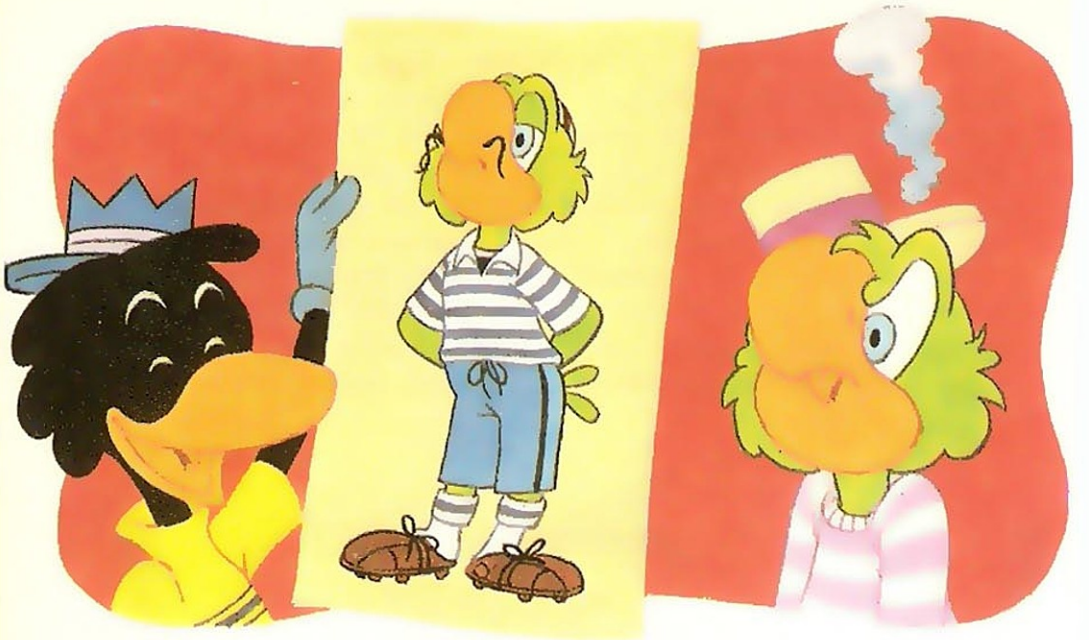
— **P.I.M.B.A. (Papagaios Independentes do Morro da Botina e Arredores);**

— **Fúrias do Morro Atlético Clube** (cujos jogadores eram tão velhos que o time ganhou o apelido de **Múmias do Morro Artrítico Clube).**

Times que eles **afundaram:**

Todos os times acima.

Mas no esporte, como ensinam as Olimpíadas, o importante é competir. Por isso o Zé Carioca vai em frente e pede passagem para mostrar tudo o que sabe sobre futebol, a **alegria do povo.**



futebol foi sofrendo uma acelerada evolução. Por isso, em 1885 iniciava-se lá o profissionalismo no futebol. No ano seguinte era criado o *International Board,* entidade encarregada de fixar e eventualmente mudar as regras do jogo. Para regulamentar o futebol profissional e organizar campeonatos fundou-se em 1888 a *Football League.*

A questão da arbitragem foi resolvida em 1890, com a definição e legalização das atribuições do juiz. Em 1891 era criado o pênalti, por sugestão da Federação Irlandesa.

A FIFA (Federação Internacional de Football Association), entidade que preside ao futebol no mundo, era fundada em 1904 em Paris, mesmo sem o apoio da Inglaterra. Somente no ano seguinte os ingleses adeririam à entidade.

Nos Jogos Olímpicos o futebol foi admitido em 1900, com apenas 2 participantes: a Grã-Bretanha venceu a França por 4 a 0. Nos Jogos de 1924, em Paris, o futebol sul-americano aparecia no cenário internacional: o Uruguai derrotava a Suiça na final, por 3 a 0. Em 1928 a seleção uruguaia sagrava-se bicampeã olímpica: 2 a 1 sobre a Argentina, em Amsterdam, Holanda.

Finalmente, em 1929 acontecia o fato mais marcante na história do futebol: a FIFA decidia realizar a primeira Copa do Mundo, disputada no Uruguai em 1930. Assim, o futebol afirmava-se como o esporte mais popular do mundo.

A HISTORINHA DO NOSSO FUTEBOL

Eram uns homens muito sérios, de bigodes enormes e calções largos. Embora morassem no Brasil — mais exatamente em São Paulo —, só falavam em inglês. Chamavam o goleiro de *goal-keeper*, a bola de *ball* e o novo jogo que haviam acabado de importar da Inglaterra tinha o nome de *foot-ball*.

Foi com eles, no final do século passado, que o futebol começou em nosso país. Atualmente, essa é não apenas a maior paixão dos brasileiros como também o esporte mais popular do mundo inteiro.

Naquela época, porém, o futebol não passava de um estranho passatempo de pessoas ricas e elegantes.

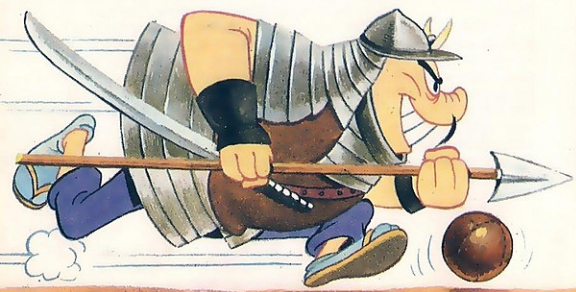
Quem visse os jogadores correndo no campo da Várzea do Carmo, na capital paulista, onde em abril de 1895 (faz muito tempo, não?) disputaram a histórica partida inaugural (São Paulo Railway 4 x 2 Companhia de Gás), sem dúvida acharia graça.

— Olha aí! — exclamaria um espectador, sem entender nada. — Vê se tem cabimento... 22 marmanjos brigando por uma bola!

— Por que não dão uma

OS PRIMEIROS TEMPOS DO FUTEBOL

As primeiras referências na história a umesporte que pode ter sido o "vovô" do futebol remontam ao ano 2500 a.C. e sua invenção é atribuída ao imperador chinês Huang-ti. O jogo tinha por finalidade treinar soldados. Era disputado com uma bola de couro que se lançava além de duas estacas cravadas no chão.



Na antiguidade grega apareceu uma variante desse jogo, denominada *epyskiros*. Era praticado em Esparta no século I a.C. por equipes de quinze atletas que chutavam uma bexiga de boi cheia de areia. Pouco depois, surgia em Roma o *harpastum*, considerado o primeiro futebol jogado com esquema preestabelecido. Os militares que o disputavam dividiam-se em dois grupos: defensores e atacantes.

Na Idade Média apareceu na Itália o *gioco del calcio*, com equipes formadas por 27 jogadores, geralmente nobres. O gol era marcado quando a bola passava por cima de dois postes.

Na segunda metade do século XVII, os partidários do rei Carlos II, refugiados na Itália, levaram o *gioco del calcio* para a Inglaterra quando seu soberano foi restaurado no trono. Para este jogo o terreno tinha que medir 120 por 180 metros e em suas extremidades havia dois postes de madeira, chamados *goal*. A bola já era de couro, cheia de ar.

Na Inglaterra o futebol começou a evoluir e transformar-se num esporte escolar. Mas suas regras variavam muito, especialmente quanto ao uso das mãos no jogo. De 1810 a 1840 surgiram inúmeras regras com os nomes dos colégios onde o jogo era praticado: Eton, Harrow, Rugby, Shresbury, Westminster. Cada regra, porém, tinha características próprias, impedindo a disputa entre equipes de colégios diferentes. A questão foi resolvida em 1848, numa conferência realizada em Cambridge, onde se estabeleceu um código único de regras que serviria de base às leis atuais do futebol.

Notts County, o mais antigo clube de futebol inglês, pertencente até hoje à *Football League* (Liga de Futebol), aparecia em 1862. No ano seguinte era fundada em Londres a *Football Association*, que adotava, com ligeiras modificações, o regulamento de Cambridge.

A primeira partida internacional foi realizada em 1863 no Queen's Park de Glasgow, entre as representações da Escócia e Inglaterra, registrando-se um empate de 0 a 0. Em 1883/84 realizava-se o primeiro torneio internacional do mundo: o Campeonato Interbritânico.

Sempre na Inglaterra, o

bola para cada um? — talvez sugerisse outro. — Assim eles parariam de brigar!

Exatamente um ano antes dessa cena, Charles Miller desembarcava no porto de Santos (SP). Estudante paulista, filho de ingleses, ele voltava da terra de seus pais, onde fora estudar.

Na sua bagagem, Charles trazia duas bolas de futebol e também as regras do jogo que aprendera na Inglaterra. Ele chegara a praticá-lo na equipe do Southampton — que por sinal existe até hoje — e achou interessante divulgá-lo por aqui.

Charles Miller teve um papel tão importante para a criação do futebol brasileiro que a praça em frente ao estádio do Pacaembu, em São Paulo, foi batizada com o seu nome. Graças a ele, o jogo em que 22 marmanjos brigavam por uma bola acabou virando um sucesso.

E logo surgiam os primeiros clubes. Em São Paulo, a Associação Atlética Mackenzie, o Internacional, o Germânia e o São Paulo Athletic. No Rio de Janeiro, o Fluminense.

Só que no começo esses times, ligados a colônias estrangeiras (inglesa e alemã, principalmente), só aceitavam jogadores da chamada sociedade. Isto é: rapazes de boas famílias, brancos, cheios de dinheiro, alunos dos melhores colégios. Se vivesse naquela época, Pelé, por ser preto e pobre, não conseguiria vaga em nenhuma equipe e seu talento jamais despontaria.

Mas aí aconteceu uma coisa muito interessante. Meninos e marmanjos de todas as classes sociais não demoraram a se entusiasmar com o futebol. Como não podiam jogá-lo nos clubes fechados, improvisaram campinhos nas várzeas que rodeavam as cidades (daí a expressão "futebol de várzea"). E justamente nesses campinhos surgiram ótimos jogadores, cuja fama foi se espalhando.

Enquanto isso, os clubes das colônias estrangeiras já estavam organizando seus primeiros campeonatos, que se tornavam cada vez mais disputados. E, quando perceberam a necessidade de se reforçarem, trataram de convidar alguns jogadores daqueles campinhos de várzea.

Dessa maneira, o povo foi pouco a pouco se integrando ao futebol.

Apesar disso, não se eliminava o preconceito de cor. Quer dizer: pobre podia jogar, desde que fosse branco. A história foi mudando lá por 1910, com o aparecimento de um moço cujo pai era alemão e a mãe uma lavadeira preta. Estamos falando do fantástico

mulato Arthur Friedenreich **(veja também matéria na página 52).**

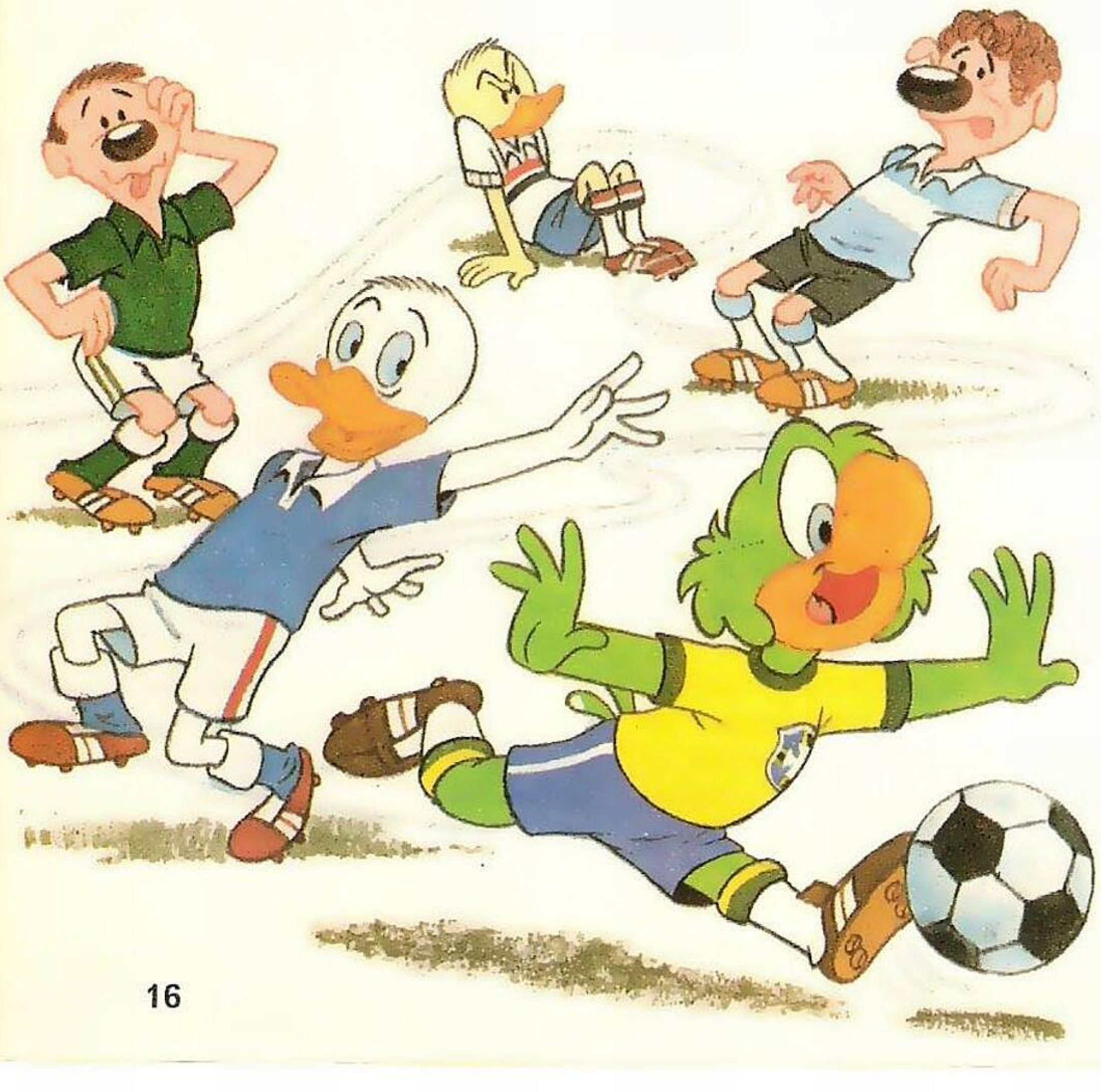
Ele foi o primeiro craque de verdade do Brasil. Graças ao seu gol contra o Uruguai, a Seleção Brasileira conquistou o Campeonato Sul-Americano de 1919, realizado no Rio de Janeiro.

Com nossa vitória — e com as proezas de Fried, como os torcedores o tratavam —, o futebol foi virando uma mania nacional. Ele se organizou com o aparecimento de federações (que reuniam os clubes do mesmo Estado) e da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), atual CBF (Confederação Brasileira de Futebol).

Como os torcedores já pagavam ingresso e os jogadores queriam ganhar dinheiro, em 1933 é instituído o profissionalismo. O futebol então torna-se um bom negócio, embora nem sempre bem administrado pelos dirigentes. Em conseqüência disso, são construídos grandes estádios: o São Januário, de propriedade do Vasco da Gama, no Rio; o Pacaembu, em São Paulo; e finalmente o gigantesco Maracanã, também no Rio, para a realização da Copa do Mundo de 1950.

O futebol brasileiro não parou mais de crescer, até chegar a se ro que é hoje em dia: melhor de todos, um fato até reconhecido pelos nossos adversários dos cinco continentes.

Como se pode ver, ele mudou muito. Os craques já não são homens de cara séria, não usam bigodões — e jogam e falam na língua que todos nós entendemos.



As seleções Paulista e Carioca admitiam estrangeiros. Aliás, qualquer jogador poderia ser convocado, desde que estivesse inscrito numa das ligas.

Por impor menos restrições, as seleções Paulista e Carioca eram as mais poderosas. Em 1913, por exemplo, o Corinthians inglês (que inspirou a criação do Corínthians de São Paulo), excursionando pelo Brasil, ganhou da Seleção Brasileira. Mas perdeu para a Carioca... que tinha os ingleses Welfare, Robinson e Pullen em seu time!

A verdadeira Seleção Brasileira apareceu em 1914, quando se formou um combinado Rio-São Paulo, que enfrentou e venceu o Exeter City, da Inglaterra, no campo do Fluminense — e a Argentina, em Buenos Aires.

O uniforme que usavam era assim: calção e camisa brancos, com braçadeiras vermelhas. No Sul-Americano de 1919, nosso time estreava o uniforme que seria adotado por muitos anos: camisa branca de gola azul, calção também azul e, no peito, o escudo da CBD na mesma cor.

Com esse uniforme, o Brasil perdeu a Copa do Mundo de 1950 diante dos uruguaios, em pleno Maracanã.

Foi uma decepção tão grande que os dirigentes resolveram mudar até o uniforme da Seleção.

Desse modo, a partir dos Jogos Olímpicos de 1952, ela passou a adotar a camisa amarela, com golas e punhos verdes, além de calções azuis com frisos brancos — com as mesmas cores da bandeira nacional, percebeu?

E foi com esse uniforme, modificado em pequenos detalhes, que o Brasil, em 1958, na Suécia, sagrou-se pela primeira vez campeão do mundo. É verdade que, na final, entramos em campo com nossas camisas número dois, azuis, porque os suecos, nossos adversários na final, usavam igualmente camisas amarelas. Perdendo no sorteio, trocamos de roupa — e ganhamos o campeonato.

No uniforme atual, o escudo da CBF, ex-CBD, leva em cima três estrelinhas douradas. Cada uma das estrelas representa as Copas do Mundo que vencemos: além da Copa de 1958, na Suécia, a de 1962, no Chile, e a de 1970, no México.

Se voltarmos com o título da Espanha, como todos nós esperamos, mais uma estrela será bordada na camisa amarela da nossa Seleção.

A SELEÇÃO BRASILEIRA

Nestor ficou nervoso na reunião do clube, quando um diretor propôs que se convidasse o goleiro Valdir Fera, da Vila São José, para o time do Brejeiros:

— Não entra não! No Brejeiros da Tijuca só joga quem mora no bairro!

— Mas o que é isso, Nestor? — falou Zé Carioca. — Larga de ser bairrista. Os clubes contratam quem é bom de bola. Onde o jogador nasceu

não faz a mínima diferença.

Aí o Nestor teve de ouvir a longa história da Seleção Brasileira para se convencer. No fim, é claro, Valdir Fera foi aceito e entrou para o time.

E a história que o Zé contou foi esta:

No início, nosso futebol tinha somente quatro seleções. Havia a Brasileira propriamente dita, formada quase sempre apenas por paulistas e cariocas; a Estrangeira, composta principalmente por ingleses e alemães que aqui viviam; a Paulista, integrada pelos melhores atletas da Liga Paulista; e também a Seleção Carioca, com os jogadores da Liga Metropolitana do Rio de Janeiro.

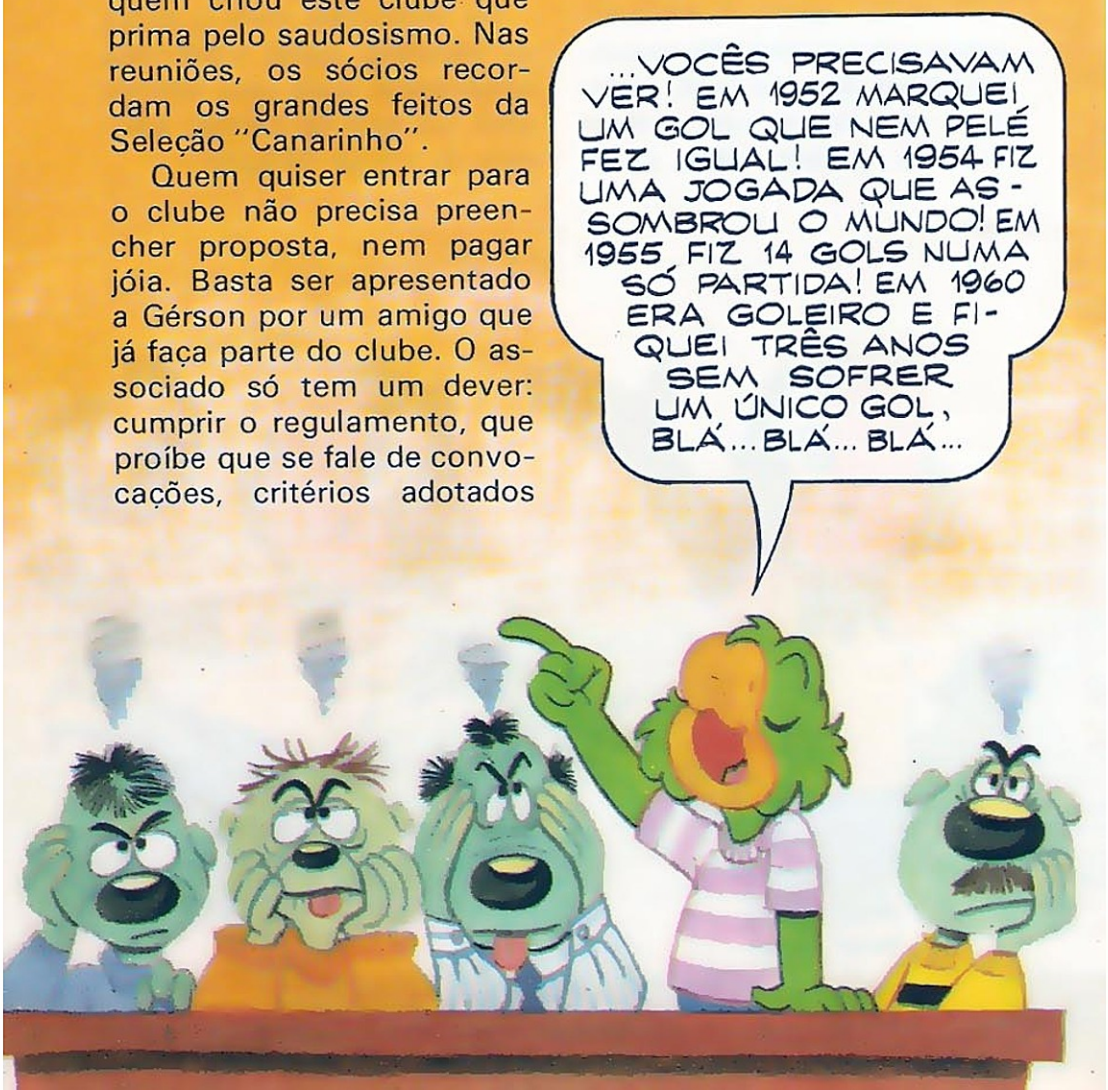
SAUDADE TAMBÉM TEM CLUBE

Desde 1958, sempre na última quinta-feira de cada mês, um grupo de homens de várias idades e profissões reúne-se em Belo Horizonte para jantar. Jantar e falar de futebol.

Eles fazem parte de uma estranha sociedade, o Clube dos Amigos da Seleção Brasileira. Foi Gérson Sabino, um ex-jogador de futebol, quem criou este clube que prima pelo saudosismo. Nas reuniões, os sócios recordam os grandes feitos da Seleção "Canarinho".

Quem quiser entrar para o clube não precisa preencher proposta, nem pagar jóia. Basta ser apresentado a Gérson por um amigo que já faça parte do clube. O associado só tem um dever: cumprir o regulamento, que proíbe que se fale de convocações, critérios adotados por dirigentes e técnicos e futebol do presente ou do futuro. Ali o assunto é um só: futebol do passado.

E sabem por que o Zé Carioca não é sócio desse clube? Porque o regulamento proíbe também que se fale mal de jogadores de futebol, principalmente daqueles que já vestiram a camisa da Seleção . . .



TODOS OS NOSSOS TÍTULOS

Ninguém podia imaginar que, a partir daquela tímida estréia contra o time inglês do Exeter City, em 1914, a Seleção Brasileira conseguiria tantas vitórias, até chegar a ser considerada a dona do melhor futebol do mundo...

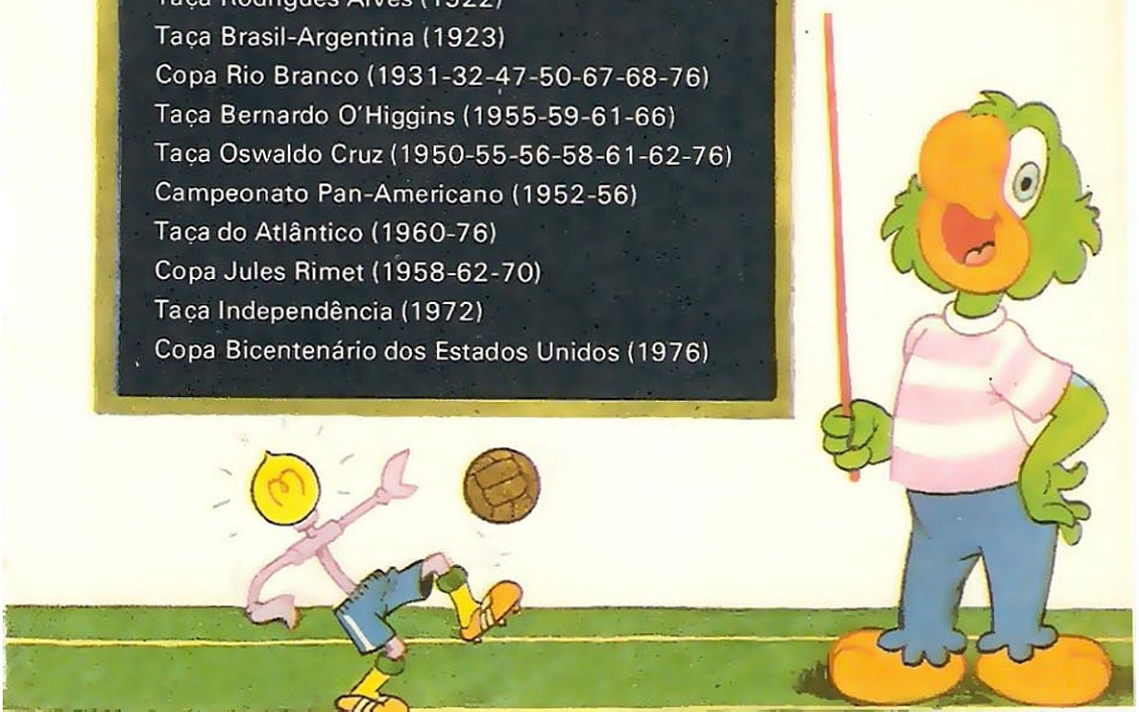
Pois é. Segundo a Confederação Brasileira de Futebol, contando-se o último jogo realizado em 1981 (3 x 0 contra a Bulgária, no estádio Olímpico de Porto Alegre), o Brasil já disputou 526 jogos, registrando 342 vitórias, 98 empates e 86 derrotas.

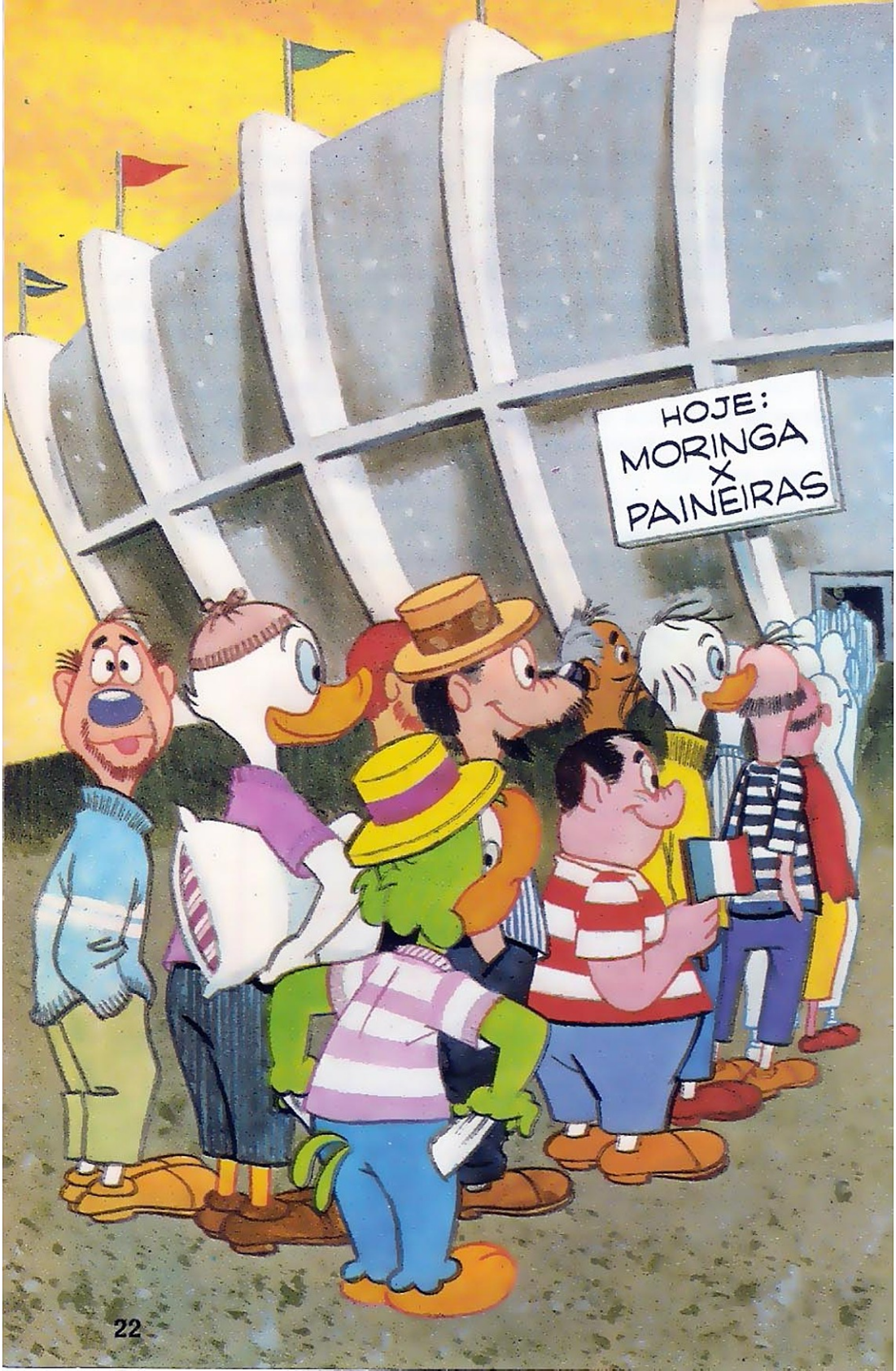
Falar de bom futebol é falar de gols. E, também até o final de 1981, a Seleção Brasileira marcou nada menos do que 1 279 gols, sofrendo apenas 560.

Além de todos esses gols e de todas aquelas vitórias, nossa Seleção já conquistou inúmeros e importantes títulos internacionais.

Dê uma olhadinha no quadro abaixo:

Copa Roca (1914-45-57-60-63-71-76)
Campeonato Sul-Americano (1919-22-49)
Taça Rodrigues Alves (1922)
Taça Brasil-Argentina (1923)
Copa Rio Branco (1931-32-47-50-67-68-76)
Taça Bernardo O'Higgins (1955-59-61-66)
Taça Oswaldo Cruz (1950-55-56-58-61-62-76)
Campeonato Pan-Americano (1952-56)
Taça do Atlântico (1960-76)
Copa Jules Rimet (1958-62-70)
Taça Independência (1972)
Copa Bicentenário dos Estados Unidos (1976)




HOJE:
MORINGA
X
PAINEIRAS

ZÉ "PENETRA"

Era o dia do grande jogo Moringa versus Paineiras pela decisão do campeonato. Tipo do jogo que um verdadeiro fanático por futebol não podia perder. E era esse o motivo da aflição do Zé Carioca: justamente naquele domingo ele estava (como quase sempre, aliás) sem um centavo no bolso. Que drama! O estádio do Balangandã já estava lotado e o jogo ia começar . . .

Sem encontrar um amigo que pudesse emprestar-lhe dinheiro, o Zé resolveu "apelar para a ignorância". Chegou próximo do porteiro do portão n.º 5, assim como quem não quer nada e, de repente, gritou:

— Olha! Um disco-voador! — e apontou para longe.

Imediatamente, o porteiro voltou-se para olhar. Era isso que o Zé queria. Então, ele foi-se enfiando de mansinho pela borboleta e, quando o golpe ia dando certo . . . PIMBA! — o porteiro percebeu e colocou o vivaldino para fora.

— O negócio é tentar a outra entrada — pensou o Zé. E lá foi para o portão n.º 4, onde viu um pai com uma fila enorme de filhos passando pela borboleta. Logo o Zé arranjou um lugarzinho no fim da fila, agachou-se e foi entrando como se fosse um garotinho, também. Mas o porteiro, que não era bobo, viu que faltava uma entrada e que de garotinho o Zé não tinha nada. Mandou-o para fora.

O tempo foi passando, mas o Zé não desistia. Tentou entrar pelo portão n.º 3, mas foi barrado. No portão 2, também. Irritado, o Zé investiu contra o portão n.º 1. Mostrou uma carteirinha ao porteiro e foi entrando.

— Imprensa! — disse. Mas logo ouviu um chamado:

— Espere aí, mocinho! Isso não é credencial de jornalista: é a carteirinha de sócio do Brejeiros da Tijuca!

O Zé sentiu um frio na espinha. Como é que ele descobriu? Só então nosso herói viu que o porteiro era o seu grande amigo Nestor.

— Ô, Nestor, se eu soubesse que você estava dando essa de porteiro, rapaz! Escuta . . . posso entrar?

Sabendo que, se perdesse aquele jogo, o Zé poderia ficar doente, Nestor resolveu concordar:

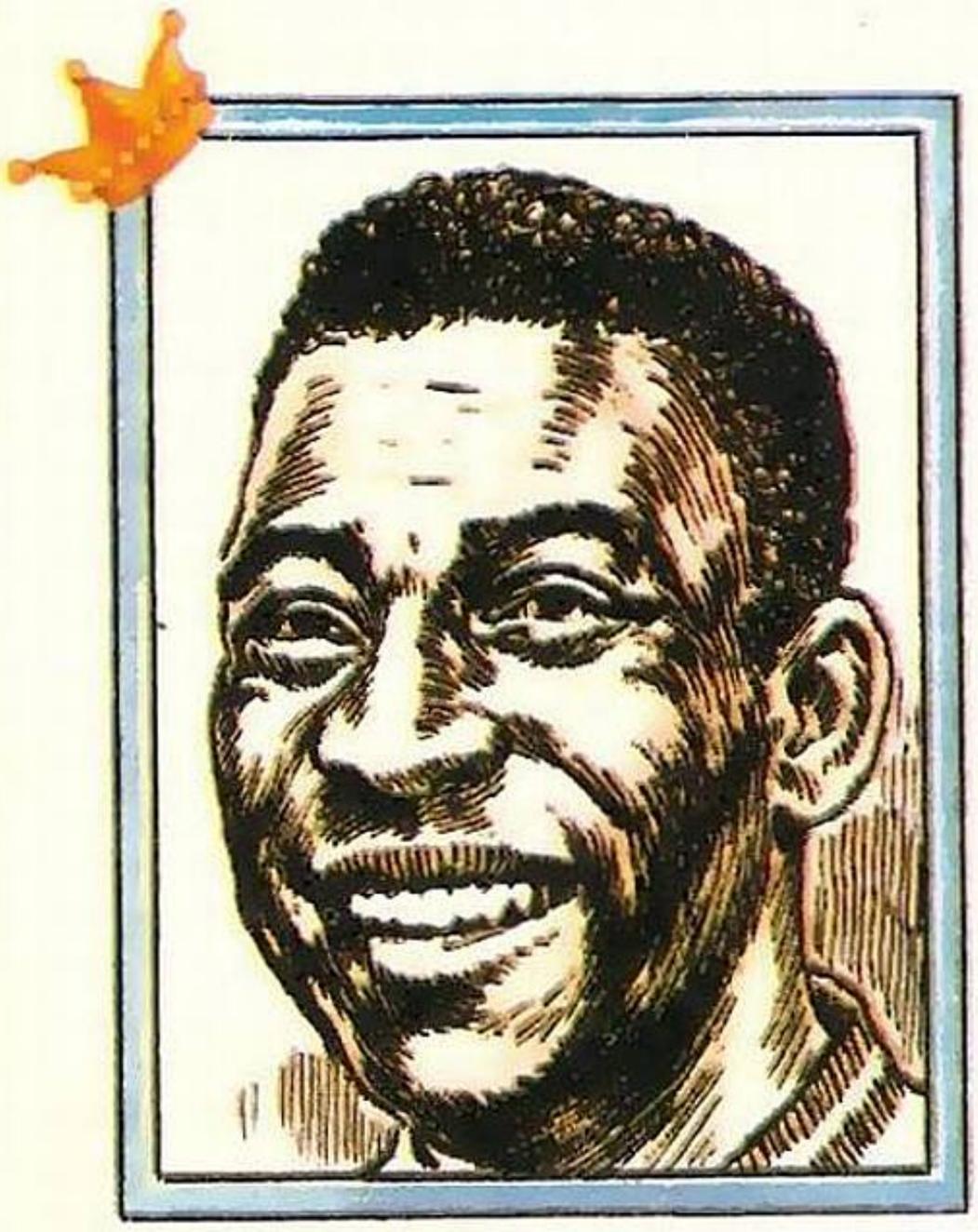
— É claro, Zé, vá entrando . . .

E o Zé foi, todo radiante, correndo para as gerais. O estádio estava estourando, de tão lotado. Mas, depois de muito procurar, ele encontrou uma beirada e sentou-se.

— Ufa! — suspirou ele. — Custou, mas vou finalmente ver este jogo!

Nesse instante . . . PRRIRRIIIU! — o juiz trilou o apito, encerrando a partida. E o Zé — coitado! — ficou com tanta raiva que até perdeu a voz.

O REI PELÉ



Os olhos de Nestor se arregalaram:

— Quer dizer, Zé, que o Pelé não foi o melhor jogador do mundo?

— Não — respondeu Zé Carioca, com um sorriso muito matreiro —, a verdade é outra.

Nestor ficou muito preocupado. Afinal de contas, ele conhecia como ninguém a carreira do Pelé, o rei do futebol. Sabia que seu maior ídolo nascera em Três Corações, Minas Gerais, a 23 de outubro de 1940, com o nome de Édson Arantes do Nascimento. Que começou a jogar na cidade paulista de Bauru. Que estreou como profissional do Santos Futebol Clube em 1956, numa partida em que fez seu primeiro gol, contra o Coríntians de Santo André (SP). Que marcou precisamente 1 289 gols em toda a sua carreira. Que vestiu 110 vezes a camisa da Seleção Brasileira. Que é o único jogador tricampeão do mundo. Que fez gol de pé direito, de pé esquerdo, de cabeça, de peito, de calcanhar, de joelho, de bicicleta — só não fez gol do meio do campo.

— E então, Zé? — concluiu Nestor, tomando fôlego.

— Bem, é que ele não é somente o melhor jogador do mundo. Pelé é o maior atleta do século. Entendeu agora, Nestor?

GOL DE PLACA

Quando Zé Carioca foi assistir àquela partida entre Santos e Fluminense, não esperava que fosse observar um fato marcante na história do futebol brasileiro. Era o dia 25 de março de 1961. A tranqüila vitória do Santos por 3 a 1 seria apenas uma a mais no cartel do famoso clube, não fosse o gol que Pelé marcou para a história do futebol, após driblar seis adversários na corrida, inclusive o goleiro Castilho. Foi um gol tão magistral que ficou imortalizado numa placa de bronze que se encontra até hoje no Maracanã. E esse tento de Pelé ficou conhecido como **gol de placa.**

O MILÉSIMO GOL

Suspense! Emoção! Pelé começa a correr em direção à bola. O público do Maracanã está ansioso. Todos aguardam, na partida entre Vasco e Santos, o gol histórico. Com sua classe habitual, Pelé chuta a bola e marca o seu **milésimo gol.**

São 23 horas e 11 minutos do dia 19 de novembro de 1969. A torcida manifesta-se ruidosamente com rojões, gritos e palmas. Emocionado, Pelé saúda a torcida e dedica o gol às crianças vitimadas por uma inundação em São Paulo. Era o Dia da Bandeira e, naquele exato momento, São Paulo sofria uma inundação desastrosa, ao mesmo tempo em que o homem pisava na face da Lua pela segunda vez.

SUA EXCELÊNCIA, A BOLA

O campo, as traves, os uniformes, as regras e até os jogadores e o juiz, tudo o que, enfim; existe no futebol, surgiu depois da bola. Uma das primeiras bolas que apareceram era feita de bexiga de animal. Hoje há bolas feitas dos mais diversos materiais, mas as oficiais de futebol são de couro, conforme exige a lei internacional.

Quando deixam de rolar nos campos de futebol, as bolas muitas vezes são recortadas para servir de gorro protetor para os estivadores dos portos que carregam sacos na cabeça. Mas as bolas usadas nas grandes competições têm fim menos inglório: são guardadas como verdadeiras relíquias pelos museus ou árbitros, atletas ou dirigentes que estiveram ligados à partida.

A circunferência da bola, segundo a lei (Regra 2), pode variar entre 68 e 71 centímetros e seu peso entre 14 e 16 onças (396 e 453 gramas). As bolas normalmente usadas são as de número 5 e têm 18 ou 32 gomos. São geralmente feitas a mão, por artesãos, mas há bolas fabricadas por meios mecânicos.

A fim de ser oficializada para um jogo, a bola deve ser aferida pela entidade responsável pela partida. Se o juiz achar que a sua circunferência ou o seu peso estão fora do regulamento, poderá aferi-la pessoalmente.

LEVANTA, SACODE A POEIRA...

—Ai, ai, ai, ai! Está chegando a hora!... — cantava eufórico o Zé Carioca, agitando uma grande bandeira, pois o jogo se aproximava do fim e o time dele ganhava de 2 a 0. A torcida fazia um carnaval infernal e o Zé nem mais acompanhou a partida. Só que, quando o juiz apitou o final do jogo e o Zé olhou o marcador, levou um choque: seu time tinha perdido. Nos poucos minutos finais, o time adversário tinha "virado" o jogo. E o Zé teve de enrolar a bandeira e sair do estádio, cabisbaixo.

Virada em futebol acontece quando a equipe que está perdendo "levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima", **virando** o marcador adverso e ganhando.

Triste para uns, alegre para outros, a virada é um acontecimento emocionante. São fatos comuns, mas já houve algumas viradas históricas, como na final da Copa do Mundo de 1930. O Uruguai perdia da Argentina por 2 a 1, mas virou e venceu por 4 a 2, levantando o título. Mais famosa ainda ficou a virada da Alemanha na finalíssima da Copa de 1954, quando perdia por 2 a 0 para a Seleção Húngara, franca favorita. Mas os alemães, com muita "garra", conseguiram vencer por 3 a 2, ganhando a Copa.

Uma virada curiosa: nas quartas de final da Copa de 1966, na Inglaterra, Portugal perdia por 3 a 0 para a Coréia do Norte e acabou ganhando por 5 a 3.

Entre nós, o Corintians Paulista ficou famoso por suas viradas sensacionais no passado.

QUANDO O FUTEBOL APELA PARA OS SANTOS

Em seu último jogo, o goleiro Zé Carioca engoliu tantos "frangos" que ficou supersticioso. Agora, quando entra em campo, faz uma porção de coisas estranhas: dá três batidinhas com o bico da chuteira na trave direita, arranca um pouquinho de grama e joga para o alto e dá uma corridinha em volta do gol.

— É para cercar o gol — explica o Zé com um sorrisinho maroto.

É assim que se manifesta a velha superstição brasileira. Alguém já disse que futebol é uma verdadeira devoção em nossa terra. Realmente, alguns jogadores, dirigentes e torcedores pensam assim e acendem velas, fazem orações e até "despachos" para determinado time perder ou ganhar. Certos clubes até chegaram a contratar os serviços de feiticeiros especialistas em mandingas.

Entre os jogadores os atos supersticiosos são inúmeros: entram em campo sempre com o pé direito, fazem o sinal da cruz antes de começar o jogo ou após marcar um gol, beijam seu santinho ou "colar protetor".

E isso não acontece só no futebol brasileiro. Na Copa do Mundo de 1970, o tcheco Petras ajoelhou-se no gramado com as mãos juntas, depois do gol que fez em Félix. Mais tarde o brasileiro Jairzinho repetiria o mesmo gesto . . .

Nem mesmo os juízes escapam das superstições. Como Armando Marques que, ao entrar em campo, ia de um gol a outro em linha reta, procurando não falar com ninguém antes de completar o percurso.

Nos vestiários as crendices também se revelam através das velas acesas, preces, fitinhas e outros rituais. Santana, conhecido massagista do Rio, então, chegava até a lavar o chão do vestiário para "limpar o mau-olhado" dos adversários ou algum "despacho" feito contra o seu time.

Nos longos anos que o time do Vasco passou sem ganhar o título carioca, diziam que era praga de um adversário, que havia enterrado um sapo em São Januário. Quando a Ponte Preta de Campinas atravessava uma longa fase de vacas magras, seria a praga da mãe de Pitico, jogador que tinha sido despedido pelo clube. Mas Nenen Prancha, conhecido no Rio como o "filósofo do futebol", diz: "Se macumba ganhasse jogo, o campeonato baiano terminaria sempre empatado"

O HOMEM DE PRETO

Estava tudo pronto para o início do jogo Unidos do Itororó versus Brejeiros da Tijuca. Mas, quando a partida ia começar, caiu aquele toró, alagando o campo em poucos minutos. O juiz, Armando Macas, suspendeu a partida. Pra quê?! A galera chiou horrores, isto é, a torcida, que tinha vindo de longe, contemplou o juiz com longas vaias e insultos. Mas o árbitro estava certo. Tinha simplesmente aplicado o seu poder de suspender a partida ao julgar que o campo estava impraticável.

O juiz de futebol é a autoridade máxima em campo. Cabe a ele aplicar as regras e conduzir a partida, resolvendo os casos duvidosos e divergências que surgirem. Suas decisões são finais, ou seja: o que o juiz falou, tá falado. Sua jurisdição, isto é, sua função de aplicar a lei, vale do primeiro ao último instante do jogo. Mas ele não pode decretar que uma ou outra equipe seja desclassificada e considerada perdedora. Quem vai julgar

sua decisão, através de seu relatório, é o Tribunal de Justiça Desportiva. Um jogo poderá ser anulado se o juiz incorrer num destes casos: a) erro de direito (erro na interpretação da lei); b) suborno; c) coação.

A função e a competência do juiz estão definidas na Regra 5 do Regulamento do *International Board.*

Para desempenhar bem a sua função, o juiz deve conhecer profundamente as leis do futebol; ser absolutamente justo e imparcial; finalmente, deve ter boa saúde e bom preparo físico, para poder acompanhar a bola por todo o campo e ver de perto os lances.

AS CORES FALAM PELO JUIZ

Em jogos internacionais, quando surgia um qüiprocó, o campo virava uma autêntica torre de Babel: ninguém entendia ninguém.

Vocês já imaginaram um árbitro coreano apitando uma partida entre Turquia e Iugoslávia? Como ele poderia advertir um jogador faltoso e ser compreendido?

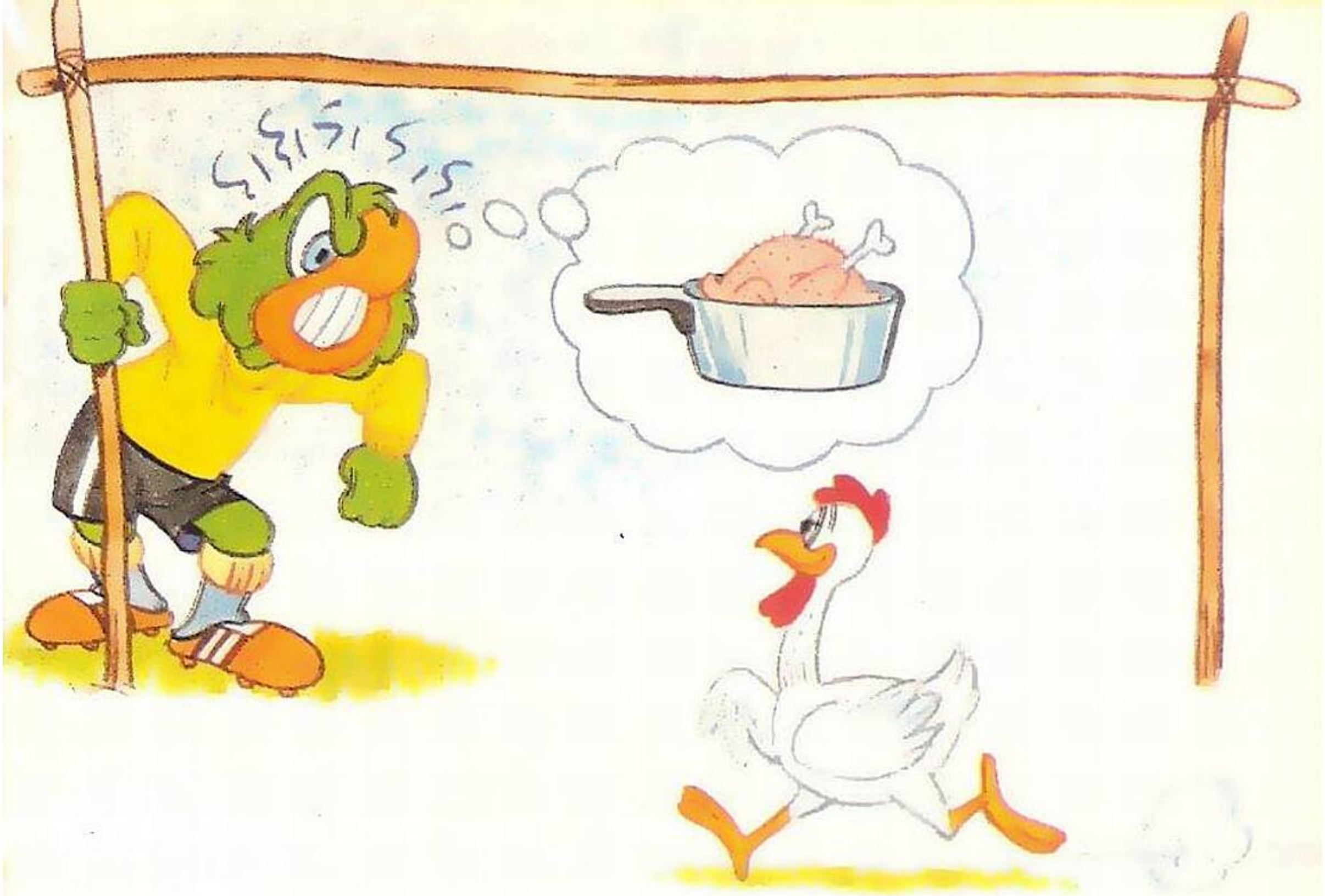
Então, o *International Board* — órgão da Federação Internacional de Futebol encarregado das regras do jogo — teve um estalo na cuca. E acabou criando uma forma de comunicação visual, uma linguagem que pudesse ser entendida por todos: os cartões amarelo e vermelho.

Hoje, todo juiz tem no bolso esses cartões e os jogadores sabem o que eles significam. O amarelo representa uma advertência e o vermelho quer dizer que o faltoso está expulso.

O AUXILIAR DO JUIZ

Bandeirinha é o apelido do **fiscal de linha,** que atua junto à linha lateral do campo com uma bandeira na mão. É o auxiliar do juiz e sua função é importante, tanto que é objeto da Regra 6 do futebol. Nos jogos internacionais ou decisões de campeonato, são escalados três árbitros de primeira categoria. Depois, é feito um sorteio: um deles será o juiz e os outros dois ficarão como fiscais de linha.

A função principal do bandeirinha é indicar quando a bola sai de campo. Quando autorizado pelo juiz, ele poderá também assinalar os impedimentos. Só que cabe ao juiz aceitar ou não essa indicação, pois ele é o único com poder de decisão.



QUEM TEM MEDO DE FRANGO?

Sim, senhor... o "frango" é um bicho assustador e todo mundo tem medo dele. Especialmente quando o bicho entra no gol do time da gente. Claro que falamos do "frango" no futebol. Mas quem tem mais medo do famigerado galináceo é o goleiro. Quando ouve falar em "frango" até perde o apetite, pois só ele tem o "privilégio" de tomar um. "Frango" é o gol marcado em conseqüência de uma falha clamorosa do goleiro, que deixa entrar em sua meta uma bola fácil.

Nesse tipo de jogada, a bola muitas vezes passa por baixo das pernas do coitado do goleiro. É o que acontece, aliás, quando a gente tenta agarrar um franguinho esperto no galinheiro.

O "frango" também ocorre se o goleiro demora para pular depois de um chute fraco do atacante.

Agora, muita atenção: nem todo "frango" é "frango". Antes de culpar o goleiro, veja bem se a bola não bateu num morrinho ou não desviou no zagueiro...

A ALEMANHA É UM PERIGO

Tão loiros, fortes, corados e jogam duro. Mas, por favor, não chame os alemães de "atletas de cintura dura". Primeiro porque os jogadores não vão achar nenhuma graça. E depois porque isso não é verdade.

Antigamente, todo europeu tinha fama de "cintura dura". Isso quer dizer: apesar do intenso preparo físico, não contavam com a habilidade de corpo do jogador sul-americano — e do brasileiro, principalmente. Nós achávamos que eles eram incapazes de driblar ou de enfrentar a nossa técnica.

Isso hoje em dia é uma grande bobagem, porque os europeus evoluíram muito nesse esporte. E dos alemães então nem se fala.

Para você ter uma idéia, saiba que a Seleção da Alemanha Ocidental — ou República Federal da Alemanha, nome oficial do país — já ganhou duas Copas (em 1954, na Suíça, e em 1974, na sua própria terra). Além disso, ela foi uma vez vice-campeã (em 1966, na Inglaterra, cujo time por sinal ficou com o título) e duas vezes terceira colocada (1934 e 1970). É um cartel de muito respeito, vocês não concordam?

Sua atuação nos mundiais (só esteve ausente em 1930 e 1950) sempre foi marcante, tal como na vitória sobre a Hungria na final de 1954. Na primeira fase, os húngaros golearam os alemães por 8 x 3. Depois de muitas peripécias, a Seleção Alemã chegou à grande decisão, e nesta partida derrotou os mesmos húngaros por 3 x 2, de "virada" (perdiam por 2 x 0). Foi uma "zebra" tão grande que, se nessa época houvesse Loteria Esportiva entre nós e esse jogo figurasse no teste, provavelmente ninguém teria conseguido fazer 13 pontos!

A Alemanha Ocidental voltaria a brilhar em 1966, só perdendo na final para os ingleses. E mesmo assim na prorrogação — e com um gol muito duvidoso. E em 1970, embora perdendo nas semifinais para a Itália, num dos jogos mais emocionantes de todas as Copas (4 x 3, na prorrogação), a Alemanha conquistou o terceiro lugar. Nesse ano, eles se vingaram dos ingleses, eliminando-os nas quartas-de-final, também na prorrogação.

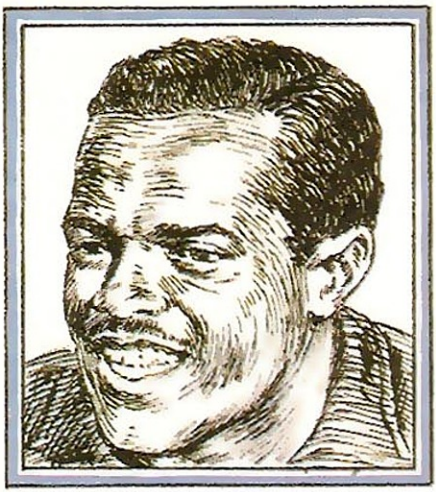
Já em 1974, em sua casa, a Alemanha ganhou a Copa do Mundo pela segunda vez. Comandada pelo fantástico Franz Beckenbauer, conhecido como *Kaizer* (imperador, em alemão), e pelo artilheiro Gerd Müller, bateram a Holanda na finalíssima por 2 x 1.

Se na Argentina, em 1978, não foram lá muito bem, desta vez, na Espanha, são considerados um dos favoritos.

E é bom a gente tomar cuidado mesmo. De "cintura dura" eles não têm nada!

* TRADUÇÃO: NÃO ME VENHA COM ESSA CONVERSA DE PÊNALTI! ENTENDEU BEM?

O "DIAMANTE NEGRO"



Leônidas da Silva foi um jogador tão **precioso** no futebol brasileiro que ganhou o apelido de **Diamante Negro.** Nascido em 1913 no Rio de Janeiro, com 17 anos já defendia o Bonsucesso. Logo aquele jogador, que prometia ser um dos maiores centroavantes do futebol brasileiro, começou a ser disputado por vários clubes. O Peñarol de Montevidéu ganhou a parada e Leônidas foi jogar no Uruguai.

De volta ao Brasil em 1934, entrou no Vasco da Gama e nesse mesmo ano participou da Copa do Mundo. Mas foi na Copa de 1938, na França, que o grande futebol de Leônidas brilhou mais intensamente. Como artilheiro do certame, marcou para o Brasil 7 gols em quatro jogos!

Em 1941, Leônidas, que jogava pelo Flamengo, transferiu-se para o futebol paulista, contratado pelo São Paulo. Sua estréia no São Paulo fez tanta sensação que marcou um recorde de público: mais de 70 000 pessoas lotaram o Pacaembu para ver o "Diamante Negro".

"Pendurando as chuteiras", Leônidas tornou-se primeiramente técnico do São Paulo; depois passou a ser comentarista de futebol de uma emissora da capital paulista.

A "BICICLETA" DE LEÔNIDAS

Ele se jogou no ar, de costas para o gol, com o corpo na horizontal e, quando a bola passou por cima, chutou-a para trás, marcando um gol antes nunca visto. Assim, Leônidas da Silva inventava a "bicicleta", verdadeira acrobacia futebolística que requer agilidade e grande capacidade de improvisação.

Hoje em dia qualquer jogador sabe dar uma "bicicleta". Mas o primeiro gol feito dessa forma foi de Leônidas, que se caracterizou por suas bicicletas famosas.

— É possível que o gol de bicicleta não seja criação minha, mas antes de mim nunca vi ninguém fazê-lo — é o que diz o próprio Leônidas da Silva.

O GOL DE PÉ DESCALÇO

Leônidas da Silva jogava com a sua classe habitual, defendendo o Brasil contra a Polônia na Copa do Mundo de 1938, quando sua chuteira direita estourou. Não tendo outra de reserva, ele jogou a chuteira para fora do gramado a fim de que fosse consertada . . . e ficou em campo com o pé descalço. Enquanto seu calçado era reparado, houve uma falta contra a Polônia: o ponta Hércules cobrou com violência e, no rebote, a bola sobrou para Leônidas. O "Diamante Negro" não teve dúvidas: encheu o pé descalço para valer, e valeu: o juiz deu o gol, que acabou ficando na história do nosso futebol.

AS SELEÇÕES E OS SEUS UNIFORMES

Quem não conhece a camisa amarela da Seleção Brasileira, por isso mesmo apelidada de **canarinho?** Ou a azul da Seleção Italiana, não por acaso chamada de **Squadra Azzurra?**

Mas há outras que quase ninguém conhece, mas estarão pela primeira vez participando da Copa do Mundo: Honduras, Argélia, Camarões, Kuweit e Nova Zelândia.

De qual dos uniformes você gosta mais?

Seja qual for a sua preferência, lembre-se do seguinte: hoje em dia, na Copa, as emissoras de televisão — que compram os direitos de transmissão por verdadeiras fortunas — têm muita força. Assim, pode até acontecer que, em determinados jogos, alguns uniformes sofram alterações — se a televisão julgar que as cores podem confundir as imagens, que serão transmitidas para mais de 2 bilhões de pessoas.

Alemanha

2.º uniforme: camisa verde, com gola e punhos brancos, calção branco e meias verdes.

Argélia

2.º uniforme: não tem.

Argentina

2.º uniforme: camisa azul, com três listras brancas no ombro, calção preto e meias brancas.

Áustria

2.º uniforme: camisa vermelha, com gola e punhos brancos e uma faixa branca no ombro, calção branco, com faixa larga lateral vermelha, e meias brancas.

Bélgica

2.º uniforme: camisa vermelha, com três listras no ombro (amarela, vermelha e preta), calção preto e meias amarelas.

Brasil

2.º uniforme: camisa azul, com gola e punhos brancos, calção branco, com três listras azuis, e meias brancas, com três listras (verde, amarela e verde).

Camarões

2.º uniforme: não tem.

Chile

2.º uniforme: não tem.

El Salvador

2.º uniforme: camisa branca, com gola e punhos azuis, calção azul, com duas listras brancas, e meias azuis, com três listras brancas.

Escócia

2.º uniforme: camisa branca, com três listras azuis no ombro, calção branco, com três listras azuis, e meias brancas, com três listras vermelhas.

Espanha

2.º uniforme: camisa azul, calção azul e meias pretas com três listras (vermelha, amarela e vermelha).

França

2.º uniforme: camisa branca com gola e punhos azuis, calção azul e meias vermelhas.

Honduras

2.º uniforme: não tem.

Inglaterra

2.º uniforme: camisa vermelhá, com frisos e punhos em listras de três cores (azul, vermelho e branco), calções brancos e meias vermelhas.

Hungria

2.º uniforme: camisa branca, com listras vermelhas, brancas e verdes, calção e meias brancos.

Irlanda

2.º uniforme: não tem.

Itália

2.º uniforme: camisa branca, calção branco e meias azuis.

Kuweit

2.º uniforme: não tem.

Iusgoslávia

2.º uniforme: camisa branca, calção branco, com frisos azuis, e meias brancas.

Nova Zelândia

2.º uniforme: não tem.

Peru

2.º uniforme: camisa vermelha, calção e meia brancos.

Polônia

2.º uniforme: camisa branca, com gola e frisos brancos no ombro, calção e meias vermelhos.

Tchecoslováquia

2.º uniforme: camisa vermelha, gola e punhos brancos, calção branco com frisos laterais vermelhos e meias azuis.

URSS

2.º uniforme: camisa branca, com frisos vermelhos no ombro, calção e meias brancos, também com frisos vermelhos.

QUE BICHO É ESSE ?

Para entusiasmar os jogadores do Brejeiros da Tijuca, o diretor do clube prometeu que, se eles vencessem aquela partida, ganhariam um "bicho". Zé Carioca e seus companheiros esforçaram-se e acabaram vencendo o jogo.

Quando foram receber o tal "bicho", ganharam uma lagartixa cada um. Zé ficou tiririca.

— E o que vocês esperavam? — disse o diretor, gargalhando. — Bicho de pobre é assim. Mas essas são lagartixas amestradas...

No futebol, "bicho" é uma gratificação em dinheiro que o clube paga a seus profissionais, em caso de vitória ou empate. Naturalmente, o bicho é maior ou menor dependendo da importância do jogo. Muitos clubes pagam salários baixos aos jogadores propositalmente, para que eles fiquem mais motivados a ganhar o bicho e se esforcem. Isso aconteceu muito no Brasil por volta de 1940 até 1950. Mas ainda hoje muitos jogadores profissionais ganham mais dinheiro em bichos do que de salário. Isso quer dizer que, se o jogador entrar num time que vive apanhando, vai ter que "pastar", e só verá bicho se for ao jardim zoológico . . .

O MAIOR ESPETÁCULO DO FUTEBOL

Huguinho, Zezinho e Luisinho foram pedir ao tio Donald que organizasse um torneio de futebol entre a garotada do bairro. Donald topou a parada, mas, como não entendia do negócio, sem que ninguém soubesse foi pedir uma mãozinha ao Zé Carioca.

— Se você tivesse que organizar uma Copa do Mundo, então o que seria, hein, Donald? — brincou o Zé.

Com sua tarimba no futebol amador, além de quebrar aquele galho para o Donald, Zé Carioca explicou como são organizados os campeonatos de futebol e acabou contando toda a história da Copa do Mundo.

— Tudo começou em 1925, quando o francês Jules Rimet, presidente da FIFA, e o diplomata uruguaio Enrique Buero se encontraram em Genebra, na Suíça. Bateram um longo papo, planejando o primeiro certame internacional de futebol. Entusiasmados pelas vitórias da Seleção Uruguaia nos Jogos Olímpicos, eles decidiram que a primeira Copa seria realizada nesse país.

Disputada em 1930 no Uruguai, sagrou-se campeã da I Copa a representação da casa; a partir daí, foi disputada de quatro em quatro anos, interrompendo-se de 1938 a 1950, por causa da guerra. Hoje, mais de quarenta anos depois, a Copa do Mundo é o espetáculo máximo do futebol.

Na primeira competição já entrou em disputa uma copa de ouro maciço, criada pelo artesão francês Abel Lafleur. Era a Copa do Mundo, mais tarde denominada Jules Rimet em homenagem ao criador do certame.

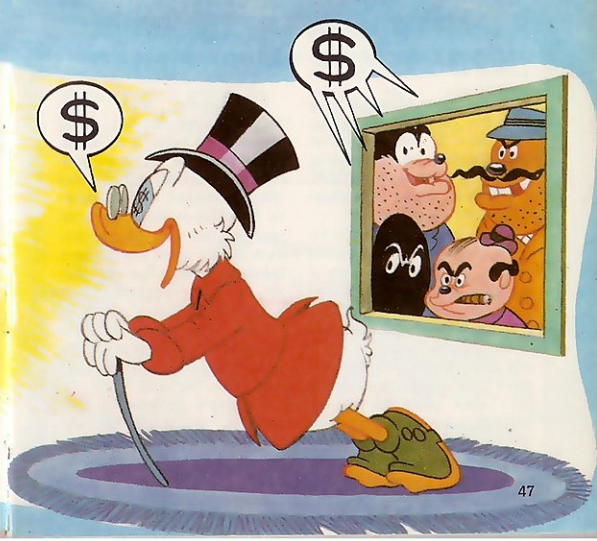
O Brasil ganhou definitivamente esse troféu por ter sido campeão mundial três vezes. Para a Copa do Mundo seguinte, realizada em 1974, foi criado outro troféu de ouro, a Copa FIFA.

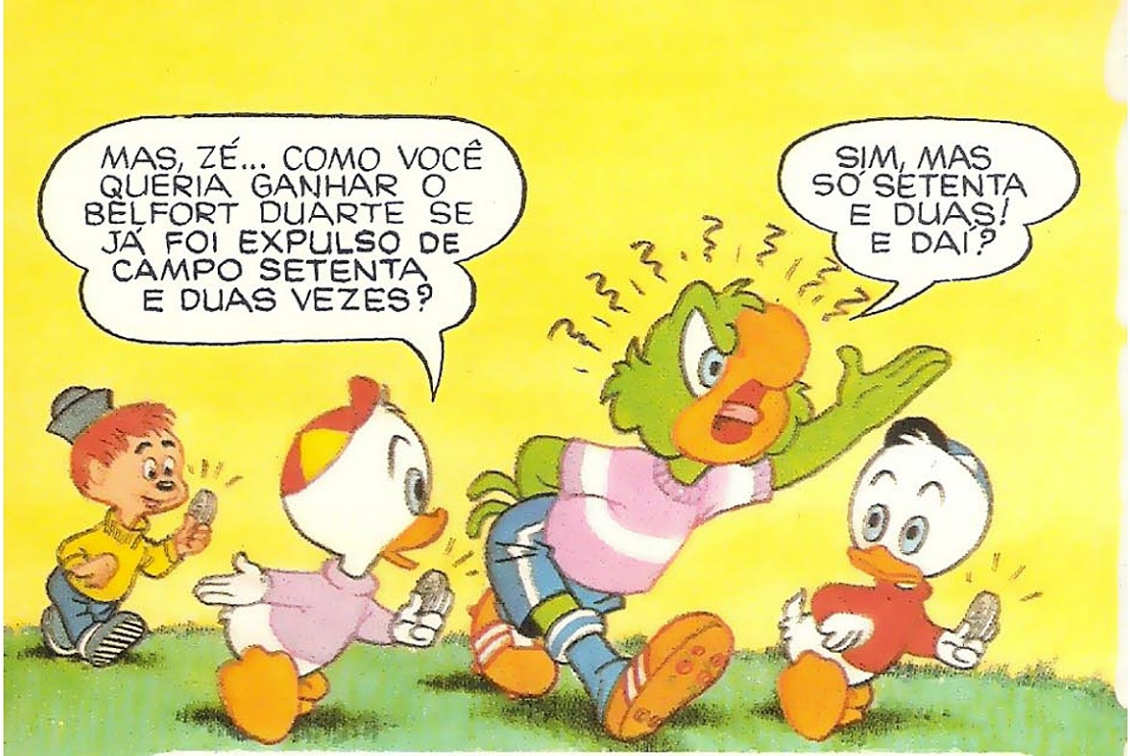
Ainda sobre a Copa Jules Rimet, há alguns casos curiosos. Durante a Segunda Guerra, o troféu desapareceu misteriosamente da sede da Federação Italiana onde estava guardado.

Só mais tarde é que Ottorino Barrassi confessou que o escondera para que ele não caísse em mãos dos soldados alemães.

Também em 1966 a Copa sumiu do Central Hall de Westminster, de Londres, deixando toda a Inglaterra preocupada. Felizmente foi encontrada por Pickless, um cão que por esse feito virou herói nacional.

— Obrigado, Zé — disse Donald. — Além de me ajudar, você me ensinou uma porção de cosias que eu não sabia — e foi para casa contar tudo aos sobrinhos.





SÓ PARA QUEM NÃO DÁ PONTAPÉ

Muita gente acha que jogador valente, de garra, com amor à camisa, precisa dar pontapé no adversário, xingar e reclamar com o juiz. Nada mais falso. E também nada mais feio.

Afinal, antes de tudo, o futebol é um esporte. E no esporte o importante deve ser a lealdade. Além disso, o torcedor que vai ao estádio paga ingresso para ver defesas arrojadas dos goleiros, passes bem dados dos armadores e gols bonitos dos atacantes. Quem gosta de assistir briga fica em casa, liga a televisão e procura um bangue-bangue para se distrair.

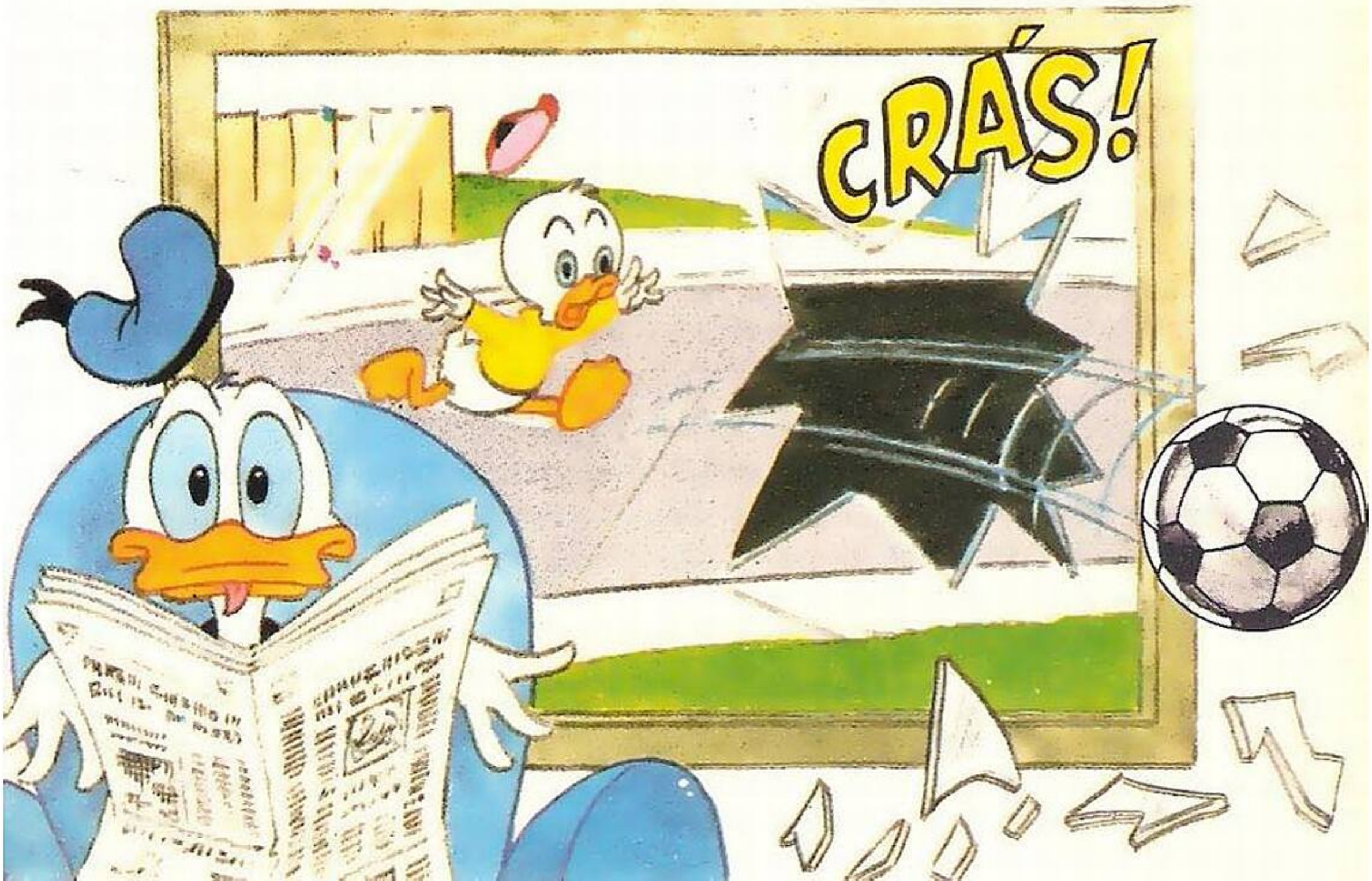
Infelizmente, nem todos pensam assim. Por isso, numa tentativa de evitar a violência e recompensar os jogadores disciplinados, foi criado, em 1945, o Prêmio Belfort Duarte. Ele é dado aos jogadores profissionais e amadores que, durante dez anos, não tenham recebido uma única punição. Isto é: nem expulsões nem suspensões. Quem ganha o prêmio recebe uma medalha e o direito de entrar de graça em qualquer estádio do país pelo resto da vida.

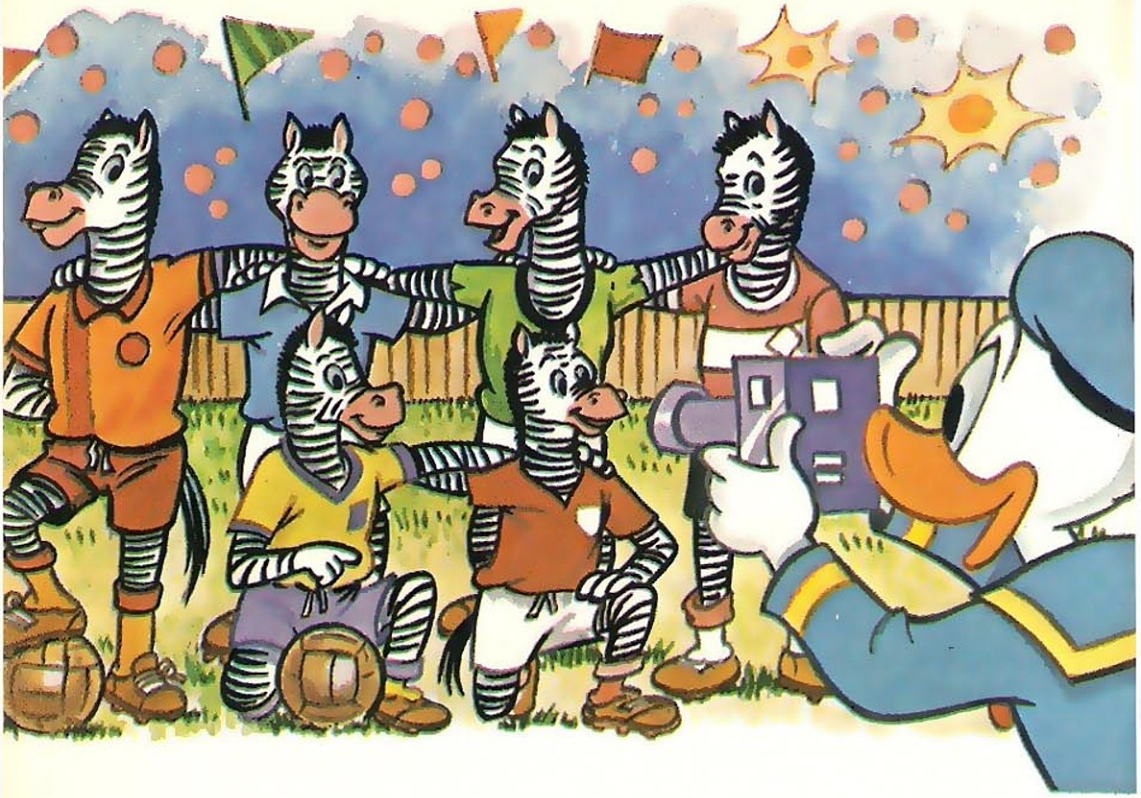
O técnico da Seleção, Telê Santana, orgulha-se de ser um dos poucos jogadores a ter recebido o prêmio.

GOL DO MEIO DA RUA

Gol do "meio da rua" é o gol feito de grande distância, além da intermediária do time atacado. O mais celebrado, por ter sido marcado num goleiro de fama mundial, ocorreu na União Soviética. O grande Yashin acabava de assumir o posto de titular no Dínamo de Moscou, que enfrentava o Trator. Num certo momento, o goleiro do Trator, após fazer uma defesa, chutou a bola com força para o alto e rumo ao campo adversário. Yashin pensou que a pelota fosse sair e não ligou. Quando percebeu o perigo, tentou ir para a bola, mas trombou com um beque que estava à sua frente. E a bola entrou no gol do Dínamo!

Na Copa de 70, Pelé quase marcou um gol do "meio da rua". Ao perceber que o arqueiro Viktor, da Tchecoslováquia, estava adiantado (pois a bola estava no campo do Brasil), Pelé chutou do meio do campo, em direção ao gol adversário. O mundo inteiro viu, pela TV, a cômica e desesperada marcha à ré do goleiro tcheco, enquanto a bola ia caindo sobre sua meta. Para sorte de Viktor, a bola passou fora, rente à trave. Se tivesse entrado, teria sido certamente um gol para ficar na antologia do futebol.





ZEBRAS EM CAMPO!

"Deu zebra!", costumam dizer os apostadores da Loteria Esportiva quando acontece um resultado inesperado. Por exemplo: uma derrota do Flamengo contra o São Cristóvão ou uma vitória do Juventus diante do Corintians são duas grandes zebras.

A expressão, aliás, é muito antiga e se origina no velho jogo do bicho que, apesar de proibido, continua sendo muito popular em várias regiões do país. Nessa espécie de loteria clandestina, existe uma relação de 25 bichos, entre os quais não se inclui a zebra. Por isso mesmo, se há um resultado inesperado, diz-se que deu zebra.

Bem, na Copa da Espanha estarão presentes pelo menos seis zebras de ótimo tamanho. São as seleções que não pertencem nem à Europa nem à América do Sul e que conseguiram se classificar para o campeonato mundial.

Nenhuma dessas seleções tem qualquer chance de chegar à decisão. Mas, como zebra é zebra, não custa tomar cuidado.

As seis zebras chamam-se

Honduras, El Salvador, Argélia, Camarões, Kuweit e Nova Zelândia. Esses times estarão na Copa porque a Federação Internacional de Futebol, a FIFA, aumentou o número de 16 participantes para 24 e abriu novas vagas para representantes da América Central, África e Ásia/Oceania.

Com isso, o torneio torna-se realmente mundial, já que pela primeira vez na história a Copa terá participantes de todos os cinco continentes.

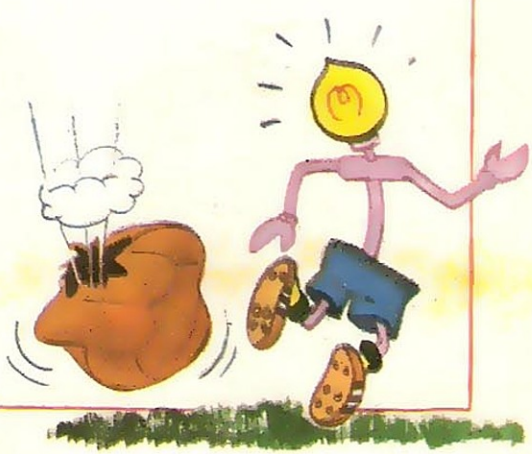
Embora alguns critiquem esta modificação, a iniciativa não deixa de ser interessante, pois permitirá o desenvolvimento do futebol de um maior número de países. Ganhando experiência, as seis zebrinhas podem até fazer um papel bonito em futuras competições internacionais.

Por enquanto, porém, pouco se espera de tais times. Dos seis, El Salvador — que por sinal esteve na Copa de 70, no México, perdendo as três partidas que disputou — e Honduras surgem como os mais fracos, ao lado da Nova Zelândia.

O Kuweit, por ser treinado pelo brasileiro Carlos Alberto Parreiras, é visto com maior respeito. Quanto às equipes da África... bem, a zebra vive lá, não?

É MUITO ESTOURO!

Na final do campeonato inglês de 1946, jogavam Derby County e Charlton Athletic, quando aconteceu um fato curioso: a bola estourou. Mas o mais estranho foi a bola arrebentar-se novamente cinco dias depois, durante outra partida entre os mesmos times. Isso ainda não foi nada, pois a coincidência iria mais longe. No ano seguinte, na decisão do campeonato de 1947 entre o Burnley e o Charlton Athletic, no estádio de Wembley, a bola voltou a estourar. É muita coincidência, não? Como nas três partidas estava presente o Charlton Athletic, vai ver que este time tinha algum duende furador de bola a seu serviço...



FRIEDENREICH, "EL TIGRE"

Quando Zé Carioca era garoto e fazia uma boa jogada em suas "peladas" de rua, seu avô dizia:

— Grande! Até parece o Fried!

Nascido em São Paulo em 1892, Artur Friedenreich foi um dos maiores craques do nosso futebol, o Pelé de sua época. Foi sete vezes campeão paulista, quatro vezes campeão brasileiro, duas vezes campeão sul-americano, onze vezes artilheiro em São Paulo, e jogou 22 vezes pela Seleção Brasileira.

Fried, como era popularmente conhecido, surgiu numa época em que nosso futebol ainda se guiava pelo modelo europeu. Foi o pioneiro de um estilo que acabaria consagrado no mundo todo. Durante 26 anos, integrando as equipes do Germânia, Ipiranga, Paulistano, São Paulo e Flamengo, foi ídolo no Brasil e no exterior. Ganhou o apelido de "El Tigre" no Uruguai e era imitado pelos principais atacantes de sua época. Faleceu em 1969.

Dizem que ele marcou 1 329 gols em sua carreira, recorde absoluto no futebol brasileiro, embora alguns contestem a cifra. De qualquer forma, foi um incomparável goleador e seus tentos fizeram história.

OS VELHINHOS BONS DE BOLA

Depois que passa dos 30 anos, jogador de futebol não comemora mais seu aniversário com tanta alegria. Ele sente que a carreira está chegando ao fim...

No Brasil, de fato, são poucos os craques que passam dos 32, 33 anos. É que a profissão é desgastante, com jogos freqüentes, muitas viagens e um campeonato atrás do outro.

Mesmo assim, há muitas exceções — aqui e no estrangeiro. É famoso o caso do grande ponta-direita Stanley Matthews. Ele defendeu a Seleção Inglesa até os 42 anos e só parou de jogar quando completou 50 anos!

Entre nós, há dois notáveis recordistas: o lateral-direito Djalma Santos e o goleiro Manga. Djalma, que disputou quatro Copas do Mundo de 1954 a 1966 e ganhou duas (1958 e 1962), ainda corria atrás da bola aos 41 anos de idade.

E Manga, também ex-integrante da Seleção, tinha 42 anos e continuava jogando como profissional.

Todos eles — Stanley Matthews, Djalma Santos e Manga — dormiam cedo, não bebiam, não fumavam e levavam o futebol muito a sério. E, mesmo depois de pararem, eles faziam seu joguinho com os netos.

OS MAIORES ESTÁDIOS ESTRANGEIROS

Ao ver as fabulosas rendas que dava o estádio do Maracanã, Tio Patinhas quis logo comprá-lo. Acontece que o Maracanã pertence ao Estado do Rio de Janeiro, que não iria vendê-lo, é claro. Mas o rico pato não desistiu da idéia: inventou de comprar os maiores estádios do mundo, fora do Brasil. Aí começaram os problemas. Cada país informava que o seu estádio era o maior do mundo. Como é que pode?

Simples. A confusão é criada pela forma como são contados os lugares não numerados e os locais onde os espectadores são obrigados a permanecer de pé. Por isso, qualquer classificação desse tipo é discutível. Quando se diz que um estádio comporta tantas mil pessoas, fala-se em termos ideais. Não é porque entraram cem, quinhentas ou mil pessoas a mais que o estádio vai estourar. O máximo que pode acontecer, normalmente, é o público ficar mais espremido. No estádio de Wembley, em Londres, por exemplo, cuja capacidade é de 100 000 espectadores, já foi registrado um público de 123 000 pessoas. Se fosse como num cinema, onde cada espectador ocupa uma poltrona, não haveria dúvidas sobre a capacidade dos estádios.

Feitos estes reparos, podemos alinhar, como os maiores estádios de futebol fora do Brasil, os seguintes: a Nova Campa, de Barcelona, Espanha (150 000 lugares); o Hampden Park, da cidade de Glasgow, Escócia (134 000); o Santiago Bernabeu, o velho estádio do Real Madrid, também na Espanha (125 000); o Ibrox Park, também de Glasgow, Escócia, pertencente ao clube Rangers (118 000); o Estádio Asteca, da Cidade do México (112 000); o Estádio Central, de Leipzig, Alemanha (110 000); e o Nep Stadium, de Budapeste, Hungria (105 000).

Outros grandes estádios, que podem abrigar aproximadamente 100 000 pessoas, são: o Lenin, de Moscou; o Wembley, de Londres; o Monumental, de Buenos Aires; o Kirov, de Leningrado; o Estádio do Exército, de Bucareste (Romênia); e o Olímpico, de Berlim.

O engraçado é que, no fim das contas, o Tio Patinhas acabou não comprando nenhum estádio; não por causa dos preços, mas porque nenhum deles estava à venda. Então planejou construir o **Patão**, maior que o Maracanã. Se vai construir mesmo, ninguém sabe. Ele ainda está fazendo os cálculos das rendas do Patão...

O MAIOR PÚBLICO DO MUNDO

Os números exatos não foram levantados até hoje — aliás, não o serão nunca —, mas sabe-se, sem qualquer dúvida, quando se bateu o recorde de público na história do futebol: 16 de julho de 1950, Maracanã, na decisão da Copa do Mundo.

Algumas horas antes de começar o jogo, que decidiria o campeonato, com o estádio já lotado, a torcida arrebentou as catracas e uma multidão se espremeu lá dentro.

Calcula-se que pelo menos 200 mil pessoas viram o Brasil perder a partida por 2 x 1. Muita gente para presenciar uma tragédia só, não?

Oficialmente, o recorde também é do Maracanã e da Seleção Brasileira. E de um dia bom: 31 de agosto de 1969, quando o Brasil derrotou o Paraguai por 1 x 0 (gol de Pelé), pelas eliminatórias da Copa de 70, garantindo assim nossa ida para o México. Total de presentes: 183 341.

No exterior, o maior público para uma partida de futebol foi registrado no jogo Escócia 3 x 1 Inglaterra, no Hampdem Park, em Glasgow, no ano de 1937: 146 433 espectadores.

Como se vê, também em matéria de torcida, o futebol do Brasil é o maior!

ZÉ TÉCNICO

Zé Carioca tinha sido indicado pela diretoria do Brejeiros da Tijuca para ser o novo técnico do time. É que o clube não ganhava um campeonato desde mil novecentos e nada e os dirigentes achavam que já era hora de tomar providências. Então, deram força total ao "técnico" Zé para que ele conduzisse o quadro ao sonhado título de campeão.

O Zé ficou tão entusiasmado com sua nova função de técnico que, já na primeira noite, reuniu todos os jogadores do clube para bater um papo . . .

— Turma — começou ele —, no próximo domingo, vamos enfrentar o Marimbondos Atlético Clube e, para isso, usaremos uma tática nova. Começaremos com um 4-2-4, mas, se eles atacarem demais, passaremos para um 5-2-3 e, assim que recuperarmos o domínio do meio campo, entraremos num 4-3-3 . . . sacaram? Aí, jogaremos num 3-3-4 para abrir a defesa deles e, se perdermos o controle da situação, fecharemos nossa defesa com a tática 6-2-2! Simples, não? Quem não entendeu levante a mão!

Vinte e duas mãos foram levantadas: onze dos titulares e onze dos reservas. Ninguém tinha entendido bulhufas. Daí . . . bem, daí acabou a carreira do Zé como técnico de futebol, antes mesmo de começar. Claro, técnico que não se comunica com os jogadores tinha que se estrumbicar.

OS GRANDES ESTÁDIOS BRASILEIROS

O melhor futebol do mundo tem também o maior estádio: o Maracanã, com seus 200 mil lugares, construído em 1950 especialmente para a Copa do Mundo.

Mas temos muitos outros, além dele, capazes de abrigar grandes platéias. Nenhum outro país dispõe de tantos e tão bons estádios. Aqui estão os principais:

Maracanã (Estádio Mário Filho) — Rio de Janeiro, 200 mil lugares. Proprietário: Estado do Rio de Janeiro.

Morumbi (Estádio Cícero Pompeu de Toledo) — São Paulo, 150 mil lugares. Proprietário: São Paulo F. C.

Castelão (Estádio Plácido Castelo) — Fortaleza, 125 mil lugares. Proprietário: Estado do Ceará.

Mineirão (Estádio Magalhães Pinto) — Belo Horizonte, 120 mil lugares. Proprietário: Estado de Minas Gerais.

Beira-Rio (Estádio Gigante da Beira-Rio) — Porto Alegre, 110 mil lugares. Proprietário: S. C. Internacional.

Olímpico (Estádio Olímpico) — Porto Alegre, 100 mil lugares. Proprietário: Grêmio Porto-Alegrense.

Fonte Nova (Estádio Governador Otávio Mangabeira) — Salvador, 100 mil lugares. Proprietário: Estado da Bahia.

Embora com menor capacidade de público, são também ótimos estádios o **Serra Dourada,** de Goiânia, com o melhor e mais bem cuidado gramado do país; o **Rei Pelé,** de Maceió; o **Mundão do Arruda,** no Recife; o bonito **Pacaembu,** de São Paulo, inaugurado em 1940, quando era o maior do Brasil; o **Batistão,** de Aracaju; o **Verdão,** de Cuiabá; o **Morenão,** de Campo Grande; o **Tartarugão,** de Manaus (ainda não concluído); o **Mangueirão,** de Belém (também em obras); o **Couto Pereira,** de Curitiba; o **Estádio do Café,** de Londrina (PR); o **Uberabão,** de Uberaba (MG); o **Santa Cruz,** de Ribeirão Preto (SP); o **Brinco de Ouro,** de Campinas (SP); e o **São Januário,** do Rio.

GOLS QUE BATIZARAM GRANDES ESTÁDIOS

Dia 16 de junho de 1950. O gigante do Maracanã está em festa: vai ser inaugurado o maior estádio do mundo. Após as solenidades, as seleções de novos do Rio e de São Paulo tomam posição para o início do jogo, ante o incontido entusiasmo popular. O prefeito Mendes de Morais dá o pontapé inicial e o jogo começa. São 16 horas. E já aos 10 minutos o meia Didi anota para a representação guanabarina o primeiro gol no novo estádio. Mas, se a primazia do gol inaugural coube aos cariocas, a vitória foi dos paulistas, por 3 a 1.

O estádio do Morumbi, em São Paulo, foi estreado em 2 de outubro de 1960, com a partida entre o São Paulo e o Sporting de Lisboa. Vitória do São Paulo por 1 a 0, com gol de Peixinho.

O Mineirão foi inaugurado no dia 5 de setembro de 1965 com o jogo da Seleção Mineira frente ao time do River Plate, de Buenos Aires. Os mineiros levaram a melhor pela contagem mínima, gol de Bougleux.

UM BANCO ESPECIAL

O Brejeiros da Tijuca perdia aquele jogo. O centroavante, muito nervoso, corria feito barata tonta entre os beques adversários, sem achar a bola. Aí o técnico resolveu substituí-lo, colocando o Nestor. Em duas tabelinhas com Zé Carioca, o Nestor fez os gols que deram a vitória ao Brejeiros.

— Hoje ganhamos no banco — comentou o Zé.

O banco é um recurso, previsto na Regra 3 do futebol, que permite a substituição de até dois jogadores de um time durante uma parti-

da. Chamam de banco porque os reservas ficam sentados num banco, fora do campo. O técnico pode usá-lo por contusão ou cansaço de um jogador (motivo de ordem física); quando um atleta está jogando mal (motivo de ordem técnica): ou quando quer imprimir características mais ofensivas ou defensivas ao time (motivo de ordem tática).

Técnicos como Martim Francisco, Aimoré Moreira e Tim ficaram famosos por "virar" partidas explorando os recursos do banco.

O ELEGANTE OSCAR

Alto, loiro, elegante e boa-pinta, o jogador Oscar nem de longe lembra esses zagueiros de cara feia que andam por aí chutando mais a canela dos adversários do que a bola.

Beque do São Paulo e da Seleção Brasileira, desde cedo, nos juvenis da Ponte Preta de Campinas (SP), ele aprendeu a jogar com eficiência e categoria.

Titular e capitão da Seleção na Copa de 78, na Argentina, Oscar passou uma temporada pelo Cosmos de Nova York antes de ser contratado pelo São Paulo.

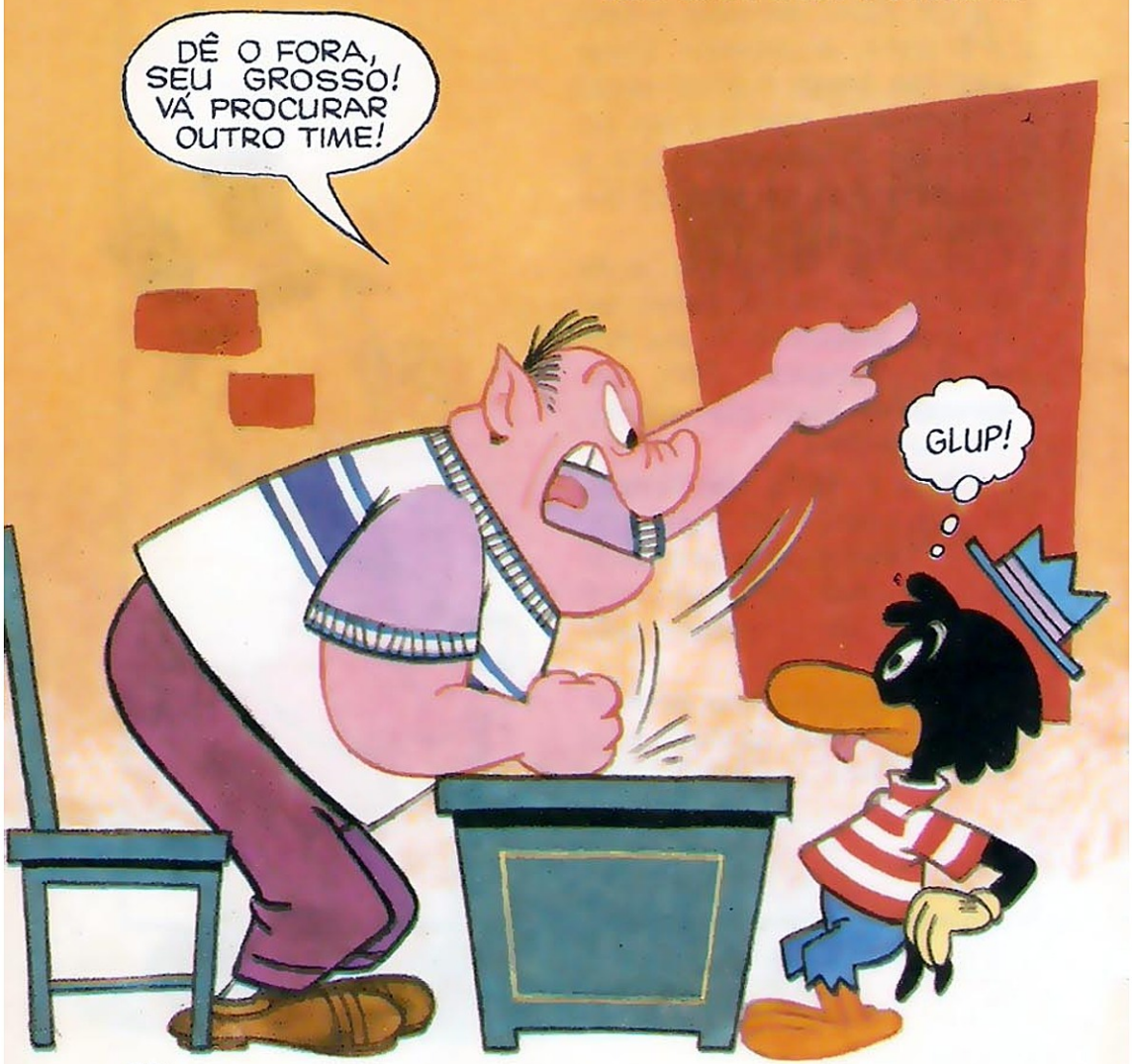
Seus companheiros de time arranjaram um apelido para ele: "O Belo".

COMO IR DE UM TIME PARA OUTRO

Zé Carioca estava todo prosa. Era o artilheiro do campeonato de aspirantes à Terceira Divisão e o Madurengo estava querendo comprar o seu passe. Era a glória, finalmente!

— Que história é essa de passe? — perguntou seu sobrinho Zico.

— Bem — explicou o Zé —, o passe é um vínculo, quer dizer, uma ligação legal entre o jogador e seu clube, reconhecida internacionalmente pela FIFA. Esse vínculo dá ao clube o direito de



cobrar uma espécie de indenização ao ceder um jogador para outro clube.

A Lei do Passe, em seu primeiro artigo, diz que a transferência de um jogador para outro clube só poderá ser feita com o consentimento do atleta em questão. Se ele for menor de idade, o clube terá de obter o consentimento do pai ou responsável. O próprio jogador, se quiser, poderá ficar dono de seu passe. Bastará pagá-lo ao clube e, nesse caso, terá um desconto de 15% sobre o preço. Esse percentual é do jogador, desde que se encontre há mais de três anos no clube.

Quando terminar o contrato, o jogador também tem o direito de recusar a nova proposta do clube. Então o clube estabelecerá, dentro de sessenta dias, o preço do passe do jogador, que tem um limite máximo de acordo com os salários percebidos pelo atleta no último contrato. Enquanto o passe não for vendido, será desvalorizado mensalmente em 10%, até atingir a metade do valor inicial.

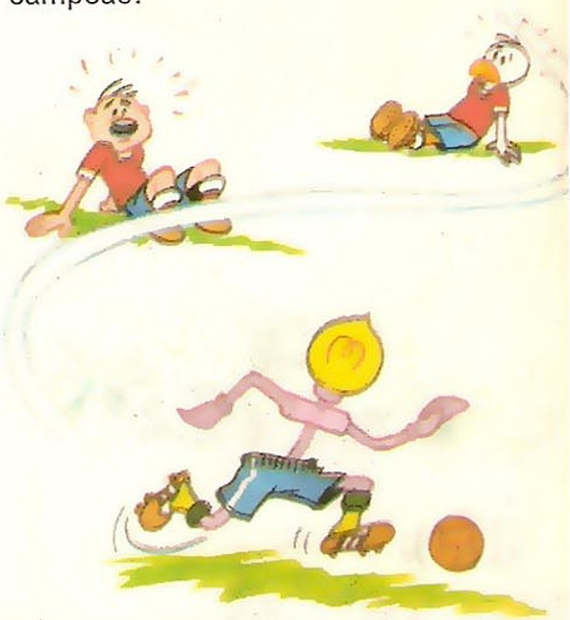
O PEQUENO KEEGAN

Nos últimos anos, o inglês Keevan Keegan anda disputando com o alemão Rummenigge o reconhecimento e a fama de melhor atacante europeu da atualidade.

Embora não tenha grande altura (mede 1,70 metro), Keegan é um artilheiro muito perigoso tanto nas bolas rasteiras como também nas altas. Ele compensa seu pequeno tamanho com uma ótima impulsão, o que lhe permite enfrentar zagueiros mais altos e mais fortes.

Habilidoso e inteligente, Keegan representa a maior parte das esperanças dos ingleses na Espanha.

Esta será sua primeira Copa. E ele garante que acabará campeão.



CERA E CATIMBA

— Ai, ai, ai! Ui, ui, ui! Zé Carioca estava esticado no chão, gemendo.

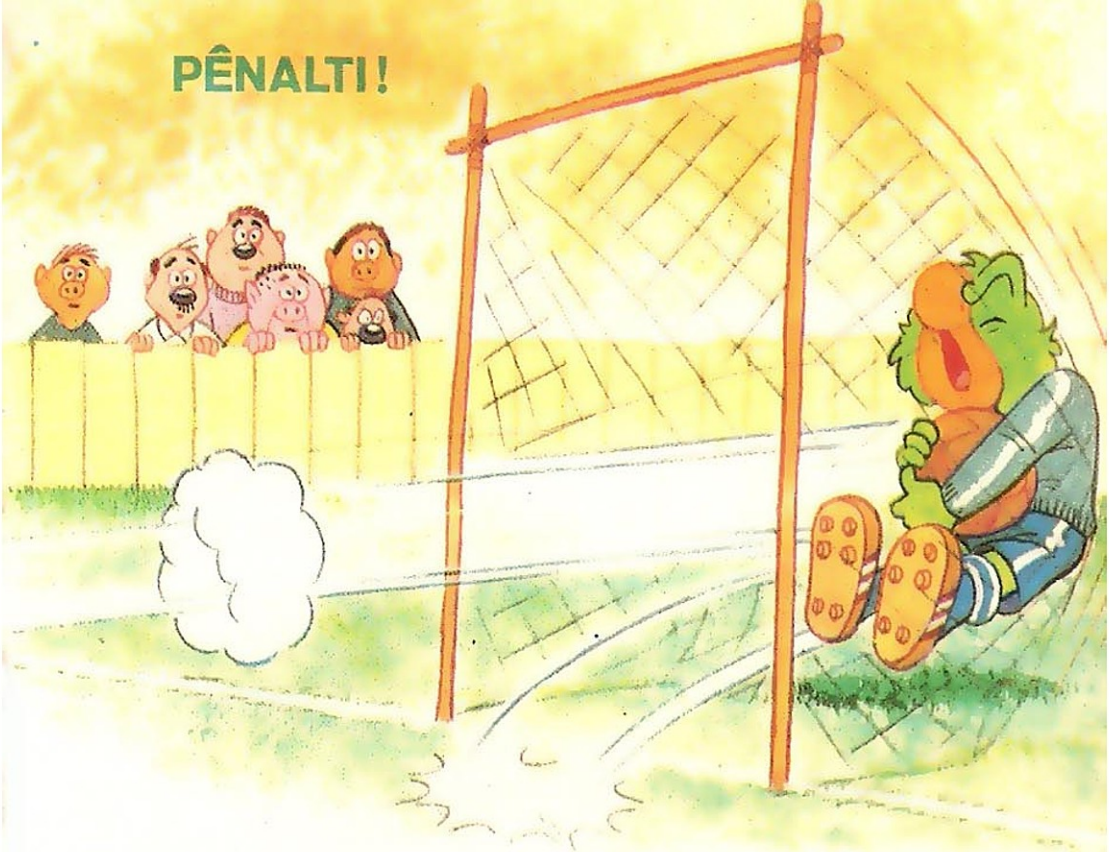
Seu time ganhava por 1 a 0 e o adversário tentava o empate, atacando desesperadamente, em massa. Para "esfriar" o adversário, o Zé fingiu que se machucara. O juiz paralisou a partida para o Zé ser atendido.

Como muitos jogadores manhosos, Zé Carioca utiliza de vez em quando a **catimba** que, embora seja um recurso pouco esportivo, é de difícil punição pelo árbitro. Cair como ele fez, simular contusão, reclamar, reter a bola, irritar o adversário, tudo isso é catimba.

Um famoso catimbeiro foi Luisinho, meia do Corínthians na década de 50. Ele até sentava na bola em pleno jogo. O atacante Almir, que jogou no Vasco, Flamengo, Corínthians e Santos, catimbou tanto na decisão do Campeonato Carioca de 1966 que acabou brigando com todo o time do Bangu dentro do Maracanã.

A **cera** é um recurso mais utilizado pelos goleiros, que ficam segurando a bola e demoram em repô-la em jogo, visando a ganhar tempo.

PÊNALTI!



Segundo Nenen Prancha, figura folclórica do futebol carioca, o pênalti é uma coisa tão importante que deveria ser batido pelo presidente do clube. Um certo exagero, sem dúvida. Aliás, pela lei do futebol (Regra 14) isso não seria mesmo possível. Em todos os campos oficiais há um semicírculo traçado na parte central da grande área. O pênalti deve ser cobrado do centro desse semicírculo e aí só pode ficar o jogador encarregado de batê-lo. Todos os outros devem permanecer fora da grande área, a no mínimo 9,15 m da bola.

O goleiro que vai tentar defender o pênalti deverá ficar sobre a linha da meta, entre as traves, sem mover os pés, até que a bola seja chutada. Se ele sair de sua posição antes que a bola seja impulsionada, o juiz mandará repetir a cobrança, a não ser que assim mesmo seja assinalado o gol. Outra coisa: os outros jogadores não podem invadir a área antes que a bola seja chutada. Caso contrário, da mesma maneira haverá repetição da cobrança da penalidade.

OS INVENTORES DO FUTEBOL

Custou, mas os ingleses voltaram à Copa do Mundo. Ausentes em 1974, na Alemanha, e em 1978, na Argentina — haviam sido desclassificados nas eliminatórias —, os ingleses finalmente conseguiram sua vaga para a Espanha este ano.

E o mais engraçado é que isso aconteceu logo com os inventores do futebol. Foram os ingleses, de fato, que criaram o jogo e sua primeira federação, em 1863, chamada *Football Association.*

Em 1885, o novo jogo deixava de ser um simples passatempo para se transformar numa reconhecida atividade profissional.

Dois anos depois desse acontecimento, um time inglês chamado Corinthians fazia sua primeira excursão fora da Europa, ficando uma temporada na África do Sul. Esse mesmo clube, por ocasião de uma visita ao Brasil, inspiraria a fundação do Corintians Paulista.

Pois bem. Durante muito tempo, como tinham primazia em tudo, os ingleses se acharam imbatíveis no futebol. Aliás, não por acaso: sua seleção só conheceria a primeira derrota em 1929, quando perderam para a Espanha, em Madri.

Dentro de casa — isto é, jogando no Estádio Wembley, em Londres —, não foi vencida por ninguém até 1953, quando sofreu uma goleada da Hungria (6 x 3!).

Certos de sua superioridade, os ingleses se recusaram a participar das primeiras Copas do Mundo. Achavam que não iriam encontrar adversários à altura.

A Inglaterra começou a mudar de opinião a partir de 1950, quando participou pela primeira vez da Copa realizada no Brasil.

Logo de início, deu um vexame terrível sendo desclassificada pela Seleção dos Estados Unidos.

Aí então, vendo que não eram os melhores como supunham, os ingleses trataram de acompanhar melhor a evolução do futebol mundial. Em 1966, finalmente, venceram sua primeira e única Copa do Mundo, dentro de casa.

Para a Copa de 70, a Inglaterra era uma das favoritas, mas perdeu para o Brasil e para a Alemanha, não passando das quartas-de-final. Iniciava-se ali um período de "vacas magras", agravado por duas eliminações seguidas, diante da Polônia (74) e Itália (78). Na Espanha, porém, eles esperam se reabilitar.

ESTE INVENTO VAI DAR O QUE FALAR!

= BOLA

= TRAVE

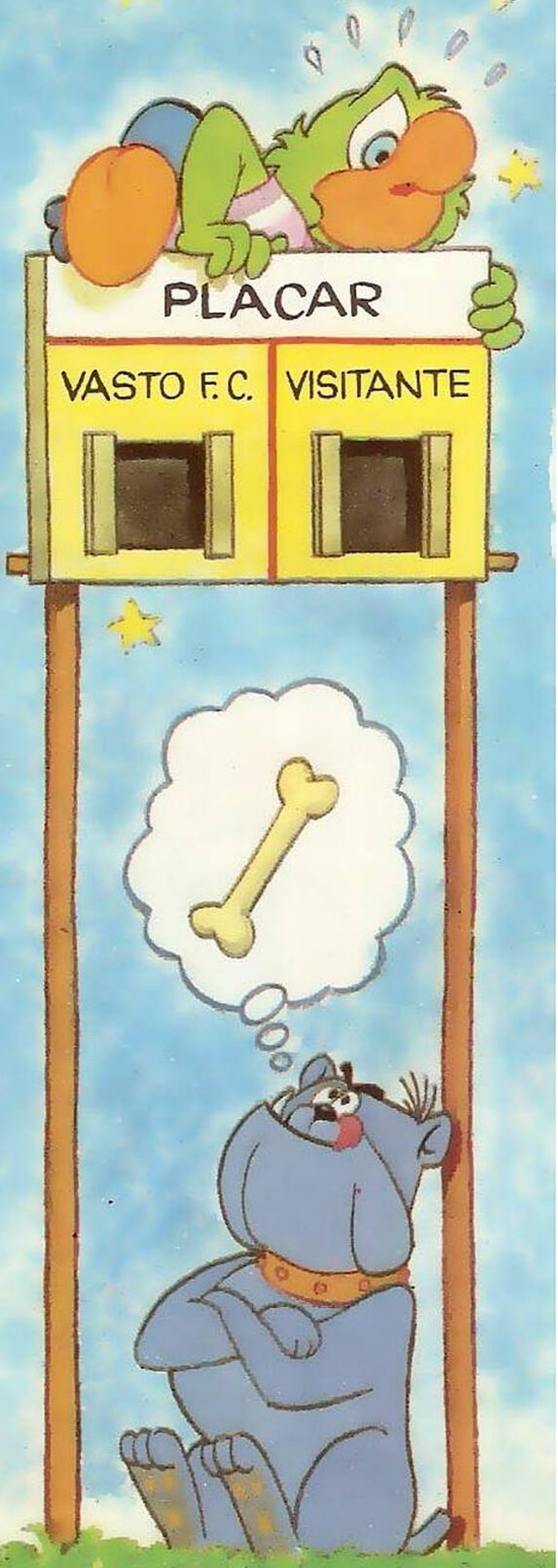
OLHA LÁ NO PLACAR

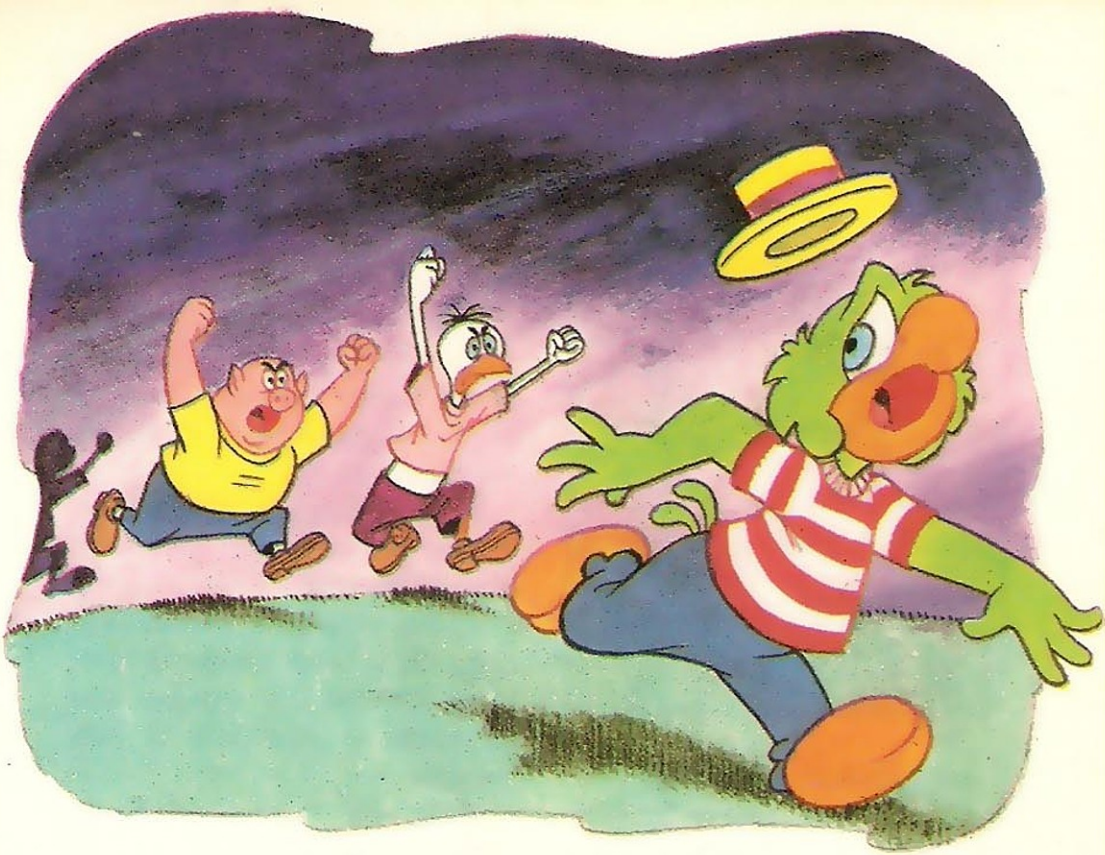
Zé Carioca estava tão "duro" que até resolveu arranjar um emprego. E foi trabalhar no Vasto F. C. como garoto do placar. Sua função era colocar no placar os gols das partidas. Mas, certa vez, ele acabou "dormindo no ponto": esqueceu de marcar logo o primeiro gol e foi despedido na mesma hora.

Nos grandes estádios, isso não acontece. Quase todos eles dispõem de modernos marcadores eletrônicos, que assinalam os gols, o tempo de jogo e, às vezes, dão até outras informações importantes sobre o encontro.

Os placares do Maracanã, no Rio de Janeiro, e do Morumbi, em São Paulo, por exemplo, são verdadeiros painéis eletrônicos. O nome do autor de cada gol é indicado imediatamente. E a palavra "gol" aparece cada vez que se marca um.

Os primeiros marcadores usados nos campos de futebol eram bem diferentes dos atuais, consistiam em apenas duas tabuinhas com os nomes dos times. Às vezes, nem isso, somente dois nomes: "dono da casa" e "visitante". Ao lado, uma pessoa ia marcando os gols assinalados — mas sem jamais se distrair, como fez o Zé Carioca...





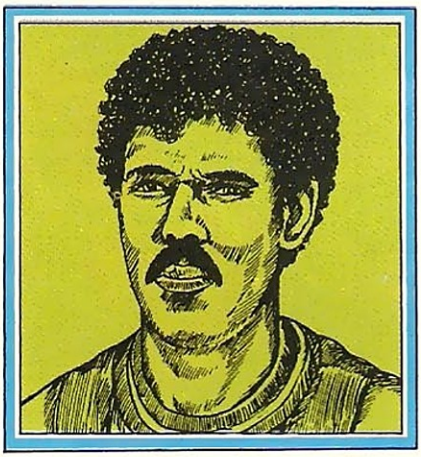
ZÉ ESPIÃO

Zé Carioca foi contratado pelo Fluminengo para ser o "olheiro" e espião do clube. Ele deveria investigar como os adversários planejavam atacar e qual a tática a ser empregada por Brindão, técnico do Papafogo, no jogo com o Fluminengo. Coisa fácil para um sujeito vivo como o Zé! Daí, ele botou uma camisa de torcedor do Papafogo e foi até o bar onde se reunia a turma. Misturou-se com eles, assim como quem não quer nada, e ficou de "antena ligada", ouvindo o que o técnico Brindão dizia.

Voltando à sede do Fluminengo, contou ao seu técnico tudo que ouviu: que o Papafogo jogaria na retranca, para contra-atacar pela esquerda, explorando a velocidade do ponta Chico-zum em bolas no costado do lateral Lesmão e mil coisas mais.

O técnico sorriu satisfeito. Ia bolar uma tática especial para derrotar o Papafogo. Mas... no domingo seguinte, o Papafogo jogou exatamente ao contrário do que o Zé tinha dito. Lesmão nem foi escalado. E o Fluminengo apanhou de 6 a 0! É que a turma do Papafogo percebeu que o Zé era espião e lhe deu pistas falsas sobre a tática deles. Para variar, Zé teve que fugir, enquanto ouvia os torcedores do Fluminengo gritando: "Traidor!" e os do Papafogo: "Dedo-duro!"

CEREZO
O PALHAÇO QUE VIROU CRAQUE



Isso mesmo: Toninho Cerezo, o médio-volante do Atlético Mineiro e também jogador da Seleção Brasileira, já foi um palhaço.

É que seu pai trabalhava em circo, também como palhaço, e ele, ainda menino, já havia apresentado alguns números no picadeiro.

Mas depois ele abandonou a carreira circense e foi ser craque na vida.

Muito técnico e combativo, além de ter um fôlego respeitável, Cerezo é o jogador que dá ritmo e equilíbrio à sua equipe.

Hoje, ele joga sério. E jamais faz palhaçada...

A "FOLHA - SECA"

Há uma falta nas proximidades da área. Didi ajeita a bola, olha para o gol e chuta, sem muita força. A bola sobe, encobre a barreira; parece que vai passar sobre o gol, mas cai rapidamente, em curva, surpreendendo o goleiro. É gol. De "folha seca" do Didi.

Didi, o grande meia-armador do Fluminense, do Botafogo e da Seleção Brasileira, notabilizou-se não só pelas suas qualidades técnicas, mas também pelos gols de "folha seca". O mais importante foi marcado no Maracanã, quando o Brasil venceu o Peru por 1 a 0 nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 1958.

A "AJEITADINHA"

Ao marcar uma infração, o árbitro deve determinar o local em que deve ser colocada a bola, ou seja, exatamente onde ocorreu a falta. Geralmente o juiz tolera que o jogador, antes de bater a falta, dê uma ajeitadinha na bola com as mãos. Mas, se perceber que o atleta está "catimbando", isto é, querendo ganhar tempo, o próprio juiz poderá arrumar a bola e proibir que ela volte a ser tocada antes da cobrança. Jair da Rosa Pinto, o "Coice-de-Mula", fazia questão de ajeitar a bola antes de bater uma falta. E colocava a bola de forma que a válvula ficasse na parte que seria tocada pelo pé.

PARA QUE SERVE O TÉCNICO

Logo que organizou seu time, Zé Carioca tratou de arranjar um bom técnico. E acabou contratando o famoso Tetê Bacana.

— Técnico? — perguntou Rosinha. — Para consertar a televisão do clube?

— Bolas! — reclamou o Zé, chateado. — Técnico é o treinador de uma equipe de futebol, entende?

Depois, mais calmo, explicou que todo time tem seu técnico. É ele quem treina, escala e às vezes até contrata os jogadores.

Um técnico — contou Zé Carioca — tem que ser uma pessoa versátil. Ele tanto pode ensinar um atacante a chutar com o pé esquerdo como tem que bancar o médico, o psicólogo, o preparador físico, o pai, o advogado de defesa, o diretor ou até o encarregado de fiscalizar a comida da concentração.

De preferência, deve ser um ex-jogador. Nesse caso, poderá entender melhor os problemas de seus atletas. Afinal, já terá passado por eles. Mas há também bons

treinadores que nunca jogaram como profissionais.

Era o caso, por exemplo, de Cláudio Coutinho, que dirigiu a Seleção Brasileira na Copa de 1978.

Grandes jogadores não se transformam necessariamente em grandes técnicos. Zizinho, um dos maiores craques brasileiros das décadas de 40 e 50, não deu certo como treinador. E Pelé, o maior jogador de todos os tempos nem quis tentar essa carreira.

Outros jogadores, porém, fizeram sucesso nesta profissão. É o caso do paulista Rubens Minelli e do mineiro Telê Santana.

Em sua maioria, sejam bons ou ruins, os técnicos costumam ganhar bem. É que sua profissão é muito instável. Se o time começa a perder, a diretoria logo o demite e contrata outro.

Há quem diga que um bom técnico ganha jogo: escalando os jogadores certos, ensaiando jogadas de gol e explorando com inteligência os pontos fracos do adversário. Mas, por razões inversas, também pode perder.

E, para que o Zé Carioca parasse de falar, Rosinha prometeu: iria à próxima partida para assistir à estréia do tal Tetê Bacana...

O FUTEBOL É UMA GUERRA!

Ao microfone da Rádio Patópolis, o "comentarista" Peninha falava sobre mais uma derrota do Brejeiros da Tijuca F. C., o time de Zé Carioca e Nestor:

— Torcida amiga, hoje o Brejeiros da Tijuca perdeu a partida porque usou a tática errada!

Nestor, que estava ouvindo a transmissão do vestiário, ficou louco da vida e quase deu um tremendo soco em seu radinho de pilha.

— Calma, Nestor — pediu Zé Carioca, segurando-o com uma mão e com a outra colocando o radinho a salvo, longe de Nestor.

— Calma, o quê! — continuou Nestor. — Esse Peninha não sabe de nada. Erro de tática... Bolas!

— Mas foi isso mesmo — falou o Zé.

— Imagine... Nosso time não tem nenhum jogador com esse nome...

— Não, não temos — concordou Zé Carioca, já fazendo força para não rir. — Acontece que "tática" é outra coisa.

Dando uma de professor, Zé Carioca resolveu explicar o que era a tal de tática. Não foi tarefa muito fácil, mas Nestor acabou compreendendo tudo.

Tática, na verdade, é um jeito de enfrentar o adversário. E isso vale tanto para uma batalha como para o jogo de futebol.

Numa batalha, o general que mandar **todos** os seus soldados atacarem o inimigo ao mesmo tempo corre o risco de ver seu exército inteiramente dizimado.

No futebol, o técnico que mandar seu time **inteiro** atacar — do goleiro ao ponta-esquerda —, sem dúvida alguma, vai acabar perdendo o jogo de goleada.

Tanto num caso como no outro, a explicação para a derrota é muito simples: indo com **tudo,** o general e o técnico vão deixar a defesa totalmente desguarnecida. Ou seja: não terão como resistir a um contra-ataque. O melhor será investir com alguns soldados, deixando uma parte da tropa na retaguarda.

Só atacar, porém, não é o suficiente. É preciso saber **quando, como** e **onde** atacar. A isso se chama de tática.

Tanto na guerra como no futebol, costuma ser muito eficiente a tática de se atacar de surpresa, com nossas melhores armas (ou jogadores) e — o que é fundamental — atacar exatamente no ponto fraco do inimigo.

— Aliás, Nestor, foi o que o nosso adversário de hoje fez — comentou Zé Carioca, maliciosamente.

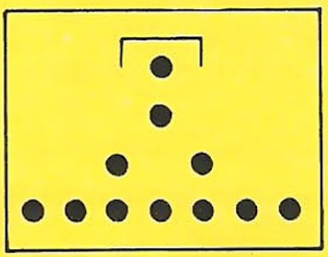
— Como?! — respondeu Nestor espantado.

— Depois eu conto — desconversou Zé Carioca. E continuou sua aula.

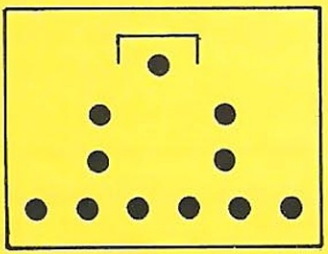
— No início do futebol — ele ensinou —, não havia tática alguma. Todos os 11 jogadores corriam atrás da bola, onde quer que ela estivesse. Os jogadores só queriam saber de marcar gol. Era mais ou menos como acontece nas "peladas" de rua.

Até que no fim do século passado os times ingleses

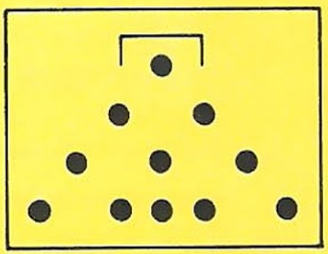
EVOLUÇÃO DOS ESQUEMAS TÁTICOS



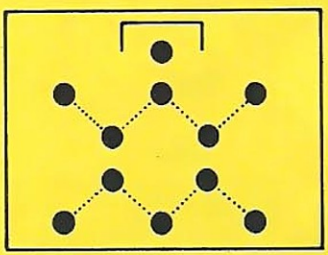
No início era um tal de todo mundo atacar. Atrás ficavam apenas o goleiro, um beque e dois médios.



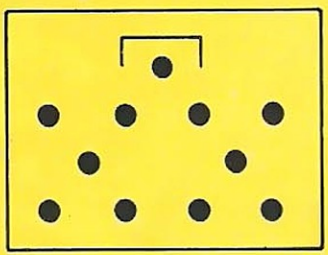
A formação escocesa de 1870 era mais equilibrada: dois beques e dois médios; no ataque, seis.



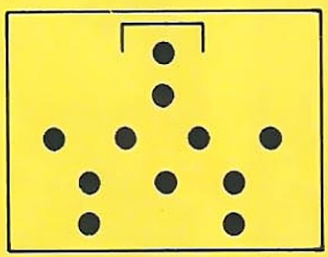
O sistema clássico, introduzido em 1880. Os nomes dados às posições ficaram até recentemente.



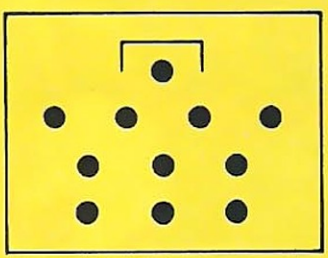
O WM inglês recuou o centro-médio para o miolo da zaga e os dois meias para o meio-campo.



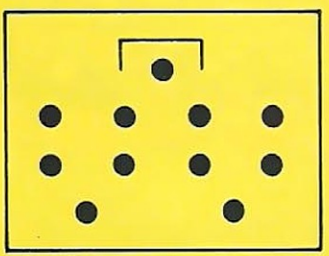
O 4-2-4, esquema popularizado pelo Brasil na Copa de 1958, que na prática já tendia para o 4-3-3.



O catenaccio *italiano, com um homem na sobra, atrás da linha de zagueiros (o líbero).*



O 4-3-3: defesa com quatro zagueiros em linha, três homens no meio-campo e três na frente.



O 4-4-2, formação de acentuado cunho defensivo, tática de times que jogam fechados na defesa.

descobriram que, para se jogar bem o futebol, era preciso adotar um esquema ou um método. Enfim, uma tática.

Organizaram então um modo de dispor os jogadores em campo que mais tarde se tornaria clássico: o goleiro lá atrás, claro; dois zagueiros, para defender; três médios, para armar as jogadas; e cinco atacantes, para atacar, é lógico. Daí seu nome: 2-3-5 (dois zagueiros, três médios, cinco atacantes).

O 2-3-5 evoluiu, lá por 1930, para o WM. Os jogadores se colocavam numa formação que lembrava essas duas letras, uma sobre a outra. Na zaga, três beques; na intermediária, dois médios e dois meias; na frente, três atacantes. Todos os outros esquemas que apareceram mais tarde se derivaram do WM: o 4-2-4 (por sinal, essa tática foi muito popularizada pela Seleção Brasileira que ganhou a Copa do Mundo de 1958),

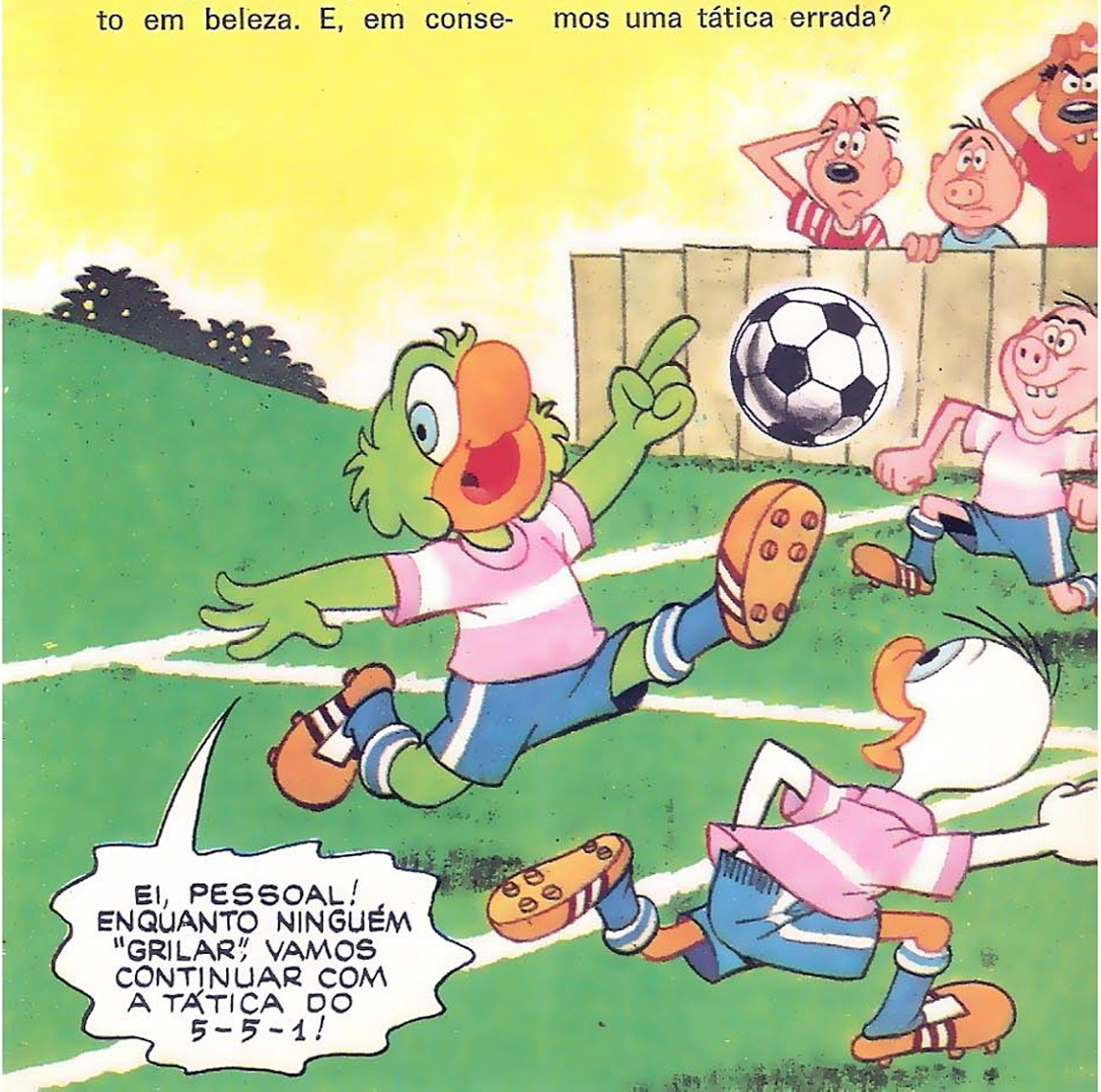
o 4-3-3, o 4-4-2, entre outros.

Enquanto isso, as equipes mais fracas, que não podiam enfrentar as mais fortes de igual para igual, para não apanhar feio, inventaram uma outra tática, que chamaram de **retranca.**

Em sua forma tradicional, um **libero** (livre, em italiano) fica atrás dos zagueiros, para reforçar ainda mais a defesa.

Com as retrancas, infelizmente, o futebol perdeu muito em beleza. E, em conseqüência, obrigou os técnicos a usarem de inteligência para furá-las. Como, por exemplo, mandar seu melhor atacante jogar pelo lado do "perna-de-pau" do adversário.

— Por sinal, foi justamente o que eles fizeram hoje, Nestor — concluiu Zé Carioca. — Marcaram todos os gols em cima de você! Entendeu agora o que o Peninha queria dizer quando falou que nós perdemos esse jogo porque adotamos uma tática errada?



COMO É BOM GOLEAR!

Sim, sem dúvida é muito bom golear — quando o time da gente ganha, lógico! O duro é quando acontece o contrário.

Certa vez, o time do Zé Carioca estava perdendo de 5 x 0. Uma tremenda vergonha! Logo que o "inimigo" fez o sexto gol, Zé explodiu:

— Para mim chega! Isso é um verdadeiro vexame! Não vou jogar mais e ponto final!

Já que era o dono da bola, Zé Carioca simplesmente a levou para casa. E assim acabou com o jogo.

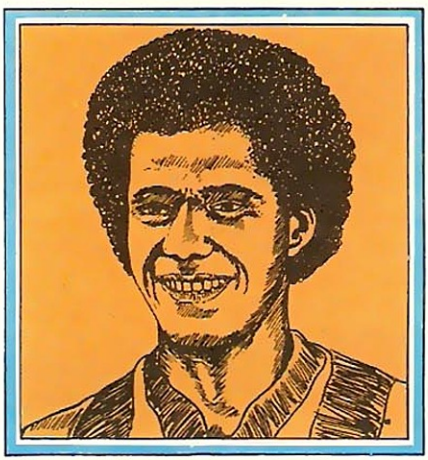
A goleada é a maior humilhação no futebol. Time que toma uma dificilmente consegue manter a calma e o espírito esportivo. Mas deveria. Afinal de contas, ela faz parte do jogo.

Muita equipe famosa levou goleada que faria o Zé Carioca se sentir mais conformado com o que aconteceu com seu time. A Inglaterra — que se julgava a melhor do mundo em futebol — tomou de 7 x 1 da Hungria em 1954; ela que esmagara Portugal por 10 x 0, sete anos antes!

Para o torcedor, porém, nada é tão gostoso e gratificante. No caso brasileiro, um desses momentos inesquecíveis aconteceu nas eliminatórias para a Copa de 78, quando castigamos a Bolívia sem piedade: 8 x 0!

Uma goleada é mais curtida ainda quando ela vinga uma goleada anterior. Assim, em 1972, no Rio de Janeiro, o Botafogo bateu no Flamengo por 6 x 0. Os botafoguenses, sem jamais se esquecerem de tal instante de glória, ficaram gozando dos pobres flamenguistas durante nove longos anos. E estes, quietinhos aguardavam ansiosos o dia da revanche. E ela acabou acontecendo em novembro de 1981, com um troco dado na mesma moeda: Flamengo 6 x 0 Botafogo. Como é bom golear, não?

LUISINHO, O CRAQUE DA ZAGA



Diziam que zagueiro bom tinha que dar chutões, ser duro com os atacantes adversários e tratar de mandar a bola longe de sua área. Somente os armadores e os atacantes é que podiam jogar bonito.

Luisinho, quarto-zagueiro do Atlético Mineiro e da Seleção Brasileira, vem desmentindo esse fato desde que "explodiu" para o futebol, em 1980.

Apesar de jovem, ele atua com muita tranqüilidade e trata a bola com carinho. É um craque da zaga.

CINCO VIRA, DEZ ACABA

Como bom brasileiro, Zé Carioca adora jogar uma "pelada". E explica:

— A "pelada" é o jeito mais fácil de se praticar futebol. Qualquer perneta joga, e qualquer campinho serve: nem precisa ser plano. Se houver traves, ótimo; se não, é só marcar as duas metas com paus, pedras, etc. O número de jogadores também não é rígido: seis, sete, dez, doze de cada lado, tanto faz.

Bola também não é problema. Se for de couro, tanto melhor, mas pode ser até de meia. Juiz? E pelada tem juiz? É só alguém tocar a mão na bola, por exemplo, que todo mundo grita: *Hands!* Por isso é que toda pelada dá tanta discussão . . . Mas, quando a falta é muito clara, os adversários "permitem" que ela seja cobrada. Até existem algumas regras próprias: três escanteios seguidos é pênalti. E em vez de se contar o tempo, contam-se os gols. Uma partida chega à metade com cinco gols e acaba com dez.

Concluindo, a pelada é o curso primário do futuro professor de bola. O próprio Pelé começou assim!

BOLA FORA É DO GANDULA

Antigamente, toda vez que a bola saía do campo um jogador tinha que ir buscá-la. Quem queria fazer "cera" mandava a bola longe, para ganhar tempo. Havia muita interrupção de jogo. Isso acontece até hoje no futebol amador. Mas os jogadores profissionais não têm mais a obrigação de ir buscar a bola extraviada. Essa função é dos apanhadores de bola, popularmente chamados de **gandulas.**

Geralmente o gandula já fica segurando outra bola, que é imediatamente dada ao jogador encarregado da reposição em jogo. Assim poupa-se tempo. Em alguns jogos, porém, isso não é permitido. O regulamento da Taça Libertadores da América, por exemplo, manda que cada partida seja disputada do começo ao fim com a mesma bola. Aí o trabalho do gandula é redobrado . . .

O número de apanhadores de bola varia de estádio para estádio. No Maracanã são seis garotos, com menos de 14 anos. Em outros estádios trabalham quatro gandulas, de idades variadas.

A "SQUADRA AZZURRA"

A turma conversava sobre a Copa do Mundo. De repente, Zé Carioca resolveu dar uma de entendido:

— Na Espanha, é bom tomarmos muito cuidado com a **Squadra Azzurra.**

— Com a quadra burra? — interrompeu Nestor, espantado. — Que quadra? Que burra? A Copa será de futebol...

— Não falei nada disso, Nestor — corrigiu Zé Carioca, irritado. — Eu disse **Squadra Azzurra.**

E aí o Zé contou que **Squadra Azzurra** (Esquadra Azul, em português) é o apelido que a Seleção Italiana de Futebol recebeu. Esquadra quer dizer equipe, time. E azul é a cor da sua camisa. Assim como muitas pessoas chamam a Seleção Brasileira de Seleção Canarinho — por causa da cor amarela da nossa camisa —, os italianos tratam a sua seleção, carinhosamente, de **Squadra Azzurra.**

— E eles são bons mesmos? — perguntou Miguelzinho interessado.

— Sem dúvida — respondeu Zé Carioca. — Aliás, faz muito tempo...

O Zé tinha razão. Na década de 30, por exemplo, os italianos eram considerados os

melhores jogadores do mundo. Ganharam duas vezes a Copa do Mundo (em 1934, no seu próprio país, e em 1938, na França), além do torneio de futebol dos Jogos Olímpicos de 1936 (em Berlim, então capital da Alemanha).

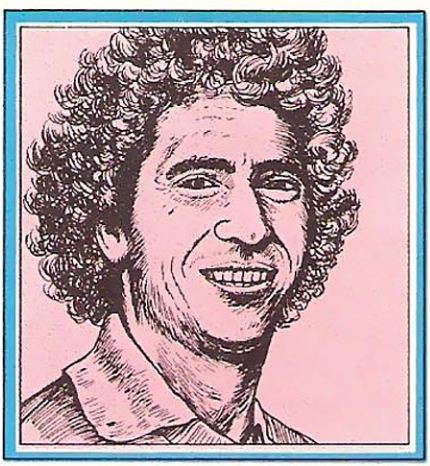
Com a II Guerra Mundial (1939-1945), da qual a Itália saiu derrotada, seu futebol entrou em recesso.

Quando começava a se recuperar, em 1949, aconteceu uma tragédia: num acidente aéreo, desapareceu quase toda a equipe do Torino. Essa terrível catástrofe causou desfalques irreparáveis na seleção nacional.

A **Azzurra** só conseguiu voltar a um lugar de destaque em 1970, no México, quando chegou ao vice-campeonato mundial. Aliás, perdendo a final para o Brasil por 4 x 1. Em 1974, na Alemanha, os italianos foram eliminados na primeira fase. Mas quatro anos depois brilharam na Argentina e terminaram a Copa em quarto lugar.

Na Espanha, tudo indica que a Itália fará bom papel. Ou como diz o Zé Carioca: cuidado com a **Azzurra!**

FALCÃO, O REI DE ROMA



Roberto Falcão, o craque revelado pelo Internacional de Porto Alegre, figura hoje entre as maiores estrelas do futebol italiano.

Meia-armador de extrema habilidade e muita inteligência para criar jogadas, Falcão é ídolo do Roma, onde está jogando desde 1980. Mas, na Copa deste ano, ele deverá defender o Brasil. Sorte nossa. E azar dos italianos...

Se você perguntar a qualquer um dos torcedores do Roma quem é o maior jogador do futebol italiano, sem dúvida, eles responderão que é... um brasileiro!

Sim, o catarinense Paulo

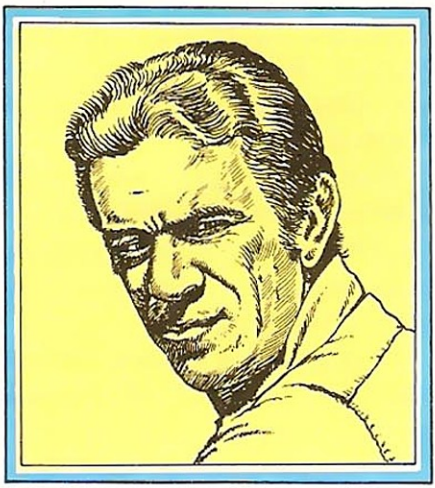
QUANDO GASTÃO É O GOLEIRO

Naquele amistoso que foi disputar em Patópolis, o Vai Levando F.C., time do Zé, entrou certo de que iria ganhar com um pé nas costas. O adversário só tinha cabeças-de-bagre — comentavam os vailevandenses.

Só que o Zé não sabia **quem** era o goleiro deles naquele dia, senão não teria tanta certeza da vitória. Pois é . . . o guarda-valas adversário era nada mais, nada menos, que o Gastão, o pato mais "sortudo" do mundo. E o Zé ia jogar de centroavante.

A partida foi duramente disputada até o último minuto, com o time do Zé no ataque o tempo todo, bombardeando a meta adversária de todas as formas, sem que a bola entrasse. Quando faltavam dez segundos para terminar, Zé driblou o lateral esquerdo, deu um "nó" no central e fintou o goleiro Gastão, que tinha saído atabalhoadamente do gol, ficando com a meta escancarada à sua frente. A torcida do Vai Levando começou a festejar antecipadamente o gol certo, soltando rojões. Para esnobar, Zé deu um toque curto na bola, empurrando-a de mansinho para a meta vazia. Aí . . . BUM! — um foguete atirado pela torcida atingiu a bola, que estourou. Como a bola não chegou a entrar, o juiz não deu o gol. E deu a partida por encerrada. Moral da história: mais vale um mau goleiro de sorte do que um bom goleiro azarado.

TELÊ, O FIO DE ESPERANÇA



Telê Santana, o técnico da Seleção Brasileira, era muito magro, quando jovem. Como jogador — era ponta-direita do Fluminense do Rio de Janeiro —, lutava até o fim pela vitória, sem jamais se abater ou acreditar que uma partida estivesse perdida. Por isso, os torcedores o chamavam de "Fio de Esperança" (título de um filme que fez muito sucesso na década de 50).

Hoje, não tão magro, mas com a mesma fibra, Telê transmite aos jogadores da Seleção as lições que aprendeu em campo. Por exemplo: não se pode menosprezar nenhum adversário, é preciso jogar com seriedade e não se deve achar que uma partida está ganha antes do apito final do árbitro.

... E A EUROPA DESCOBRIU O FUTEBOL BRASILEIRO

Foi no Mundial de 1938, disputado na França, que o futebol brasileiro consolidou seu prestígio na Europa. Infelizmente, nossa Seleção, que ia bem, teve um sério problema nas semifinais. Leônidas, o "Pelé" do time, estava contundido. Mas seu substituto, Niginho, não podia jogar, pois tinha o passe preso a um clube italiano. O jeito foi deslocar o meia Romeu para o lugar de Leônidas. Sem o "Diamante", o time brasileiro, mesmo lutando com toda a "garra", perdeu para a Itália por 2 a 1. Ainda assim conseguiu o terceiro lugar.

ISTO É A CBF

No lado esquerdo da camisa dos jogadores da Seleção Brasileira está bordado um escudo verde, amarelo, azul e branco, com três letras: **CBF.**

Você sabe o que elas significam? Elas querem dizer Confederação Brasileira de Futebol. E é essa a entidade que preside o futebol no país.

Até o início de 1980, a CBF se chamava CBD. Era a Confederação Brasileira de Desportos. Portanto, administrava outros esportes, além do futebol.

Desde então, criaram-se outras confederações e a nova CBF pôde se dedicar à tarefa de cuidar apenas do futebol brasileiro.

O que não é pouco. Afinal, existem no país 22 federa-

ções (uma para cada Estado), 425 clubes e nada menos do que 7 892 jogadores profissionais, segundo os dados do "1.º Censo do Futebol Brasileiro", realizado em 1981 pela revista **Placar.**

Isso faz da CBF a maior confederação de futebol do mundo. Para se ter uma idéia do que ela representa, basta lembrar que somente a Federação Paulista — subordinada à CBF — tem tantos clubes profissionais filiados (128) quanto a famosa F. A., a Federação Inglesa, a mais antiga de todas, que foi fundada em 1863.

A nossa CBF, porém, é bem mais recente. Surgiu em 1914, como Federação Brasileira de Sports. Dois anos depois, mudou seu nome para Confederação Brasileira de Desportos e, somente em 1980, para Confederação Brasileira de Futebol. O atual presidente é o empresário Giulite Coutinho.

O QUE É A COMISSÃO TÉCNICA?

Como a CBF superintende tudo o que se refere ao futebol e não pode cuidar somente da Seleção, formou uma comissão de especialistas para dirigi-la. Antigamente, o técnico cuidava de tudo, ficando sobrecarregado. Por isso, foi criada a Comissão Técnica: um grupo de pessoas que dividem entre si as atribuições dos assuntos ligados à Seleção.

A Comissão Técnica tem um presidente, um supervisor, um técnico de futebol, um assessor técnico, dois preparadores físicos, dois médicos (um clínico e um ortopedista) e dois massagistas. Pode ter, eventualmente, um psicólogo.

TIMES QUE ENCANTARAM O MUNDO

Arsenal, você conhece? Já ouviu falar do Torino? E do Honvéd? Do River Plate? Do Real Madrid? Do Ajax? Do Bayern de Munique? Alguma coisa sobre o Liverpool?

Se você sabe, parabéns: esses foram alguns dos maiores times da história do futebol internacional.

Então, certamente você não ignora que tão bom quanto eles — e até melhor — era o Santos F. C., Bicampeão do mundo (1962/63). Esse time encantou multidões dos cinco continentes com a magia de seus craques inesquecíveis: Gilmar, Mauro, Zito, Dorval, Jair, Mengálvio, Pagão, Coutinho, Pepe e, lógico, o maior de todos os tempos, Pelé.

Muitos anos antes do Santos de Pelé, nos anos 30, apareceu o Arsenal, de Londres. Dirigido pelo técnico Herbert Chapman, que criou a tática do "WM" **(veja matéria na página 74)**, em nove anos ganhou cinco vezes o campeonato inglês.

Dez anos depois, na Itália, iniciou-se o reinado do Torino, que desapareceu num desastre aéreo ocorrido em maio de 1949. Na Argentina, enquanto isso, surgia o River Plate, chamado de **La Máquina.** Tratava-se de um time tão bom que o grande Alfredo Di Stefano — na época em início de carreira, mais tarde considerado um dos cinco maiores jogadores da história do futebol — era reserva do seu ataque! Imaginem só!

Di Stefano brilhou no fabuloso Real Madrid da Espanha, absoluto no mundo inteiro antes da explosão do Santos de Pelé.

O ataque desse time era uma verdadeira seleção internacional: o francês Kopa, o espanhol Rial, o argentino Di Stefano, o húngaro Puskas e o espanhol Gento.

E foi também nesse time que jogou o brasileiro Didi.

Antes de ir para o Real, Puskas comandou outra equipe lendária: o Honvéd, de Budapeste, Hungria.

Nos anos 70, três times europeus deslumbraram os torcedores. Primeiro, os holandeses do Ajax, de Amsterdã, com Cruijff e Neeskens. Depois, os alemães do Bayern de Munique, com seu elegante capitão Franz Beckenbauer. Finalmente, os ingleses do Liverpool, o "Exército Vermelho" (por causa da cor de suas camisas).

E foi o nosso Flamengo quem derrotou o Liverpool, no Japão, em 1981. Com essa vitória tornou-se Campeão Mundial de Clubes e um dos grandes do futebol.

AS SELEÇÕES DE OURO

Hiden; Rainer e Lum (ou Seszta); Braun, Smistik e Nausch; Zischek, Gschweidl, Sindelar, Schall e Vogel. Era esta a formação de uma das mais famosas equipes de futebol de todos os tempos, a Seleção Austríaca dos anos 30. Conhecido como *Wunderteam (Time Maravilhoso),* esse selecionado dominou o cenário europeu por anos, obtendo vitórias sensacionais: 5 a 0 sobre a Escócia, 6 a 0 e 5 a 0 sobre a Alemanha, 8 a 1 sobre a Suíça e 8 a 2 sobre a Hungria. O jogador que simbolizava seu futebol talentoso era o esguio Mathias Sindelar, o "Homem de Papel", um verdadeiro artista da bola e notável artilheiro.

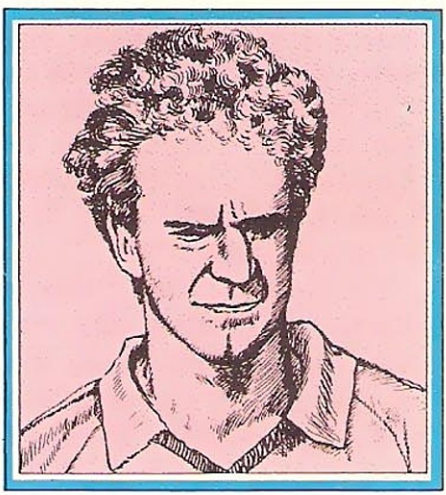
A *Squadra Azzurra,* a Seleção Italiana bicampeã mundial em 1934-38, sucedeu no trono ao *Wunderteam* austríaco. Seu astro principal era também um atacante, Sílvio Piola, que ti-

nha ao lado dois mestres da bola: Ferrari e Meazza.

Outro esquadrão que entrou para a antologia do futebol foi a "Seleção de Ouro" do Brasil, também duas vezes campeã mundial (1958-62). Gilmar; Djalma Santos, Bellini (Mauro) e Nílton Santos; Zito e Orlando (Zózimo); Garrincha, Didi, Vavá, Pelé (Amarildo) e Zagalo.

Era uma seleção tão superior às de outros países, que podia dar-se ao luxo de ganhar a Copa do Mundo de goleada, como fez na Suécia, batendo o adversário finalista por 5 a 2. Do goleiro ao ponta-esquerda só tinha grandes craques. Aliás, tinha mais: tinha dois gênios, Pelé e Garrincha. Assim não poderia mesmo haver adversário que agüentasse . . .

O ENCABULADO RUMMENIGGE



Quando alguém dirige a palavra a Karl-Heinz Rummenigge — o fantástico atacante do Bayern de Munique e da Seleção Alemã —, suas bochechas ficam ainda mais avermelhadas do que normalmente já são. "É de vergonha", comentam seus amigos. "Apesar da fama, ele continua sendo um garoto tímido."

Encabulado fora de campo, durante as partidas Rummenigge transforma-se num tormento para seus adversários. É rápido, perigoso, inteligente e chuta muito bem. Trata-se, na opinião de muitos, do melhor atacante da Europa no momento. Apesar de toda sua timidez. . .

GOLS FEITOS POR GOLEIROS

Um goleiro marcar gol no outro goleiro, já pensou? Pois isso pode acontecer, principalmente na cobrança de um pênalti. Alguns arqueiros até se especializaram em cobrar penais, como o italiano Sentimenti IV e o brasileiro Ubirajara, quando atuava no Bangu, do Rio.

O barato mesmo é quando um goleiro marca gol numa jogada normal, chutando de sua própria área. É raro, mas isso às vezes acontece.

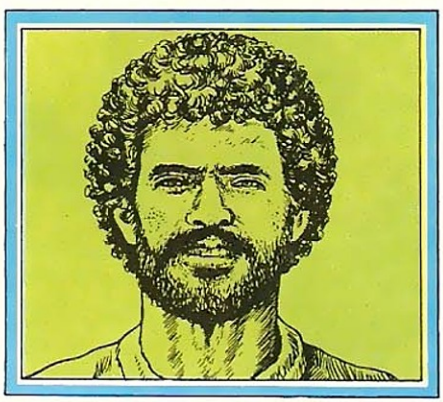
Ubirajara, arqueiro do Flamengo, num jogo contra o Madureira, recolheu uma bola atrasada pelo zagueiro Onça, foi até o limite da grande área e dali chutou forte para a frente. A bola chegou até a área do Madureira e o goleiro Paulo Roberto saiu para segurá-la. Mas escorregou e a bola entrou na meta, para azar do Madureira... e do Paulo Roberto. Foi gol, pois não era tiro de meta.

No Campeonato Paulista o arqueiro Tobias, do Noroeste de Bauru, bateu um tiro de meta. O chute foi forte e a bola acabou entrando na meta adversária. O gol foi validado pelo árbitro porque o goleiro do outro time tocou na bola antes que ela entrasse.

O TIME QUE NÃO DEFENDIA PÊNALTI

O clube Corinthians da Inglaterra, fundado em 1882, foi sempre um ferrenho defensor do amadorismo e por isso recusou-se a entrar para a *Football Association*. Se defendia britanicamente os ideais esportivos nas palavras, era coerente nas suas atitudes durante as partidas. Nas poucas vezes em que seus jogadores cediam pênalti, o goleiro afastava-se da meta para não impedir o adversário de marcar o gol. Era uma forma elegante e esportiva de encarar o pênalti, que é, na verdade, uma infração quase sempre cometida como um recurso ilícito para impedir a marcação do gol por parte do adversário . . .

O DR. SÓCRATES



Seu nome é tão grande quanto seu futebol: Sócrates Brasileiro de Souza Sampaio Vieira de Oliveira. E, ainda por cima, ele pode colocar um "doutor" na frente, pois se formou em Medicina, em Ribeirão Preto.

Craque do Corínthians e da Seleção Brasileira — da qual é o capitão —, o dr. Sócrates começou sua carreira no Botafogo de Ribeirão Preto (SP) e, desde 1978, está no seu atual clube. Sua jogada mais famosa é o passe de calcanhar. Deslumbrante, vocês não acham?

ESCREVEU, NÃO LEU...

...o pau comeu! A história começou no dia em que os Irmãos Metralha resolveram disputar um jogo **inamistoso** com o time do Kid Monius e o diretor da penitenciária de Patópolis concordou. Como seria de se imaginar, a tal partida não durou nem os primeiros cinco minutos.

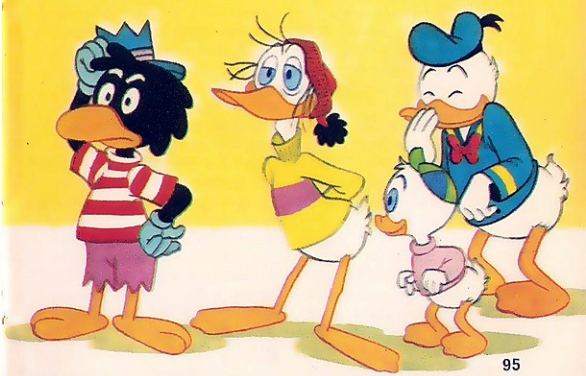
Na primeira bola dividida, o tempo fechou. E começou a briga. Os guardas entraram em campo para apartar, mas o toma-lá-dá-cá se generalizou rapidamente. Só depois de vários minutos de vale-tudo é que a coisa se acalmou e os jogadores foram gentilmente convidados a voltar para a concentração... isto é, para suas celas.

Mas no futebol profissional já se registraram brigas piores. Afinal, embora seja antes de tudo um esporte — e, portanto, um meio de aproximar pessoas, clubes e povos —, o futebol é uma atividade apaixonante. Não devia, mas pode levar as pessoas a perderem a cabeça.

Foi o que aconteceu em algumas disputas da Taça Intercontinental. Como na final entre Santos e Milan, no Maracanã, em 1963. Mais grave foi no jogo entre Estudiantes de La Plata e o mesmo Milan, em Buenos Aires, seis anos depois. Após apresentar um pedido oficial de desculpas aos italianos, o próprio presidente da Argentina, general Ongania, mandou três jogadores do Estudiantes para a concentração. Ou melhor, para a cadeia — como no jogo dos Irmãos Metralha.

A Seleção Brasileira já participou de alguns conflitos, principalmente enfrentando os uruguaios. Eles são nossos rivais no futebol desde que nos ganharam a Copa do Mundo de 50 dentro do Maracanã. Brigamos contra eles no Sul-Americano de 59, em Buenos Aires — do quebra-pau tomaram parte jogadores, reservas e até massagistas. Em 1976, no Maracanã, o zagueiro Ramirez saiu correndo atrás de Rivelino que, para não ser agredido, correu em direção à escada que conduz ao vestiário.

Mas esses são momentos tristes e condenáveis do futebol. Afinal, quem gosta de briga vai ver boxe ou luta-livre, não é mesmo?



A SELEÇÃO ESCOCESA

Dizem os ingleses, seus velhos rivais, que o melhor jogador da Escócia seria um tal de Walker... Johnny Walker. É uma brincadeira, lógico. Trata-se de uma marca de uísque escocês, não de um craque de futebol.

Mas a fama não foi conseguida por acaso. É que os torcedores da Escócia sempre acompanham seu time, onde quer que ele jogue, e às vezes chegam ao estádio já meio "altos".

Farras à parte, os escoceses são bons de bola. Tanto que, na Espanha, participarão de sua terceira Copa consecutiva. Eles estiveram também na Alemanha, em 1974 (quando empataram com o Brasil por 0 x 0), e na Argentina, em 1978. Isso foi motivo de orgulho para os escoceses, já que nos dois mundiais eram os únicos representantes da Grã-Bretanha, da qual fazem parte a Inglaterra (que inventou o futebol), o País de Gales e a Irlanda do Norte.

É curioso que isso aconteça, pois se a Grã-Bretanha tem uma só rainha, um só parlamento e um só governo, deveria ter uma só seleção. Não é assim que ocorre e, na Espanha, a Escócia tem apenas um objetivo: chegar à frente da Inglaterra...

A "FÚRIA"

Em nível de clube, o futebol espanhol sempre esteve entre os melhores do mundo. Quem não sabe, aliás, que times como o Real Madrid, o Atlético de Madrid e o Barcelona marcaram época?

Mas, a nível de seleção, a Espanha nunca foi tão forte. Isso tem uma explicação. É que, tradicionalmente, os espanhóis sempre importaram grandes craques estrangeiros, que contribuíram para que seus clubes se tornassem poderosos. Por serem estrangeiros, porém, eles não podem jogar na seleção.

Agora, os torcedores esperam que esse "tabu" seja quebrado. Não é para menos. Pela primeira vez, a Espanha será a sede de uma Copa. E quem a organiza, atuando em casa, tem sempre chances muito grandes de se tornar campeã.

Por isso mesmo, a Espanha — que usa camisa vermelha e calção azul — está sendo considerada uma das favoritas. E talvez justifique seu apelido de **Fúria** — numa alusão à garra que seus jogadores demonstram em campo.

CAMBISTAS, ESSES ESPERTALHÕES

Depois que ela insistiu muito, Donald resolveu levar Margarida ao Estádio Paca-Tatu. Quando iam chegando, foram abordados por um sujeito meio apressado.

— Olha aí, amizade! Ingressos especiais do setor central — foi logo dizendo o desconhecido.

— Quanto custam?

— Só Cr$ 300,00, amizade. E são os últimos.

Como a fila da bilheteria era grande, Donald comprou-os. Só depois descobriu que pagara mais caro. Na verdade, os ingressos custavam Cr$ 200,00.

Mas aí, ele teve de admitir que tinha sido mais uma vítima dos cambistas.

Não se sabe exatamente como os cambistas conseguem comprar com antecedência inúmeros ingressos, para revendê-los depois com ótimo lucro.

Mas, sempre que há um jogo interessante ou a disputa final de um campeonato — quando a procura de ingressos é grande —, eles aparecem, adquirem ingressos antecipadamente e procuram tirar lucro em cima dos torcedores desesperados.

Isso aconteceu com o Donald e com muita gente que prefere pagar mais a perder o jogo.

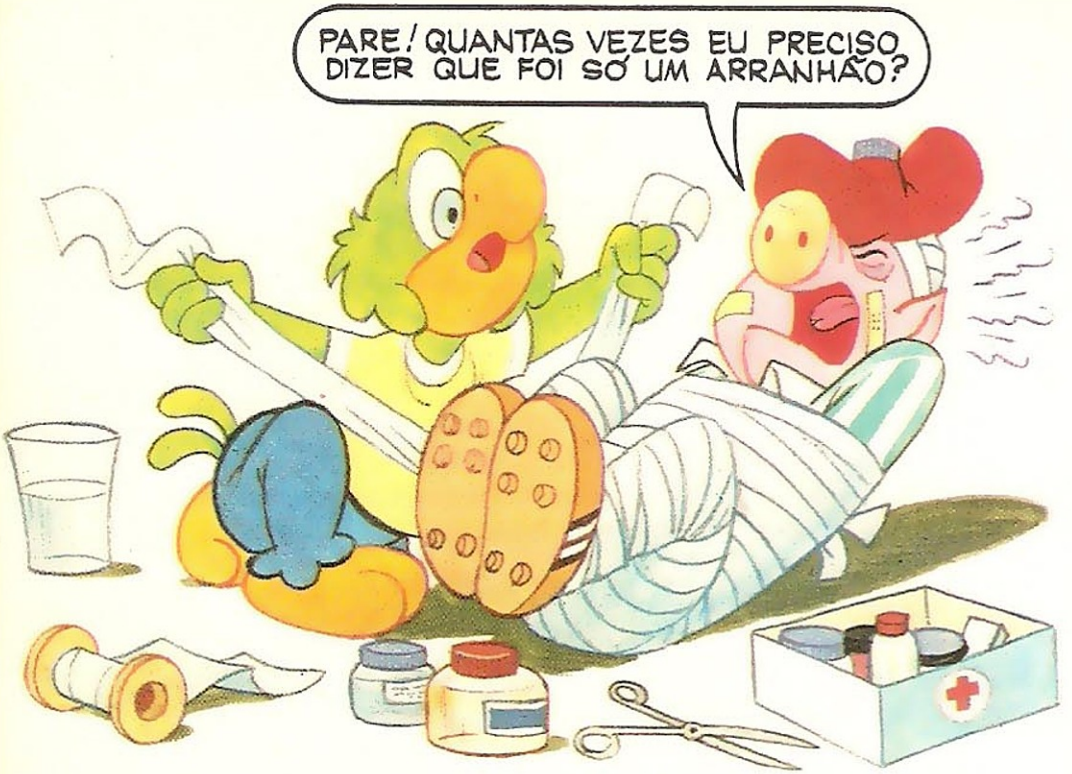
Mas nem tudo é tão fácil para os cambistas, pois além de estarem agindo fora da lei e, portanto, sujeitos a penalizações, eles também podem perder.

Imaginem, por exemplo, quando compram grande quantidade de ingressos, cai uma tremenda chuva e pouca gente vai ao estádio. Aí então, os cambistas acabam "apelando" e vendendo o ingresso mais barato do que na bilheteria.

... E O JOGO COMEÇA

Como o jogo entre os times do Pateta e do Zé Carioca era amistoso, Tio Patinhas foi homenageado e convidado a dar o pontapé inicial.

Mas isso não pode acontecer em partidas de campeonato, onde o pontapé inicial deve ser dado por um jogador do time ao qual cabe dar a saída. Ao apito do juiz o jogo começa com um chute na bola colocada na marca do centro do campo. A bola deve ser movimentada para a frente e não poderá ser tocada novamente pelo mesmo jogador antes que um outro a toque. E para que a bola seja considerada em jogo ela tem antes que percorrer uma distância igual à sua circunferência.



O MÉDICO, SEMPRE A POSTOS

O médico é outra figura obrigatória no futebol. Afinal, um atleta precisa gozar sempre de ótima saúde e a toda hora está correndo o risco de machucar-se.

Antigamente o jogador que se contundisse tinha que sair de campo, mancando ou carregado, até o consultório do médico mais próximo. Ainda em 1938, para participar da Copa do Mundo disputada na França, a Seleção Brasileira viajou sem um médico em sua comitiva. Essa função era então desempenhada pelo zagueiro Nariz, hoje médico de renome em Uberaba (MG). Se o próprio jogador-médico precisasse de socorros médicos, estaríamos bem arranjados . . .

Hoje o futebol profissional está mais organizado e não se admitem mais esses quebra-galhos. Todo clube tem seu médico, que atende aos jogadores, não só durante as partidas, mas diariamente. Os clubes maiores têm até convênios com hospitais especializados, dispõem de enfermaria, farmácia e aparelhamento para prestar toda assistência aos atletas.

HÚNGAROS, OS MAGOS DA BOLA

Há quem pense que a habilidade, a malícia, a técnica e os dribles desconcertantes são virtudes exclusivas dos jogadores brasileiros. Não são, não. Existe um país da Europa em que sempre se jogou esse futebol bonito que todos nós admiramos.

É a Hungria. Como eles têm uma população bem menor do que a nossa (10 milhões, sendo que a do Brasil é 12 vezes maior), seus craques se renovam com menor rapidez.

Entre eles, no passado, figuraram alguns dos grandes nomes da história do futebol: Puskas, Kocsis, Hidegkuti, Czibor, Bozsik e vários outros.

Na sua trajetória de sucessos, os magiares — como também são conhecidos esses magos da bola — venceram três vezes o torneio de futebol das Olimpíadas (1952, 1964 e 1968) e foram duas vezes vice-campeões do mundo (1938 e 1954). Em 1954, perderam o título por uma fatalidade. Embora melhores do que os alemães, foram derrotados por eles na final por 3 x 2.

ZÉ E A LOTECA

— **TREZE PONTOS!!** — gritava o Zé Carioca. — Fiz treze pontos na Loteria Esportiva! E SOZINHO, SO-ZI-NHO!! Estou RICO! MILIONÁRIO! BILIONÁRIO!!!

E o Zé, arrepiando as penas, dava cambalhotas e se esganiçava, dava pulos, sempre gritando:

— Estou rico! RICO! Vou dar um carro para cada um dos meus amigos! Comprar um iate, um palacete, um helicóptero!!

E o Zé berrava cada vez mais elétrico, mais nervoso. E continuou, gritando cada vez mais alto:

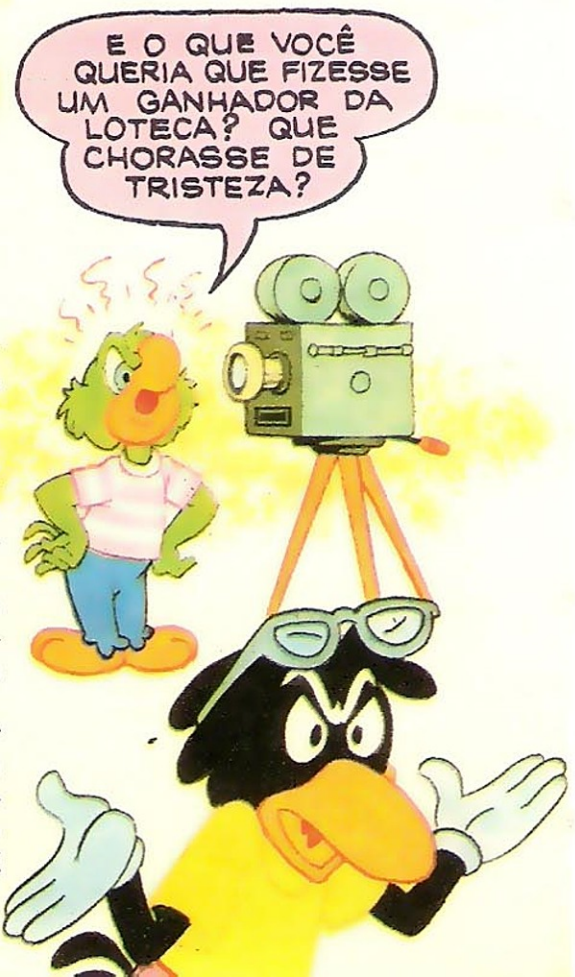
— E tem mais: vou comprar um casaco de peles... e um colar de brilhantes para a Rosinha! E uma casa de campo com piscina de água mineral! E isto e mais aquilo! E não sei o que mais! E... E...

— **CORTA!!!**

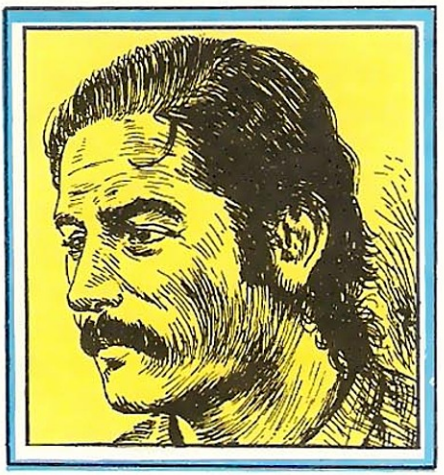
Desta vez o grito era do Nestor, o amigo do Zé, que estava dirigindo o filme.

— Não dá, Zé — disse o Nestor. — Você, por mais que se esforce, não convence como milionário. O jeito é você fazer o papel de mordomo no filme!

Pois é, o Zé estava apenas interpretando o papel de um felizardo que tinha acertado na loteca. É o tal negócio... quem nasceu lagartixa nunca chega a jacaré.



RIVELINO



Passes perfeitos, dribles desconcertantes e chutes violentos — eis as principais características de Roberto Rivelino, nascido em São Paulo em 1946.

Em 1964 se sagrou campeão paulista de aspirantes no Corintians. No ano seguinte já era titular da equipe principal do clube do Parque São Jorge e ídolo da torcida.

Após o Corintians perder o campeonato paulista de 1974, seu passe foi vendido ao Fluminense. Seu momento de maior glória foi na Copa do México em 1970, de onde o Brasil voltou tricampeão.

Em 1978 jogou na seleção na Copa da Argentina. Depois, foi contratado para atuar na Arábia Saudita. Está de volta ao Brasil, continua muito popular, embora não esteja jogando.

O "DIVINO MESTRE"

Domingos da Guia nasceu no Rio de Janeiro em 10 de novembro de 1912. Quando garoto apanhava as bolas atrás do gol, nos jogos do Bangu. Um dia substituiu alguém à última hora e abafou: iniciou-se assim a carreira do maior zagueiro da história do nosso futebol. Domingos era tão craque que foi apelidado de "El Divino Mestre", quando jogava no Nacional do Uruguai. Disputou 27 jogos pela Seleção Brasileira e ainda deixou uma grande herança: seu filho Ademir da Guia, que jogava tão bonito como ele, e por isso ganhou o mesmo apelido do pai: "O Divino"

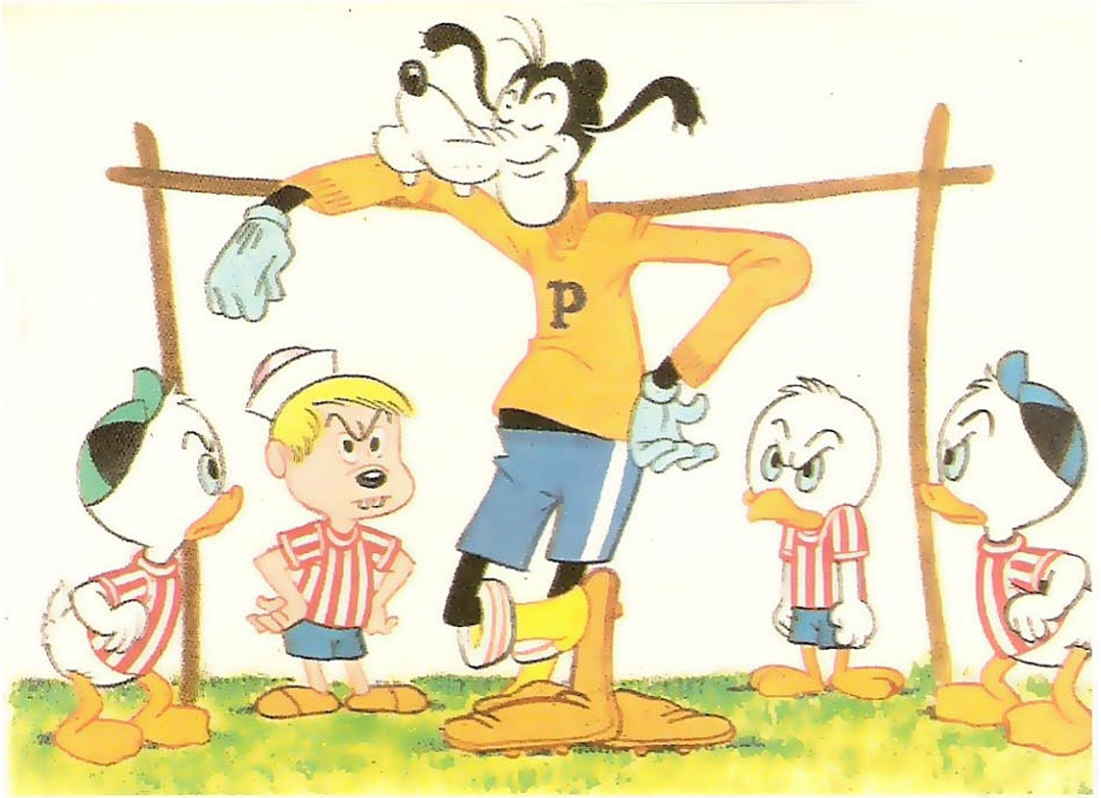
ELES PARARAM ANTES DO TEMPO

Os torcedores do futebol ficam muito tristes quando os craques que mais admiram são obrigados a parar de jogar antes do tempo, como foi o caso do jogador francês Fontaine.

Verdadeiro ídolo em seu país, Fontaine fez 13 gols na Copa do Mundo de 58, tornando-se desde então o maior artilheiro da história dos campeonatos mundiais. Dois anos depois, num jogo do Campeonato Francês, sofreu fratura da rótula e nunca mais jogou.

Banks, goleiro da Inglaterra que era considerado um dos melhores do mundo, não teve melhor sorte. Ele perdeu a visão num acidente automobilístico e por isso precisou encerrar a sua carreira prematuramente.

No Brasil, o caso mais lamentável foi o do grande Tostão — um dos heróis da inesquecível campanha do tricampeonato, em 1970, no México. Passados menos de três anos, ele voltou a sentir um velho problema na vista. Foi submetido a exames nos Estados Unidos, se viu forçado a se afastar definitivamente dos estádios. Em caso contrário, Tostão acabaria perdendo totalmente a visão.



O TAMANHO DO GOL

Dizem que para o craque o gol parece maior do que para o "perna-de-pau", porque quem é bom sempre encontra um lugarzinho para fazer a bola entrar . . .

Acontece, porém, que a lei do jogo vale tanto para a Seleção Brasileira, como para o Arranca-Toco F. C. E, segundo a Regra 1 do futebol, as traves devem ser separadas por 7,32 metros e unidas em suas extremidades por um travessão, distante do chão 2,44 metros. A largura e espessura das traves e do travessão não devem rigorosamente exceder 12 centímetros.

As traves e o travessão eram antes retangulares, tinham quatro lados, mas a partir da Copa de 1950 passaram a ser cilíndricos. Isso, além de evitar acidentes mais perigosos com os jogadores, impede também que a bola bata numa quina e provoque discussões sobre se foi gol ou não foi.

Geralmente as traves são fabricadas com madeira envelhecida para que não verguem. Entretanto, o *International Board* permite que seja usado o metal, o que é muito raro na prática.

JOGADORES DE COLARINHO E GRAVATA

Zico e Zeca estavam vendo o velho álbum de família do tio Zé Carioca, quando encontraram uma estranha foto. Nela apareciam onze rapazes, alguns agachados, outros de pé, todos vestidos de uma forma esquisita. Um tinha um lenço amarrado na cabeça, outro usava uma rede para prender o cabelo, outro trazia faixas enroladas nas coxas e assim por diante . . .

— Que é isso, tio Zé? Um bloco de carnaval? — perguntou o Zico.

Zé Carioca deu uma gargalhada e respondeu:

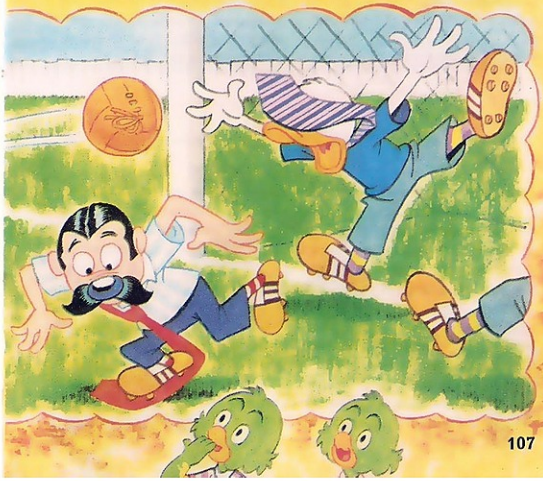
— Que nada! É o antigo time de futebol, onde meu avô jogava. Naquela época, os uniformes não eram simples como os de agora. Os calções eram bem mais compridos e os jogadores usavam camisas de colarinho e até gravata! Punham na cabeça gorrinhos, redinhas ou lenços para segurar os cabelos. As chuteiras tinham bico duro com chapinhas de ferro. Por causa disso, os jogadores eram obrigados a usar caneleiras e tornozeleiras para se protegerem dos chutes. Só que eram tão inconvenientes que dificultavam os movimentos do atleta.

— E o goleiro, tio? — perguntou o Zeca, rindo. — Usava alguma armadura, como aquela que vimos no museu?

— Quase isso — disse o Zé. — Como o negócio não era moleza, o arqueiro também tomava as suas providências. Para proteger-se, usava coxeiras, joelheiras, caneleiras, tornozeleiras, cotoveleiras. E muitos ainda punham boné por causa do sol . . . fora as luvas e as pulseiras de couro nos punhos para dar firmeza e proteção.

— Puxa! — exclamaram os dois garotos. — E com tudo isso eles conseguiam agarrar a bola?

— Sem dúvida, meninos! — respondeu Zé Carioca. — No início do futebol, o equipamento dos jogadores era de péssima qualidade. O Corintians, por exemplo, tinha adotado a camisa amarela, que depois ficou branca porque a chuva foi desbotando. Mas depois o uniforme dos futebolistas foi simplifican-



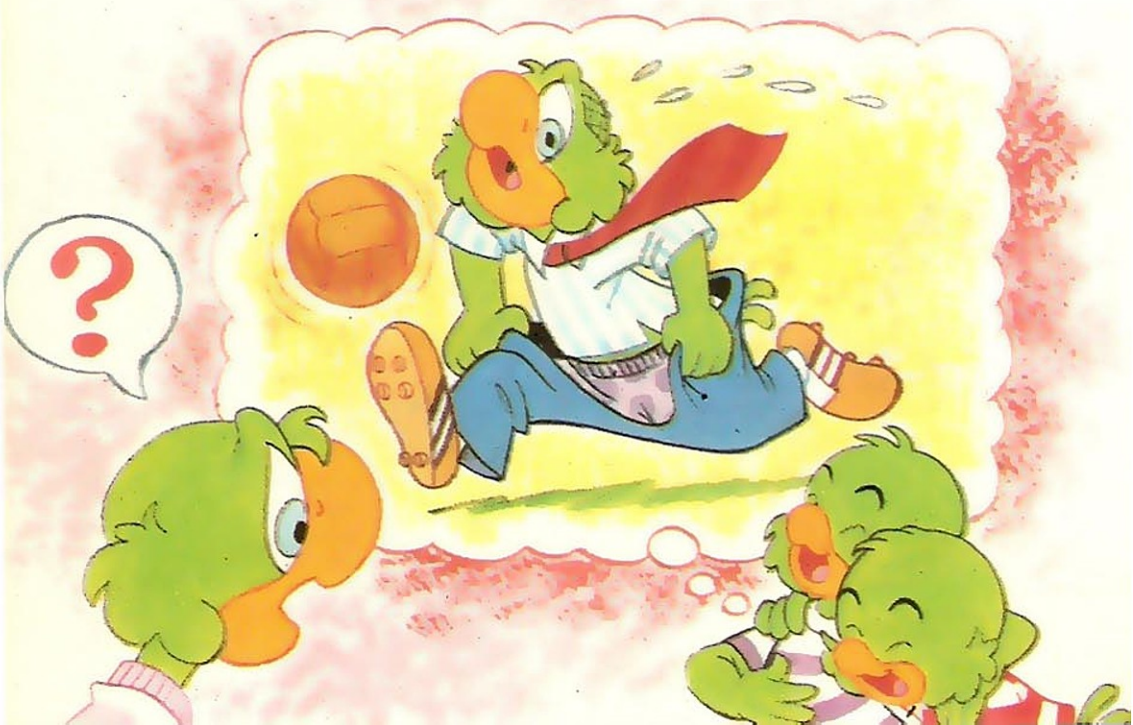
do. As gravatas e os colarinhos foram abolidos, os calções encurtados até os joelhos e, com a melhora dos gramados e o amaciamento das chuteiras, os jogadores deixaram de lado a maioria dos acessórios protetores. Gilmar foi um dos primeiros arqueiros a abandonar a joelheira quando viu que o grande goleiro russo Yashin não mais a usava.

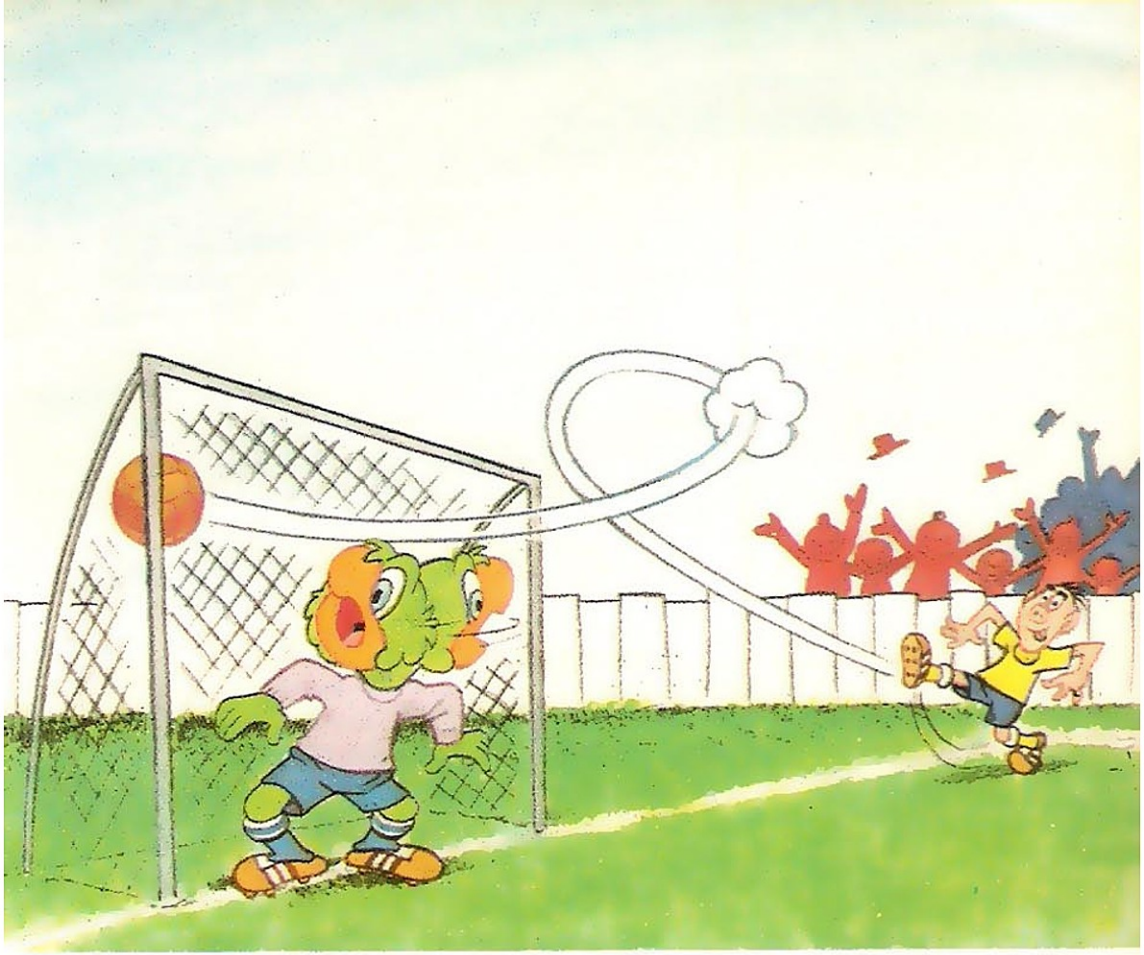
— Por que todas essas modificações, tio Zé?

— Muito simples, Zico. É que o uniforme antigo dificultava o movimento dos jogadores e era mais pesado, também. Hoje os atletas procuram usar o equipamento mais leve possível para evitar carregar peso inútil. Camisas que não retenham água, em caso de chuva; chuteiras que não fiquem facilmente encharcadas; calções de tecido resistente, mas leves e desenhados de acordo com os mais modernos estudos de articulação das pernas e do corpo inteiro para não dificultar os movimentos são algumas das inovações que sofreu o uniforme do futebolista para sua própria comodidade.

Zico e Zeca ficaram satisfeitos com as explicações do tio e queriam aproveitar o resto da tarde jogando bola no campinho. Mas estava chovendo e eles desistiram.

— Tá vendo? — disse Zeca. — Se a gente tivesse um uniforme impermeável, poderíamos até jogar debaixo de tempestade, né?





O GOL OLÍMPICO

Você já viu um gol ser marcado diretamente da cobrança de escanteio? Provavelmente, não — é um gol muito raro.

Ele se chama "gol olímpico" desde o primeiro de que se tem notícia, assinalado pelo ponta-esquerda argentino Onzari, num jogo disputado contra o Uruguai, em 1924. Ganhou esse nome porque, naquele mesmo ano, o Uruguai, sagrara-se campeão olímpico de futebol.

É muito difícil para alguém fazer um gol assim. Além de ser necessário dar um grande efeito à bola, para que ela descreva uma curva, é preciso que o goleiro adversário também colabore.

No Brasil, o ponta-esquerda Éder, do Atlético Mineiro e da Seleção, orgulha-se de ter feito alguns gols olímpicos.

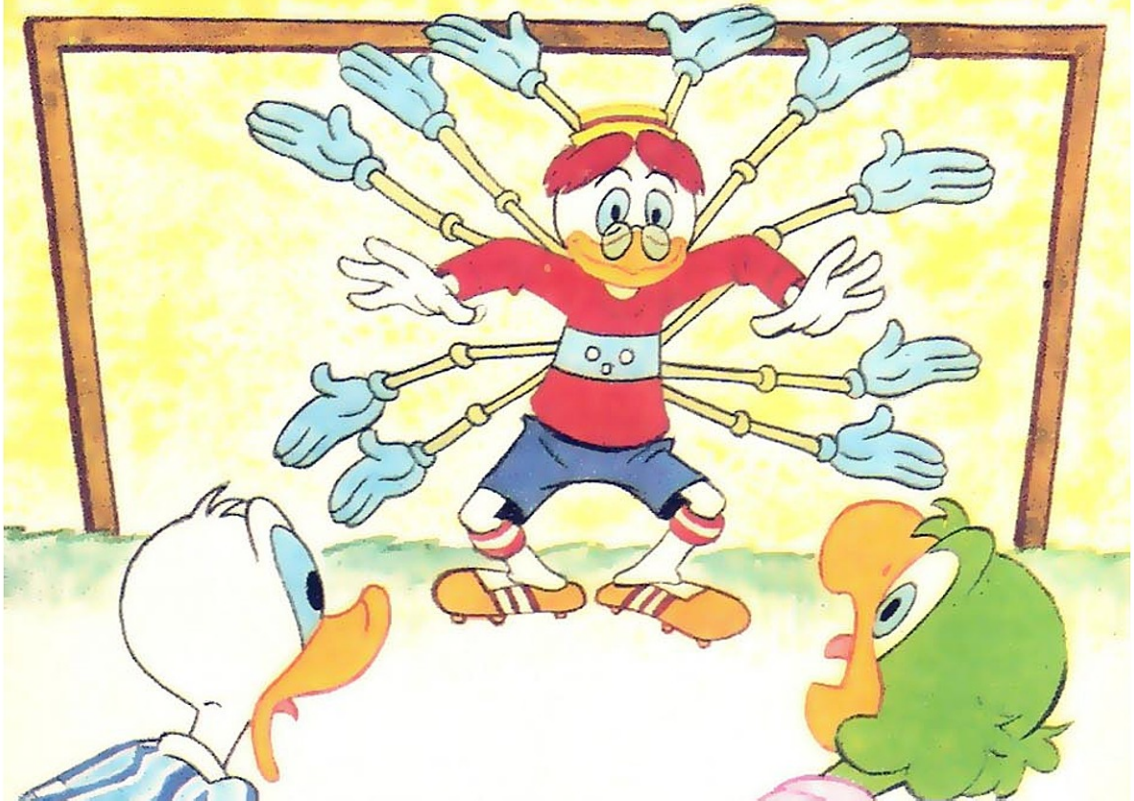
GOLEIROS PARA NINGUÉM BOTAR DEFEITO

Quem foi o melhor goleiro de todos os tempos? Como em quase todas as discussões sobre futebol, aí também as opiniões são variadas e até contraditórias.

Muitos, porém, acreditam que tenha sido o espanhol Ricardo Zamora. Dizem que quando ele estava no gol os atacantes adversários tinham até medo de chutar! Ele atuou brilhantemente nos Jogos Olímpicos de 1924 e 1928, mas o momento mais marcante de sua carreira foi na Copa do Mundo de 1934.

Nessa ocasião, inclusive, Zamora defendeu um pênalti chutado pelo brasileiro Valdemar de Brito. O Brasil perdeu por 3 x 1 e Valdemar, 21 anos depois, iria se consagrar por descobrir ninguém menos do que... Pelé!

Ao lado de Zamora, figuram dois outros goleiros inesquecíveis: o tcheco Planicka, titular de sua seleção ao longo de 74 jogos; e o italiano Combi, campeão do mundo em 1934. Combi foi conside-



rado um dos mais perfeitos arqueiros do mundo por sua frieza, segurança e senso de colocação no gol, defendeu a Squadra Azzurra 49 vezes. Com 32 anos de idade abandonou o futebol.

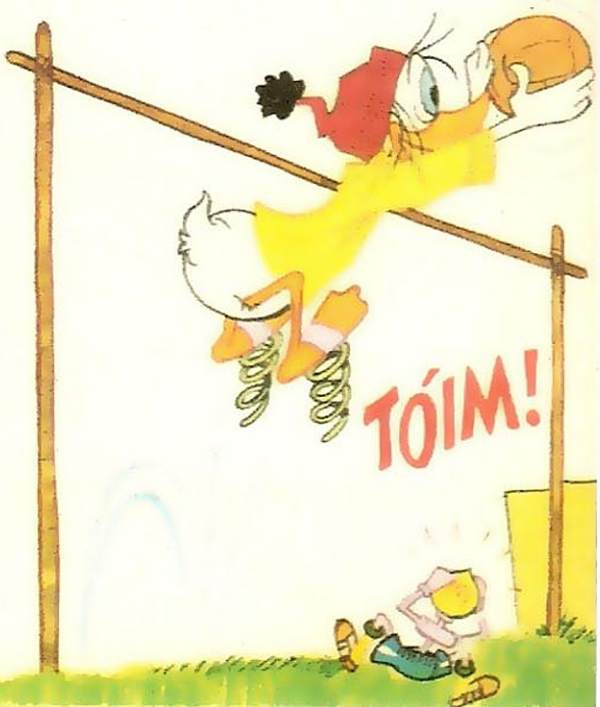
Mais recentemente, brilhou a estrela do soviético Lev Iashin (**leia abaixo**), tido como o maior goleiro do futebol moderno. Quase do seu nível, era o inglês Gordon Banks, o goleiro da Seleção Inglesa que conquistou a Copa de 1966. Outro que marcou época foi o uruguaio Ladisláo Mazurkiewicz.

O Brasil teve vários grandes goleiros (**veja matéria na página 136**). Atualmente a nossa seleção conta com pelo menos dois de nível internacional: Valdir Peres e Carlos.

O FANTÁSTICO IASHIN

Aos 15 anos, quando começou a praticar natação, basquete e um pouco de futebol, Lev Iashin era tão franzino que acabou indo para o gol. Mas, quatro anos depois, estava com 1,85 m de altura e ia para o Dínamo de Moscou, único clube de sua carreira.

Nascido em 1929, Iashin começou a ficar famoso como goleiro em 1956, nos Jogos Olímpicos, quando foi campeão, mas destacou-se principalmente nas Copas de 58, 62 e 66. Despediu-se do futebol aos 41 anos, com a fama de maior goleiro que o mundo viu jogar.



MASSAGENS E FEITIÇOS

No fim do século passado descobriram que, se os jogadores fossem massageados antes das partidas, seu desempenho seria melhor. E, além disso, diminuíam-se os riscos de contusões.

Hoje em dia todo time tem seu massagista. Às vezes, até dois. Sua função principal é friccionar os músculos dos atletas. Mas, freqüentemente, ele também faz outras coisas: presta os primeiros socorros aos jogadores que se machucam, aplica compressas, auxilia o médico do clube, etc.

Alguns massagistas vão além e especializam-se até em ajudar, com rezas e "despachos", os seus times a vencer jogos e ganhar campeonatos.

É a tradicional superstição popular, também presente em nosso futebol. Seja como for, o massagista Santana garante que foram seus "trabalhinhos" com os poderes extraterrenos que levaram o Vasco a ser campeão carioca de 1970! . . .

O "POMBO-CORREIO" DO FUTEBOL

Zé Carioca, malandro como ele só, caiu outra vez dentro de campo. Mas agora não era catimba para ganhar tempo. Ele queria apenas receber o recado que o técnico lhe mandava através do massagista do time, Passos Dias Acurar.

— O técnico — cochichou o massagista, fingindo que friccionava suas penas — disse para você marcar bem de perto o Rei Vinha.

Além de atender os jogadores que se machucam, o massagista costuma desempenhar o papel de "pombo-correio", transmitindo ordens do técnico à equipe no decorrer do jogo. O mais conhecido "pombo-correio" do nosso futebol foi, durante cerca de 30 anos, o massagista Mário Américo, ou Tio Mário como era chamado carinhosamente pelos jogadores. Ele ajudou a ganhar muitos jogos!

Um técnico inteligente pode usar muito bem esse recurso. Com apenas um recadinho do "pombo-correio", pode-se alterar o esquema tático do jogo, levando uma equipe à vitória.

DUAS ZEBRAS SUL-AMERICANAS

Na Europa, quando se fala em futebol sul-americano, todos logo pensam no Brasil ou na Argentina. Mas, na Copa da Espanha, além de nosso time e dos atuais campeões do mundo, estarão presentes outras duas seleções do continente: o Chile e o Peru.

Elas não estão entre as favoritas. Se conseguirem uma boa colocação, será uma boa zebra. Mas ninguém deve menosprezá-las, pois ambas têm uma certa tradição em campeonatos mundiais.

O Chile, para começar, foi terceiro colocado na Copa de 62, realizada em seu próprio país. Naquela ocasião, os chilenos tiveram o azar de enfrentar a Seleção do Brasil nas semi-finais. Perderam por 4 x 2, o que os impediu de tentarem uma classificação ainda melhor.

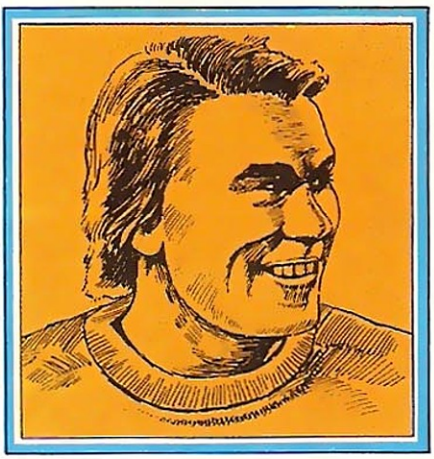
Já os peruanos surpreenderam na Copa de 70, disputada no México. Dirigidos pelo brasileiro Didi, eles chegaram às quartas-de-final. Mas aí a falta de sorte dos chilenos se

repetiu com os peruanos. Precisaram jogar com o Brasil, perderam também por 4 x 2 e foram eliminados.

Chile e Peru não chegam à Espanha por acaso. O Chile, na fase das eliminatórias, passou pelo Equador e pelo Paraguai. Já o Peru teve uma missão mais difícil: vencer a Colômbia e o Uruguai, o que conseguiu, em grande parte, graças ao trabalho e ao talento de seu técnico, o brasileiro Tim.

Na Espanha, os dois só desejam uma coisa: que a "sorte" não os leve a jogar novamente com o Brasil. Se não jogarem, garantem que pelo menos uma zebra irá aparecer nos campos espanhóis...

OLEG BLOCKIN



Seus companheiros e adversários dizem que ele tem um motorzinho embutido dentro do corpo. Quando o liga, não há quem lhe segure. Dispara feito uma máquina em direção ao ataque e só sossega quando chega na porta do gol.

Mas, além de rápido, Oleg Blockin, ponta-esquerda da União Soviética, é um jogador inteligente e criativo. Por isso mesmo, foi considerado várias vezes o melhor de sua posição em toda a Europa.

Blockin, que aos 29 anos irá disputar na Espanha a sua primeira Copa do Mundo, é o grande astro de um time perigoso e ofensivo.

Será preciso tomar muito cuidado com ele — e com os soviéticos, naturalmente.

FUTEBOL EM RITMO DE TANGO

Zé Carioca discutia com um amigo argentino: afinal, quem tem o melhor futebol do mundo?

— O Brasil, lógico! — exclamou Zé Carioca. — Taí a Copa do Mundo. Ganhamos três. O que mais você quer?

— Mas quem são os atuais campeões? — rebateu o outro. — Nós também temos **un grand fútbol.**

E é verdade. A Argentina, o primeiro país a praticar futebol no continente americano, sempre foi uma das forças internacionais. Como nós, eles têm tradição e muita técnica. Em resumo, sabem das coisas em matéria de bola.

Mas, nas Copas, nunca tiveram lá muita sorte. Foram vice-campeões da primeira, é verdade, em 1930, no Uruguai. Depois disso, porém, acumularam fracassos atrás de fracassos. Até parecia letra de tango, a música nacional do país (quem não a conhece?) — bonita e ao mesmo tempo triste, às vezes trágica.

No último campeonato mundial, enfim, eles puderam dançar e cantar com alegria. Os

argentinos organizaram sua Copa, perfeita em todos os detalhes, e sagraram-se campeões mundiais de 1978. Naquele time, brilharam estrelas como o goleiro Fillol, o zagueiro Passarella (capitão da equipe) e também o goleador Mário Kempes.

Com eles — mais seu jovem atacante Diego Maradona, considerado um dos melhores jogadores do mundo no momento —, a Argentina tentará conquistar na Espanha o bicampeonato.

— Tudo bem — concordou Zé Carioca. — Vocês são ótimos adversários. Mas tem uma coisa: de nós vocês não ganham, não.

E o amigo argentino teve de engolir essa. Pois o Zé dissera a verdade: o Brasil não perde da Argentina desde 1970!

O MARAVILHOSO MARADONA

A Argentina, que tem ao lado do Brasil a mais tradicional escola de futebol da América do Sul, orgulha-se dos inúmeros craques que já produziu. Entre eles, destacaram-se nomes inesquecíveis como os de Labruna, Moreno e Di Stefano, fabulosos atacantes dos anos 40 e 50.

Mas o maior de todos os seus jogadores não está no passado. É um garoto nascido em 1960, sensação do futebol internacional: Diego Armando Maradona. Com um estilo semelhante ao de Zico, o maravilhoso *Dieguito* será uma das maiores estrelas da Copa da Espanha.

ZÉ "FRANGUEIRO"

Numa segunda-feira, o Zé Carioca encontrou o Nestor e os dois começaram a bater um papinho:

Zé: — Diga, Nestor . . . Você acha que eu tive culpa naquele primeiro gol? Pode falar com franqueza!

Nestor: — Deixa pra lá, Zé . . . você teve apenas azar!

Zé: — E no segundo? Não foi porque a bola bateu no chão e me enganou?

Nestor: — Claro, Zé, todo mundo viu!

Zé: — No terceiro, até que eu tirei de tapinha! Tenho culpa se meus dedos se dobraram?

Nestor: — Esqueça, Zé . . . isso acontece!

Zé: — Tá certo que o quarto gol foi de lascar . . . A bola passou por entre as pernas!

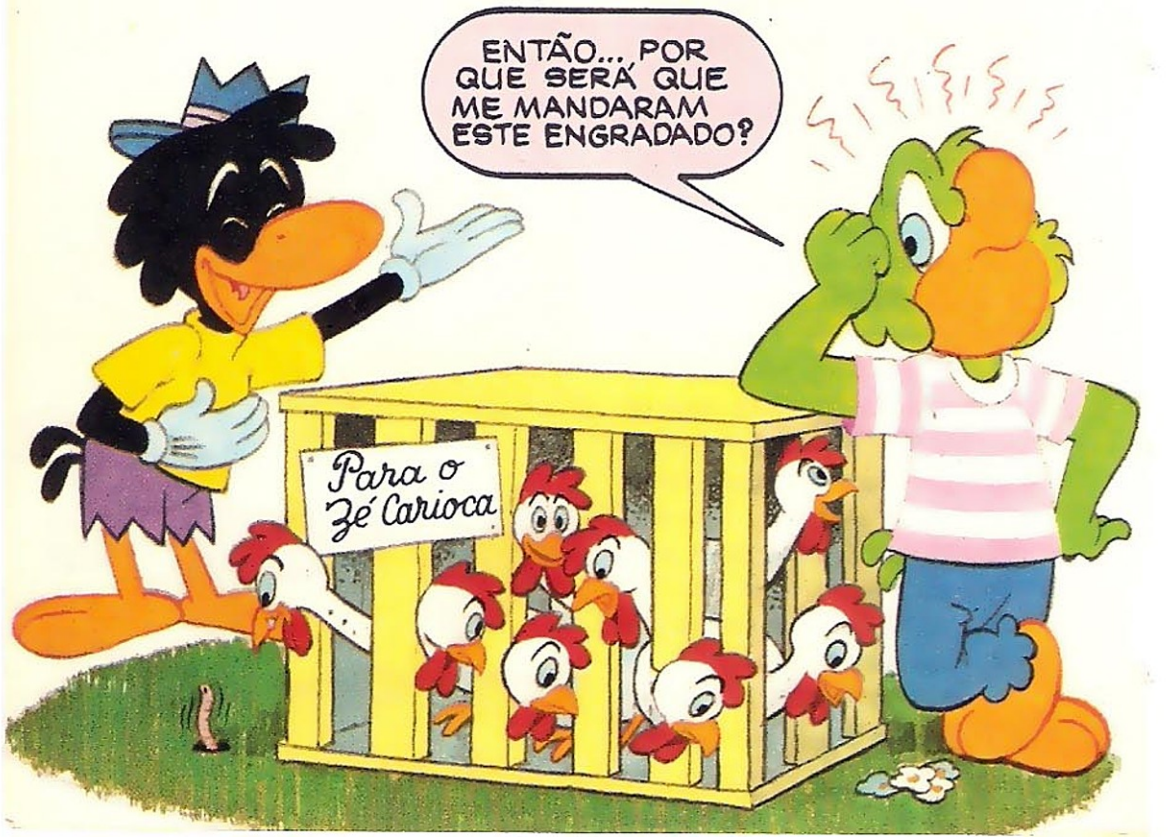
Nestor: — Mas se você fechasse as pernas, o atacante chutava no canto . . . não tinha mesmo jeito, Zé!

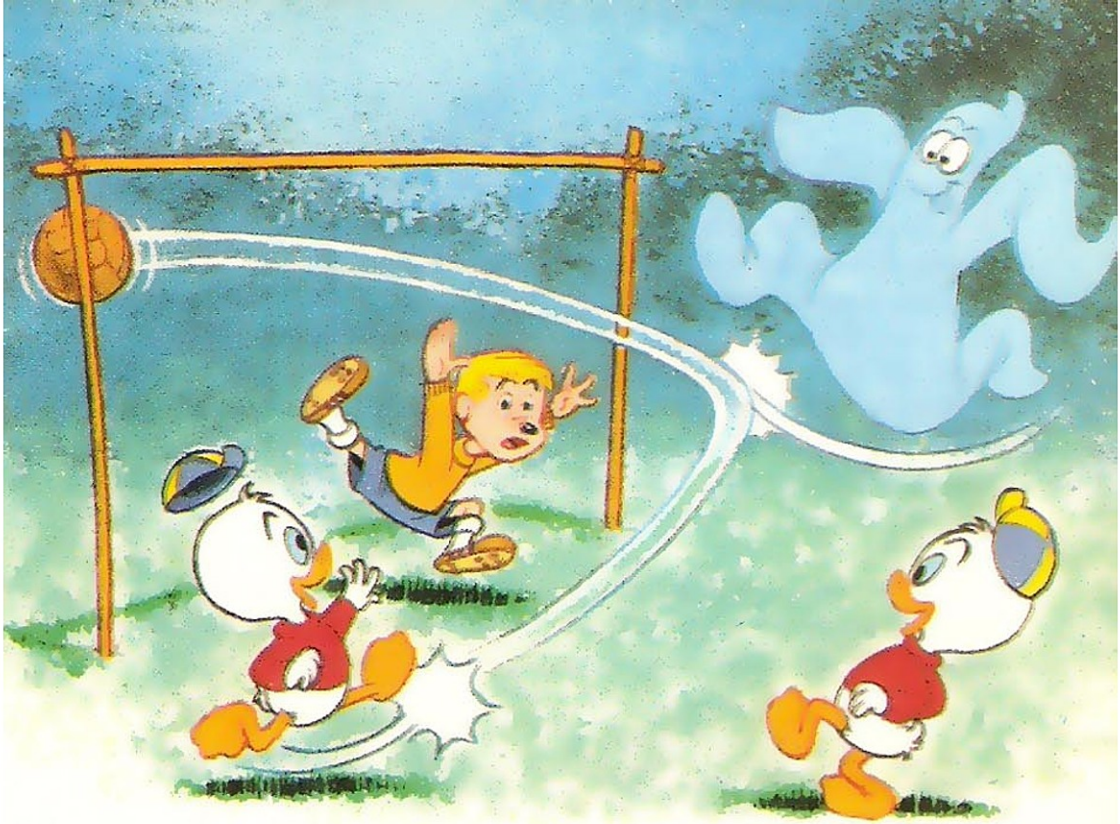
Zé: — Ah, mas o quinto eu *defendi!* Pena que o chute foi tão forte que caí dentro do gol, com bola e tudo!

Nestor: — Coisas da vida, Zé . . . coisas da vida!

Zé: — Então você não acha que eu sou "frangueiro"?

Nestor: — Não, Zé, todo mundo viu o que aconteceu . . .





O GOL "ESPÍRITA"

Quase todos os jogadores estavam amontoados na área, quando o Zé Carioca recebeu a bola.

Ele queria chutá-la, mas escorregou bem na hora e acabou empurrando a bola com o bico. Pois a bola "quicou" no terreno, enganou o goleiro Bokó e... entrou!

— GOOOL!!! — gritou a torcida.

Zé Carioca não entendeu. Ele pensou que tinha errado. Mas acabava de marcar um "gol espírita".

O "gol espírita" é exatamente isso: um gol que, em condições normais, não poderia ser marcado. Nasce por obra do acaso...

Uma rajada de vento que muda a trajetória da bola, uma irregularidade no terreno que engana o goleiro, um chute errado que acaba dando certo, tudo pode fazer surgir um gol espírita.

Às vezes, um jogador "grosso", isto é, sem muitas qualidades técnicas, também marca um gol assim, sem querer. Mas isso acontece também com os grandes craques. O próprio Pelé chegou a assinalar alguns gols espíritas.

A RECOMPENSA DOS CAMPEÕES

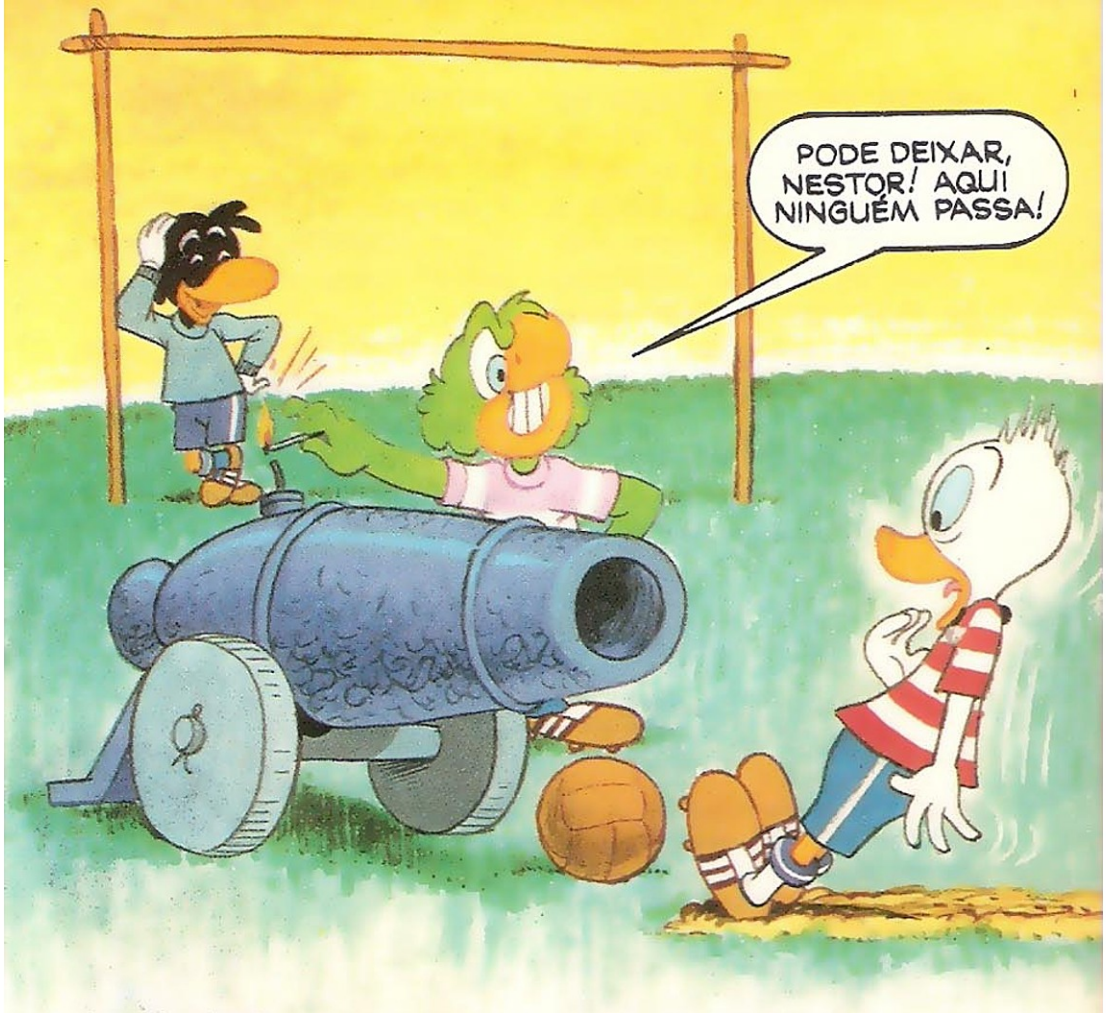
Bem no finzinho do jogo, Zé Carioca driblou o zagueiro Chumbinho e atirou a bola no canto, vencendo o goleiro Lindão. Era o gol da vitória do time do Zé contra o Vaiquemole F.C.

Foi uma festa. Os torcedores ficaram tão contentes que lhe deram uma palheta novinha em folha.

É uma velha tradição no futebol. Depois de uma grande vitória ou de uma conquista importante, os jogadores são recompensados de mil e uma formas.

Em 1970, por exemplo, os craques brasileiros que se sagraram tricampeões do mundo no México receberam desde medalhas, troféus e placas de prata até automóveis zero quilômetro. Tudo isso sem contar com as gratificações em dinheiro.

Imagine se eles voltarem tetra da Espanha...



OS QUE BRILHAM NA DEFESA

Os atacantes do time do Zé Carioca não são craques, mas também não são de se jogar no lixo. O meio-campo e o goleiro chegam para o gasto. Mas na linha de zagueiros é um deus-nos-acuda. Aí é que a coisa engrossa.

— Engrossar é bem o termo, pois na zaga do nosso time só dá grosso — comenta Nestor.

— Mas esse é um fenômeno do futebol brasileiro — explica Zé Carioca. — Aqui, todo garoto que começa quer logo jogar na frente ou no meio-campo. É que nesses setores ele pode ficar mais tempo com a bola, conduzi-la, driblar, chutar e fazer gol...

Talvez seja por isso que, ao lado de tantos jogadores talentosos de meio-campo e ataque, o nosso futebol tenha apresentado poucas estrelas na defesa.

Felizmente, na atual gera-

ção, há exceções a regra. Entre nossos zagueiros que estarão na Copa, por exemplo, destaca-se Luisinho (**veja a página 117**), que muitos comparam ao grande Domingos da Guia. De tão habilidoso, Domingos, que jogou na Copa de 38, foi chamado de "Divino Mestre".

Já na lateral esquerda temos hoje em dia Júnior, do Flamengo. Craque de muitos recursos, ele também lembra, no seu estilo, outro monstro do passado: Nílton Santos, bicampeão do mundo (1958/62) e chamado de "Enciclopédia", pois sabia tudo de bola.

Oscar, do São Paulo, é mais um que se destaca por sua categoria.

— Pena que eles não sejam do nosso time — suspira Nestor.

NÍLTON SANTOS, A "ENCICLOPÉDIA"

Ele não dava chutões nem botinadas. De seus pés de artista a bola sempre saía redonda. Nílton Santos, o "professor", modelo do zagueiro de categoria, nasceu no Rio de Janeiro em 1925. Em 1948 ingressava no Botafogo e já no ano seguinte chegava à Seleção Brasileira, onde foi titular absoluto por muitos anos, tornando-se bicampeão mundial. Pelo Botafogo foi campeão carioca em 1948, 1957, 1961 e 1962. Seu futebol elegante, feito da mais apurada técnica, encantou as platéias do Brasil e do mundo. Como sabia tudo de bola, foi apelidado de "Enciclopédia do Futebol".

FILHO DE PEIXE, PEIXINHO É...

Não é raro vermos no futebol jogadores que herdaram a vocação do pai e brilham na mesma carreira.

Há muitos exemplos por aí. Ziza, atacante que foi do Guarani de Campinas (SP) e está agora jogando no Botafogo do Rio de Janeiro, é filho de Pinga, antigo ponta do Vasco da Gama.

Gatão, um temido centroavante do Corinthians nos anos 50, transmitiu seu talento para um jogador que atua no futebol paulista chamado... Gatãozinho!

Aliás, havia no São Paulo um ponta-direita — que por sinal marcou o primeiro gol da história do estádio do Morumbi, em 1960 — de nome Peixinho. Seu pai, que também brilhou na ponta direita, era conhecido como Peixe.

Mas o caso mais famoso de "filho de peixe" foi, sem dúvida, o de Ademir da Guia — um dos maiores craques que já vestiram a camisa verde do Palmeiras. Seu pai, Domingos da Guia, é considerado até hoje como o maior zagueiro que o Brasil já teve. E Namir, filho de Ademir, já está começando a jogar...

OS SOBERANOS DO MEIO-CAMPO

O meio-campo é onde geralmente nascem as jogadas de ataque. É também onde as jogadas contrárias são bloqueadas. Há quem diga que é nesse setor, entre a defesa e o ataque, que se ganha ou se perde uma partida. De fato, o meio-campo é a área estratégica, por assim dizer. Os jogadores que ali atuam têm duas funções básicas: destruir os ataques adversários e construir as jogadas ofensivas.

Destruir não é muito do estilo do craque brasileiro. Mas temos os nossos "ladrões de bola" de alto nível. Só para citar alguns exemplos: Batista, Toninho Cerezo, Andrade e outros, sucessores dos santistas Zito e Clodoaldo.

Já armadores do tipo mais ofensivo jamais nos faltaram. Entre eles, hoje em dia, destacam-se Falcão, Adílio e Mário Sérgio, sem falar de Zico e Sócrates, que alguns consideram jogadores de meio-campo. Não se pode também esquecer dos maravilhosos armadores do passado: Tim, Jair Rosa Pinto, Didi, Gérson, Ademir da Guia, Rivelino... foram tantos!

GRAÇAS À BOLA...

Quando parou de jogar, há alguns anos, o grande craque argentino Di Stefano, um dos maiores ases do mundo, mandou erguer a escultura de uma bola de futebol em sua mansão de Madrid. Embaixo dela, uma singela inscrição: "Gracias, vieja". Com isso Di Stefano quis agradecer, homenageando a bola, tudo que conseguira em sua carreira de futebolista.

No Brasil existem vários monumentos a jogadores de futebol. No Parque Antártica, campo do Palmeiras, em São Paulo, há um busto de Valdemar Fiume e outro de Jurandir, seus antigos atletas.

O maior ídolo do Corintians no passado, Neco, também ganhou uma estátua no Parque São Jorge, simbolizando o reconhecimento da torcida.

Charles Miller, o homem que introduziu o futebol no Brasil, tornou-se o nome da praça que fica em frente ao estádio do Pacaembu. E o próprio estádio mudou de nome, passando a chamar-se Paulo Machado de Carvalho, em homenagem ao "Marechal da Vitória", o homem que comandou a Seleção Brasileira no bicampeonato mundial de 1958-1962.

ESCOLINHA DE FUTEBOL

Dizem que futebol — como também o samba — não se aprende na escola. Isto é: já se nasce sabendo. Está certo ou errado?

Bem, está certo e errado. Jogar bem futebol é um talento natural. A gente tem ou não. Acontece, porém, que o talento pode — e deve — ser aperfeiçoado.

Se você não acredita, preste atenção no próximo jogo do seu time. E veja que há muito craque famoso que sabe chutar apenas com um dos pés, cabeceia mal ou então não consegue marcar bem o adversário. Tais defeitos podem ser corrigidos na escola.

Exatamente, na escola. Hoje em dia, os principais clubes brasileiros mantêm verdadeiras escolinhas de futebol, aceitando em geral garotos de 8 a 16 anos.

Elas também existem e são mantidas pelas prefeituras de algumas das principais capitais brasileiras.

Ex-jogadores, que trabalham como professores, não só ensinam aos meninos os segredos do jogo como também as técnicas do futebol.

As aulas são gratuitas e as escolinhas só fazem duas exigências: que o aluno tenha jeito e não deixe de freqüentar a escola de verdade.

AS FRASES DE GENTIL

Num jogo, um de seus jogadores teimava em levantar a bola, que era sempre dominada pelo adversário. Megafone na mão, ele gritou para o jogador:

— Fulano, de que é feita a bola?

— De couro! — respondeu ele.

— E de onde vem o couro?

— Da vaca!

— E a vaca, de que gosta mais?

— De grama!

— Então, meu filho, bota a bola na grama: rasteirinha, rasteirinha . . .

Esse era Gentil Cardoso, nascido no Recife em 1901 e que entrou para a história do futebol brasileiro como técnico e . . . autor de frases. Em tudo o que fez deixou a marca do seu espírito. Certa vez, ele saiu com esta: "Quem se desloca recebe; quem pede (a bola) tem preferência."

No dia em que foi campeão carioca pelo Vasco, em 1952, Gentil afirmou: "Estou com o povo. E quem está com o povo não perde o poder". Pois o clube o dispensou, no vestiário, alegando que ele falava demais . . .

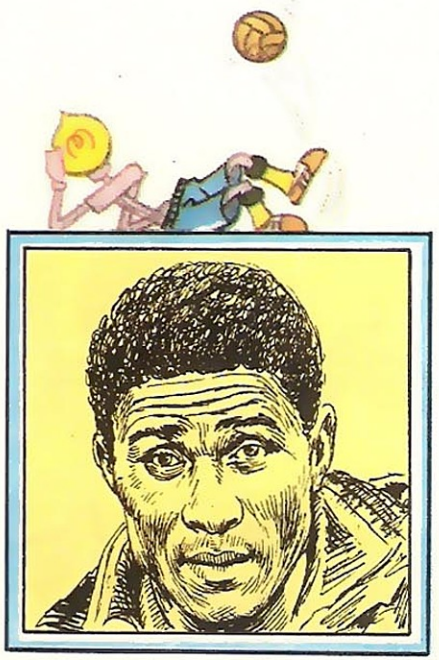
PUSKAS, O "MAJOR GALOPANTE"

Oficial do exército húngaro, era o terror das defesas adversárias — não na guerra, mas no futebol — e ficou conhecido como o "Major Galopante". É Ferenc Puskas, nascido em Budapeste em 1927. Campeão olímpico em Helsinque, teve sua grande decepção no futebol quando a sua Hungria, franca favorita da Copa de 1954, foi derrotada pela Alemanha, perdendo o título mundial.

Em 1956 foi defender o legendário time do Real Madrid, onde foi campeão mundial interclubes junto com Di Stefano e outros "cobras" de fama internacional.

EUSÉBIO, A "PANTERA NEGRA"

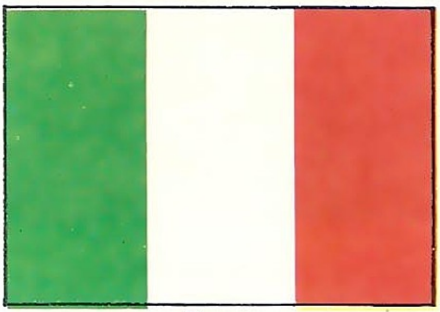
A carreira desse astro do futebol português é uma sucessão de glórias. Só em 1965 ele ganhou dois prêmios importantíssimos: a Chuteira de Ouro, por ter marcado 42 gols, e a Bola de Ouro, como o melhor jogador europeu. Nascido em Moçambique (África) em 1942, estreou no futebol português em 1960, jogando pelo Benfica. No ano seguinte entrou para a Seleção Portuguesa e foi o grande artilheiro da Copa do Mundo de 1966, marcando 9 gols e ajudando Portugal a conquistar o terceiro lugar. Esse é Eusébio da Silva Ferreira, que foi considerado por muito tempo o rei do futebol europeu.



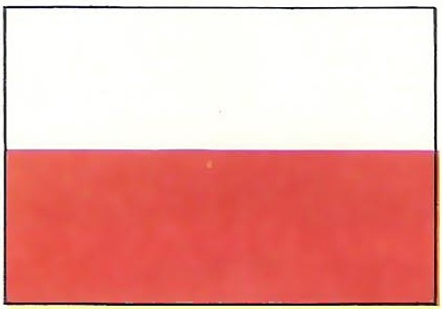
AS SELEÇÕES FINALISTAS DA XII COPA DO MUNDO

Grupo I

Itália

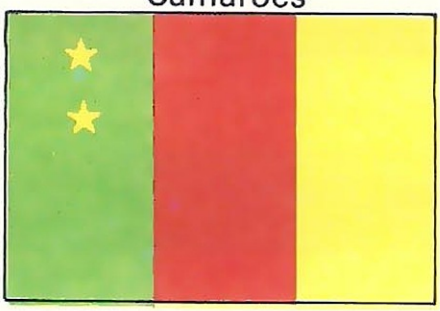


Polônia



Peru

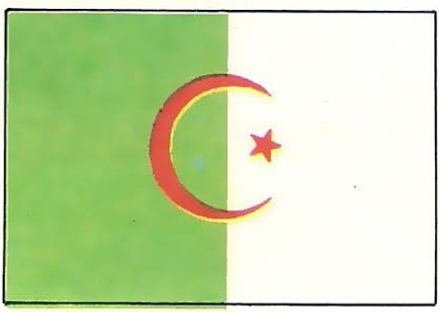
Camarões



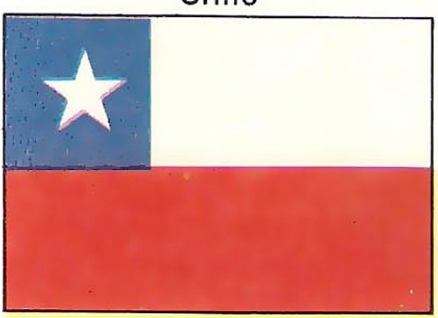
Grupo II

Alemanha

Argélia



Chile



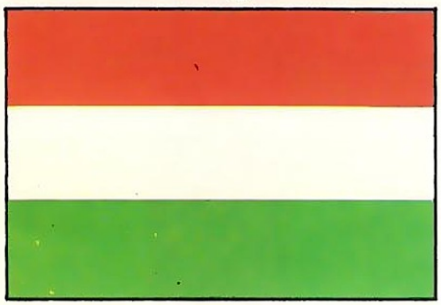
Áustria

Grupo III

Argentina

Bélgica

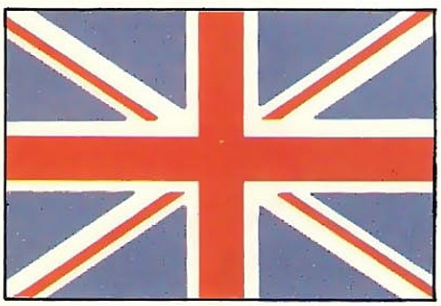
Hungria



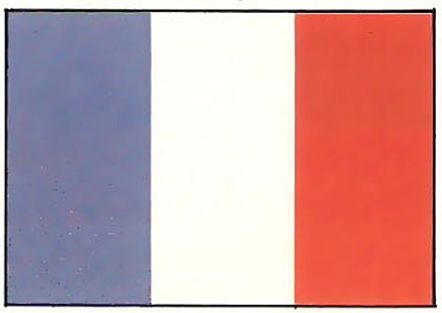
El Salvador

Grupo IV

Inglaterra

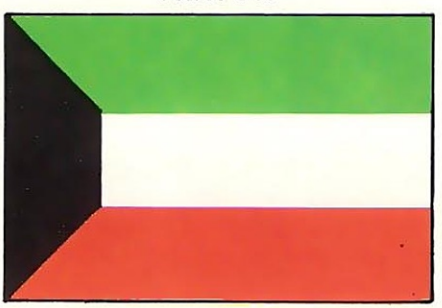


França



Tchecoslováquia

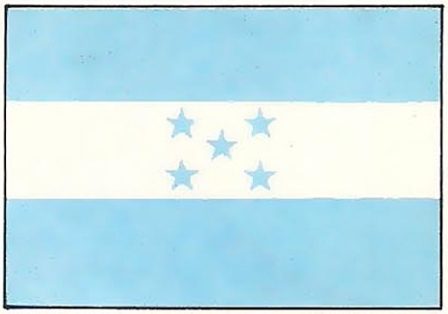
Kuweit



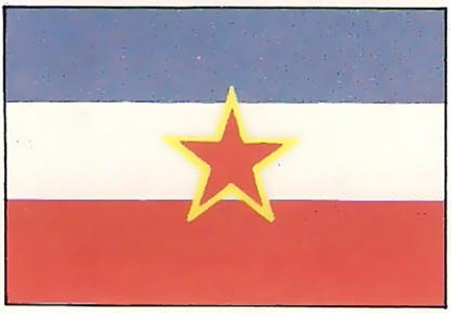
Grupo V

Espanha

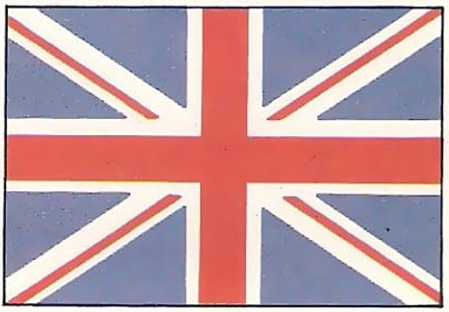
Honduras



Iusgoslávia

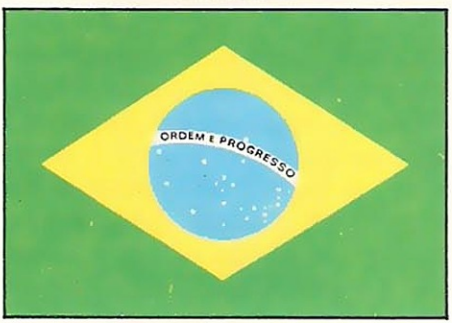


Irlanda

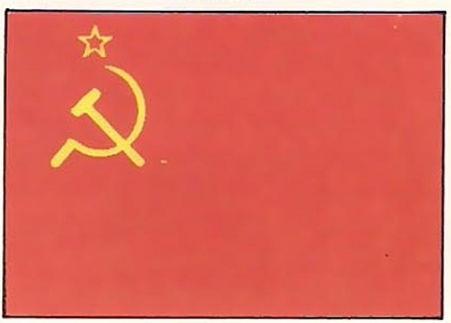


Grupo VI

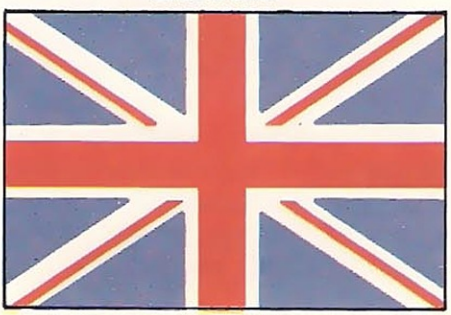
Brasil



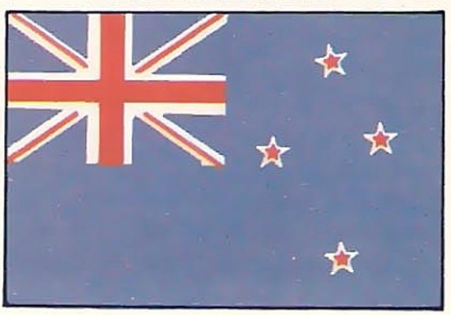
URSS



Escócia



Nova Zelândia



ZÉ JUIZ

Ser juiz de futebol não é moleza. E ser juiz no campo do Pé-no-Ouvido F.C., então, é tarefa para herói. Ali, em qualquer jogo o campo vira uma praça de guerra e de qualquer jogada saem lascas. Mas um dia o Zé foi sorteado para apitar lá e não pôde escapar...

No meio da partida, o beque do Pé-no-Ouvido derrubou o centroavante do Cangaceiros da Boca do Mato com um pé no ouvido do gajo dentro da pequena área. Penalidade máxima indiscutível. O Zé apitou, pegou a bola e foi colocá-la na marca de pênalti. Mas, quando ia fazer isso, foi rodeado pela turma da defesa do Pé-no-Ouvido, todos verdadeiros mastodontes com cara de fera. Aí o Zé engoliu em seco, fez que estava só tirando um pozinho da marca de pênalti e foi saindo de fininho. Mas bateu numa coisa dura e parou. Eram as canelas dos jogadores do Cangaceiros, que exigiam o pênalti. E agora, José, isto é, Zé?

Nosso herói, então, foi recuando, recuando e, quando viu que já estava a uma boa distância das duas quadrilhas... quer dizer, dos dois times, jogou a bola para o alto e se mandou, gritando:

— BOLA AO CHÃO, PESSOAL! É DE QUEM PEGAR PRIMEIRO!

O jogo acabou, com os dois times e suas torcidas deixando a bola e correndo atrás do juiz. O vencedor seria o time que conseguisse pegar o juiz. Mas acabou empatado, pois ninguém conseguiu pegá-lo. O Zé sabia que juiz de futebol arranca-toco deve ser bom das pernas . . .

O "IMPERADOR FRANZ"

Ele nasceu em Munique em 1945. É um dos mais famosos jogadores alemães. Conhecido como "Imperador Franz", aos 20 anos, Franz Beckenbauer já era titular da Seleção Alemã, pela qual disputou as Copas de 1966 (foi 2.º), 1970 (foi 3.º) e 1974 (campeão mundial). Com seu clube, o Bayern, de Munique, foi tricampeão europeu (1974-1975-1976). Em 1977 foi contratado pelo Cosmos de Nova Iorque, onde encerrou sua carreira.

ISOLAMENTO E DESCANSO: É A CONCENTRAÇÃO

Rosinha foi visitar seu namorado Zé Carioca, mas não o encontrou em sua casa. Aí apareceu o Nestor e explicou:

— Ele está **concentrado,** Rosinha!

Ela ficou na mesma . . .

— Concentração, em futebol, Rosinha — explicou Nestor —, é o **retiro** dos atletas num local sossegado, por um ou mais dias, antes de uma partida, para descanso, descontração mental e física.

— Descontração mental e física? Ué, Nestor . . . onde você aprendeu essas coisas?

— Nas revistas especializadas, ora! Você sabe que eu transo com futebol, né? Mas, continuando a explicação, a concentração serve para que os jogadores descansem devidamente, não cometam excessos na alimentação e não namorem demais — sorriu o Nestor, para mexer com a namorada do Zé.

. Rosinha não achou graça na indireta e quis saber mais sobre a tal concentração.

— Vá se preparando, Rosinha — continuou Nestor. — Alguns técnicos costumam concentrar os jogadores também depois dos jogos, para obrigá-los a se recuperar do desgaste físico provocado pela partida. Antes dos torneios internacionais importantes, como a Copa do Mundo, o tempo de concentração pode durar até mais de dois meses, com poucas folgas. Nesse período procura-se preparar os atletas sob todos os aspectos — físicos, técnicos, táticos e até psicológicos — para a competição. Entendeu, Rosinha?

— Entendi. Isso quer dizer que a noiva ou a esposa de um jogador profissional são obrigadas a aceitar essas coisas, pois fazem parte da carreira de um craque de futebol. Eu só não compreendo concentração para pernas-de-pau jogarem "peladas" de bairro.

Rosinha não estava tão por fora dos negócios do futebol, afinal de contas . . .

QUEM FOI O MAIOR GOLEIRO DO BRASIL ?

Numa "pelada" de rua, a turma costuma fazer jogar no gol o garoto que menos intimidade tem com a bola, isto é, o jogador considerado perna-de-pau, o grosso. Os meninos não gostam de jogar no gol porque dali não podem sair para driblar, chutar e marcar gols. Mas acontece que a função do goleiro é importantíssima.

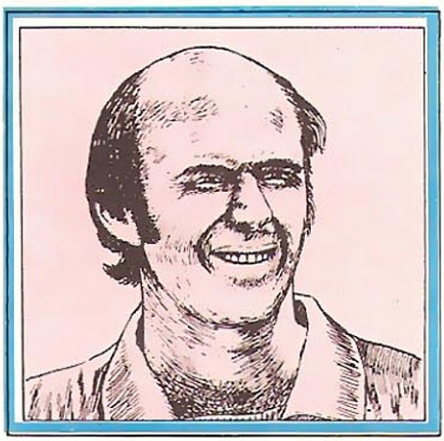
Afinal, sem um grande goleiro não há um grande time. No Brasil, tivemos e temos ótimos goleiros. E você saberia dizer qual foi o maior de todos eles? Com a palavra, o Zé Carioca:

— Bem, dizer quem foi é meio arriscado. Não há como medir e comparar jogadores que atuaram em épocas diferentes. Só um computador,

que ainda não foi inventado, poderia dar essa resposta. Os saudosistas, mesmo assim, garantem que Marcos Carneiro de Mendonça, primeiro goleiro da Seleção Brasileira, foi o melhor de todos. Outras pessoas preferem Barbosa, que defendeu o Brasil na Copa do Mundo de 1950, ou Oberdan, do Palmeiras, quase seu contemporâneo.

— Em seguida, apareceram Gilmar, que pode inclusive ter sido o número 1, Castilho, Manga e Leão. Hoje em dia, o Brasil conta com pelo menos dois excepcionais goleiros: Valdir Peres e Carlos. Agora, entre esses nomes, vocês escolham qual foi o melhor goleiro. Porque eu não sei quem foi o maior... depois de mim, é claro!

VALDIR PERES

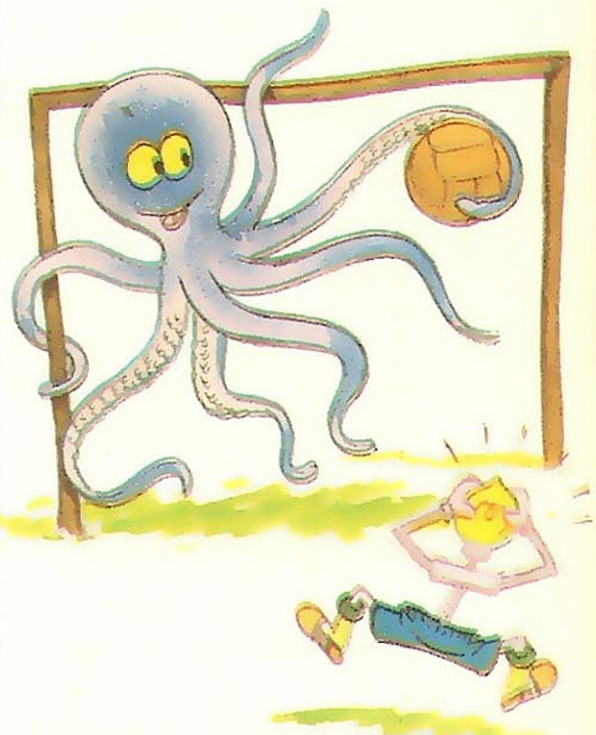


Como todo grande goleiro, Valdir Peres é antes de tudo frio. Não se perturba com as provocações dos adversários e não perde a tranqüilidade nem depois de tomar um "frango".

Ao contrário: ele é que costuma deixar os atacantes nervosos com as defesas impossíveis que faz.

Revelado na Ponte Preta, de Campinas (SP), Valdir Peres defende o gol do São Paulo desde 1973. Ele já participou de duas Copas do Mundo como reserva (em 1974, na Alemanha, e em 1978, na Argentina).

Sua maior especialidade: defender com muita garra as cobranças de pênaltis.



IRMÃOS FUTEBOLISTAS

Zico e Zeca, os dois sobrinhos do Zé Carioca, ouviam entusiasmados as histórias sobre futebol que o tio lhes contava. Aí o Zico perguntou:

— Dois irmãos, como nós, podem jogar no mesmo time?

— Claro — respondeu Zé. — Existem inúmeros casos de irmãos futebolistas. E quando falo em futebolistas, falo dos que ficaram famosos, pois irmãos, jogando no mesmo time ou mesmo em times diferentes não é novidade. No Brasil, tivemos no passado os irmãos Petronilho e Valdemar de Brito, craques de seleção. Posteriormente, os irmãos Pinga, que brilharam na Portuguesa de Desportos; os irmãos Valente — Álvaro e Ramiro —, titulares do Santos; os irmãos Ditão: Flávio, Geraldo e Gilberto, filhos do Ditão-pai, que foi um beque dos bons. Os irmãos Moreira — Zezé, Aimoré e Airton —, então, jogaram futebol nos anos 30 e 40 e depois se tornaram técnicos de futebol; por

sinal dos melhores. Hoje em dia temos em atividade os irmãos César, Caio e Luisinho; Brecha e Brida, e outros. Houve também irmãos de jogadores famosos que tentaram a sorte no futebol, mas sem sucesso, como Zoca, irmão de Pelé, e Abílio, irmão de Rivelino. O que significa que, se filho de peixe é peixinho, irmão de peixe nem sempre é peixe no futebol.

— E nos outros países, tio Zé? — quis saber Zeca.

— Na Itália havia os cinco irmãos Sentimenti, sendo que um deles foi goleiro de seleção. Os irmãos Walter, Fritz e Ottmar foram titulares da Seleção Alemã em 1954. Já os irmãos Charlton — Bobby e Jack — se tornaram campeões mundiais pela Inglaterra em 1966. Portanto, rapazes, vocês podem jogar no mesmo time. Mas o que é mais importante é ambos jogarem bem!

ESQUENTANDO OS MÚSCULOS

Antes de entrar em campo, o futebolista faz o aquecimento, um preparativo indispensável para não começar a correr com o corpo frio e os músculos duros. O jogador deve ir acostumando, aos poucos, o corpo ao esforço físico, pois do contrário poderá sofrer uma distensão muscular. Esse treinamento começa nos vestiários, mas ainda no campo os atletas se movimentam. Em dias de frio, alguns times europeus continuam o aquecimento no campo e só tiram o agasalho quando o juiz apita o início da partida.

A "LEGIÃO ESTRANGEIRA" NO FUTEBOL BRASILEIRO

Muitos jogadores estrangeiros já atuaram no futebol brasileiro. Na década passada, por exemplo, eles eram tantos que poderiam se reunir e formar uma verdadeira seleção.

Atualmente, porém, a "legião estrangeira" — como é chamada — diminuiu bastante e mal dá para completar um banco de reservas.

Até 1940, mais ou menos, os clubes importavam jogadores à vontade. Houve até abusos, como o do América do Rio, que chegou a ter nove craques argentinos contra apenas dois jogadores brasileiros. Para evitar exageros como este, o CND (Conselho Nacional de Desportos) resolveu limitar a dois o número de estrangeiros que cada clube poderia registrar em seu quadro. Já em 1972 o número foi reduzido para apenas um.

Naquela ocasião, com a valorização do cruzeiro em relação às moedas dos países vizinhos, ficou mais barato para um clube daqui contratar um grande craque da Argentina, do Uruguai e do Chile do que para comprar o passe de um jogador nacional de qualidade nem sempre comprovada.

Com essa jogada, chegaram vários ases do futebol sul-americano: Cejas e Ramos Delgado (Santos), Andrada (Vasco), Doval (Flamengo e Fluminense), Forlan e Pedro Rocha (São Paulo), Madurga e Artime (Palmeiras), Perfumo (Cruzeiro), Mazurkiewicz (Atlético Mineiro) e Fischer (Botafogo), todos jogadores experientes das seleções de seus países.

Há casos de jogadores estrangeiros que se tornaram mais "badalados" aqui do que lá fora, como os são-paulinos Sastre e Poy e também o vascaíno Rafagnelli.

Outros até se naturalizaram brasileiros, caso do zagueiro Armando Renganeschi, dos goleiros Andrada e Cejas e do armador Pedro Rocha. Com Cejas, aliás, ocorreu um fato muito curioso. Ele resolveu se naturalizar porque tinha a esperança de ser convocado para a Seleção Brasileira. Como isso acabou não acontecendo, voltou à Argentina.

No momento, entre os estrangeiros, destacam-se dois grandes zagueiros uruguaios: De León, do Grêmio de Porto Alegre, e Dario Pereyra, do São Paulo.

O DIA MAIS TRISTE DO NOSSO FUTEBOL

É verdade que no futebol, como em todo esporte, alguém ganha e alguém perde. A alegria de uns é a tristeza de outros. Mas 16 de julho de 1950 ficaria na história como o dia mais triste do futebol brasileiro. Em pleno Maracanã, nossa Seleção perdia a Copa do Mundo, que todos já consideravam nossa. O Brasil só precisava de um empate com o Uruguai para sagrar-se campeão mundial pela primeira vez. No início do segundo tempo Friaça abriu o escore para o Brasil, dando a todos a quase certeza da vitória. Mas o Uruguai empatou com gol de Schiaffino. Quando Jules Rimet deixou a tribuna de honra para entregar a Copa ao time campeão, ela era ainda do Brasil. Quando o presidente da FIFA chegou ao campo, a Copa já tinha outro dono: Ghiggia acabava de marcar o gol da vitória uruguaia. Foi possivelmente o maior desastre do futebol brasileiro, o mais lamentado título de vice-campeão mundial.

Depois do jogo, espalhou-se o boato de que havia uma caveira de burro enterrada na meta onde o goleiro Barbosa sofrera os dois gols fatídicos.

ZICO, O GALINHO

Zico, que é o maior artilheiro da história do Flamengo e do Maracanã, quase que não conseguiu ser jogador de futebol.

Acontece que ele sempre foi um garoto muito magrinho e franzino. Quando começou a jogar bola, seus irmãos, que já eram profissionais — chamam-se Edu e Antunes —, acharam que ele não daria para o futebol.

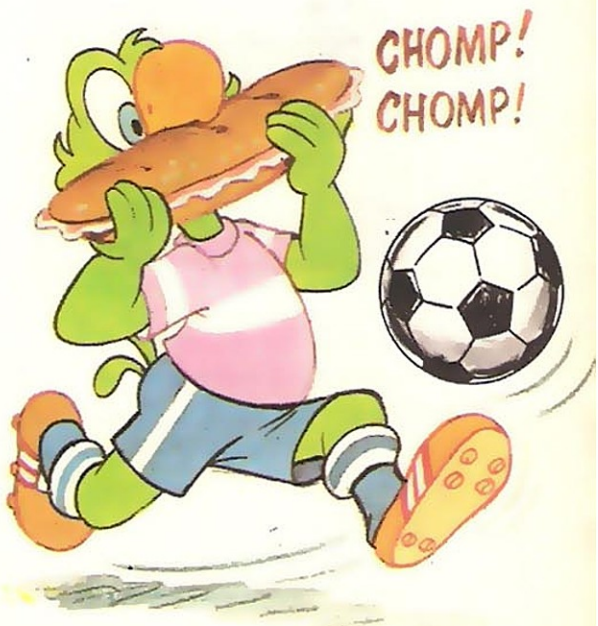
Mas o Flamengo acreditou naquele menino que todos chamavam de Galinho e, através de treinamentos e uma alimentação especial, fez dele um atleta de verdade.

Hoje, Arthur Antunes Coimbra, o Zico — ou o Galinho — é um dos maiores craques do mundo.

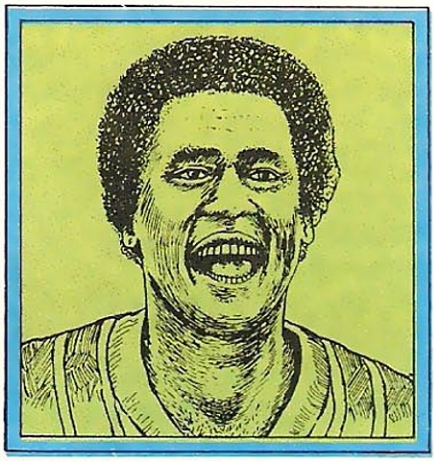
A BOA DIGESTÃO DOS ATLETAS

Certa vez o Gansolino cismou de jogar futebol. Mas antes do jogo comeu um pratão de arroz e feijão, três ovos, duas espigas de milho, uma salada e sete bananas. Na hora da partida o coitado deu uma corridinha e caiu duro. Ficou com indigestão . . .

Para evitar esse perigo, antes das partidas os futebolistas fazem refeições leves, de fácil digestão. Os brasileiros comem geralmente um filé com verdura e frutas. Mas alguns se contentam com um pequeno lanche. São os jogadores que têm maior propensão à tensão nervosa, que dificulta a digestão. Por isso evitam comer muito.



SERGINHO

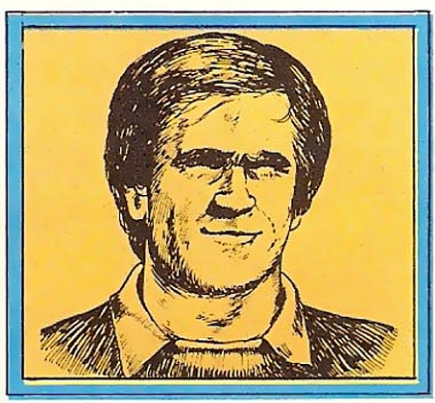


Ele é brabo e às vezes, durante as partidas, perde a cabeça. Já brigou com bandeirinha, deu pontapés feios em adversários e até perdeu a conta de suas expulsões de campo. Apesar disso, ninguém duvida: Sérgio Bernardino, o Serginho, é um tremendo craque.

Titular da camisa 9 do São Paulo desde 1975, ele tem se destacado em todos esses anos como um dos maiores e mais perigosos artilheiros do Brasil.

Se voltar a jogar com tranqüilidade, Serginho ainda dará muitas alegrias aos seus torcedores.

ARCONADA



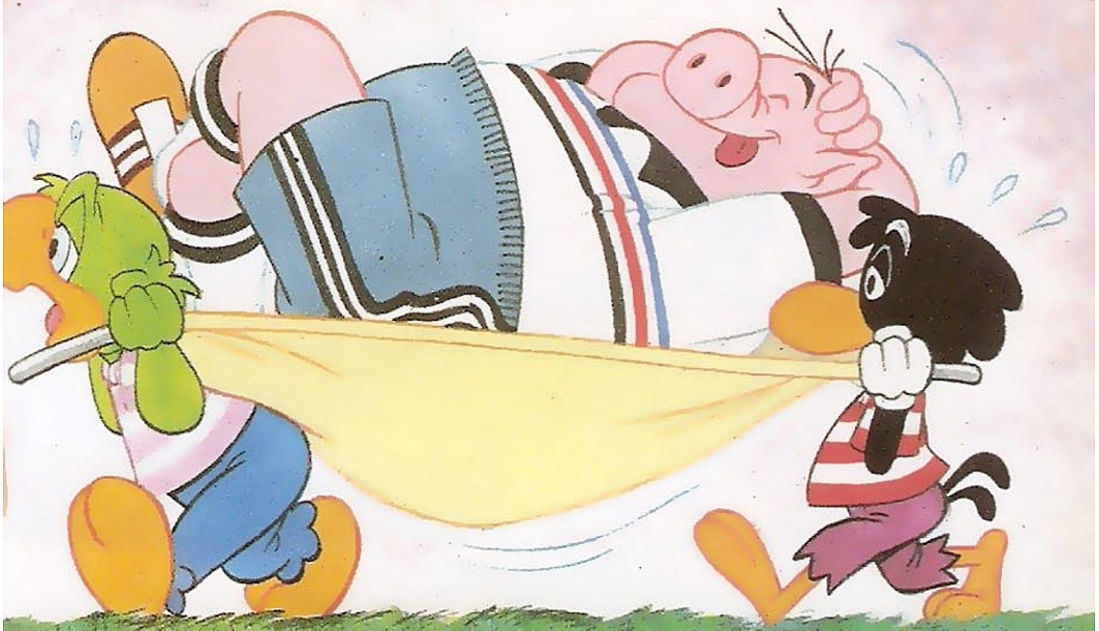
O chute foi perfeito e violento e a bola está quase entrando no gol. Alegre, a torcida levanta-se para comemorar. Mas, de repente, ele pula feito um gato e consegue defender.

Cenas assim são muito comuns nos jogos em que Arconada está vestindo a camisa 1 da Seleção Espanhola. Afinal, ele é um dos melhores goleiros do mundo e parece não se cansar de exibir suas virtudes a cada partida.

Para os espanhóis, Arconada é o legítimo sucessor do seu conterrâneo Ricardo Zamora, que brilhou na década de 30 e até hoje carrega a fama de ter sido o mais perfeito arqueiro da história do futebol internacional.

Ele será, sem dúvida, uma das estrelas que irão brilhar na Copa de 1982.

A MACA NO FUTEBOL



Sempre que os Irmãos Metralha organizam um jogo de futebol na penitenciária, o diretor, dr. Sete Chaves, toma uma providência: coloca macas em volta do campo.

— Por duas razões — explica ele. — Primeiro, porque eles são muito briguentos e alguém pode sair machucado; segundo, porque fazem muita catimba. Assim, quando alguém cair de manhoso, fingindo contusão, a maca entra em ação para tirá-lo do campo.

A maca foi introduzida nos jogos de futebol porque muitas vezes um jogador se contunde e seus companheiros, querendo ajudá-lo, podem prejudicá-lo ainda mais, puxando-o pelos braços e pernas ou dobrando-lhe o corpo. Para evitar que o médico entre freqüentemente no campo, interrompendo a partida, o atleta machucado é retirado de maca. Além disso, quando um time está vencendo, seus jogadores têm o mau hábito de fazer "cera" para ganhar tempo. Então começam a cair por qualquer motivo. O juiz pode então ordenar a entrada da maca para retirar o manhoso. Se for só fingimento, sua equipe, com um homem a menos, acabará prejudicando-se.

OS GRANDES FANÁTICOS DA TORCIDA

As cores preferidas de Elisa Alves do Nascimento, doméstica, moradora em São Paulo, são o branco e o preto. Sua casa é todinha pintada nessas cores, desde as paredes até os móveis. Tudo isso por causa de sua paixão pelo Corintians Paulista. E ela chega até ao exagero de dizer: "Minha alma também é branca e preta. Sou toda Corintians por dentro e por fora"... Há anos ela não perde uma partida do "Timão". Assistiu à inauguração do Pacaembu e ainda hoje ocupa sempre o mesmo lugar nesse estádio.

Já Chico Mendonça, outro corintiano fanático, tem uma forma diferente de manifestar-se. Quando o seu time ganha, costuma distribuir charutos à torcida.

João Gaveta é um torcedor de presença obrigatória nos jogos do Palmeiras. E sempre arranja dinheiro para acompanhar o time em suas viagens. Para ele, se o "Verdão" perde, a explicação é simples: o juiz roubou. Se o time ganha, João chora sozinho, de emoção, nem faz questão de abraçar os jogadores.

Filhinha, uma das torcedoras mais antigas do São Paulo, teve de fazer seguro de vida na firma onde trabalha. Quando o corretor lhe perguntou o nome do beneficiário, ela não teve dúvidas e respondeu: "São Paulo F. C.". E assim foi anotado. Antes de existir torcida uniformizada, ela já ia a todos os jogos do tricolor.

Na Portuguesa de Desportos, o maior torcedor é Carlão, um sujeito forte que costuma assistir às partidas do seu time usando uma camiseta com um enorme distintivo do clube.

O torcedor-símbolo do Santos era o Sabu, já falecido. Atualmente há outros, mas ninguém se destacou ainda por fanatismo...

No Rio de Janeiro, Tarzã é o chefe da torcida do Botafogo. Muito político, critica jogadores e dirigentes.

Além do Tarzã, o Botafogo conta ainda com a voz brilhante do Salim Simão, que sozinho vale por uma torcida uniformizada.

Dulce Rosalina é a torcedora-símbolo do Vasco. Numa viagem que fez para ir ver o seu time jogar, ela sofreu um desastre e saiu bastante machucada... o que, evidentemente, foi muito pouco para abalar seu amor ao "Vascão".

A ALEGRIA DO GOL

Existem muitas maneiras de comemorar a marcação de um gol. Desde o frio aperto de mão, durante muito tempo em voga na Rússia, até o famoso soco no ar de Pelé, uma explosão de alegria que se comunica à torcida. Muitos atacantes, demonstrando personalidade ou talvez preocupados com a promoção pessoal, acabam criando um jeito próprio de festejar o gol, de fixá-lo na memória do público. Outros, mais simplesmente, só desejam transmitir à sua torcida o mesmo entusiasmo que sentem ao marcar um tento.

Em pleno Maracanã, o centroavante Caio inventou uma forma original de comemorar o gol. Dava seguidas cambalhotas, provocando o riso do público. Mais tarde, foi imitado pelo ponteiro esquerdo Romeu (antes do Atlético mineiro e depois vendido ao Corinthians). O irmão de Caio, Cesar, quando defendia o Palmeiras, preferia correr em direção à torcida para festejar o gol. Isto foi logo imitado por outros jogadores e proibído pelos juizes.

Há também jogadores que se ajoelham, fazem o sinal da cruz e oram, como fizeram o tcheco Petras e o brasileiro Jairzinho na Copa de 1970.

Entre os povos latinos os

gols são sempre festejados com explosões de entusiasmo. Mas também em outros países onde o futebol é apreciado os jogadores formam verdadeiras pirâmides humanas ao abraçar efusivamente um companheiro que marca um gol.

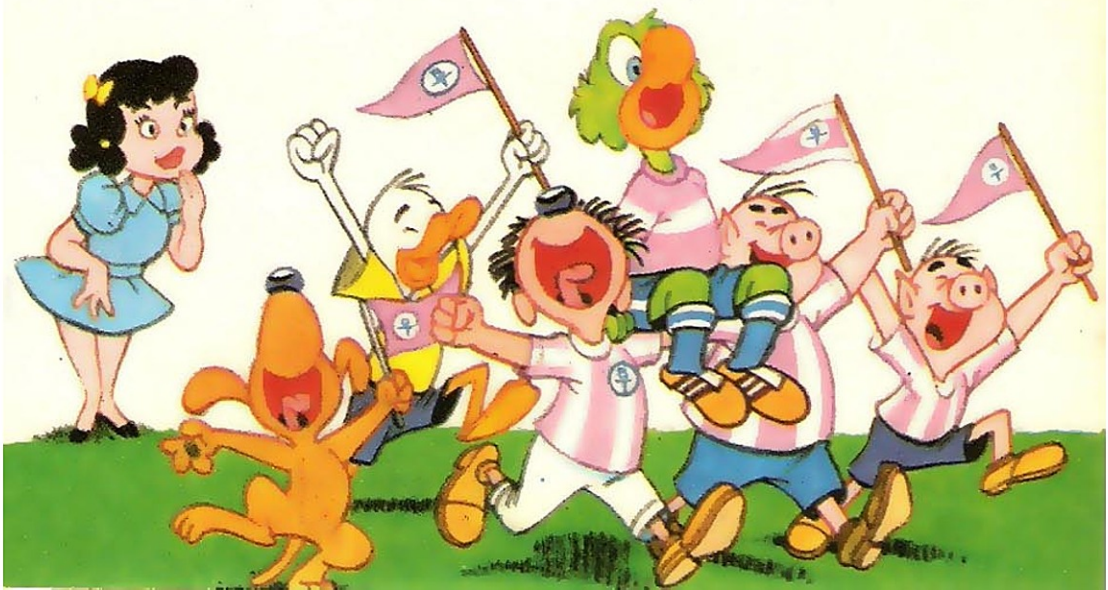
Já os jogadores de países onde o futebol é apenas mais um esporte costumam comemorar os tentos de modo mais discreto, manifestando-se através de palmas.

ZÉ, O CRAQUE

Naquele dia o Zé Carioca estava impossível, jogando contra o Marimbondos F. C. Parecia até o Pelé! O Pelé só, não! Tinha gente que comparava os lances do Zé aos de Jairzinho, Tostão, Rivelino, Ademir da Guia. Parecia que o campo era do Zé: ninguém conseguia barrar o seu caminho. Ele driblava todo mundo, dava "lençol", fazia "embaixada", passava a bola por entre as pernas do adversário. Enfim, ele era a "vedete" do jogo . . .

A assistência, boquiaberta, aplaudia. Pelo jeito, ali estava o mais legítimo sucessor do rei Pelé. Mas quem vibrava mais com aquela atuação espetacular do Zé era a sua namorada Rosinha. Jamais vira seu "louro" jogar tão bem e estava estourando de orgulho com os aplausos da torcida para as sensacionais jogadas do Zé.

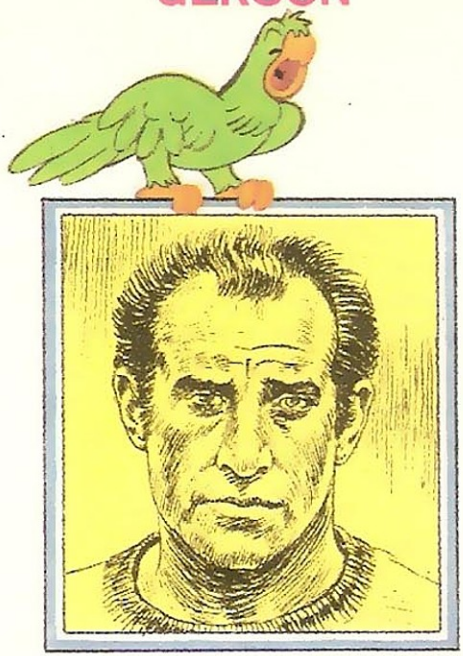
Finalmente, o jogo terminou com um placar fora de série: 12 a 0 para o time do Zé! A torcida do seu clube, o Brejeiros da Tijuca, até o carregou em triunfo pelo campo.



Rosinha nem conseguiu chegar perto do "astro" da partida e teve que esperar sua saída do vestiário. Finalmente, o grande craque saiu dos camarins gloriosamente. Mas, antes que ela pudesse falar com ele, os jogadores do time adversário se adiantaram e foram dizendo ao Zé, sem perceber que a Rosinha ouvia tudo:

Rosinha ficou uma "arara", muito brava por causa de toda aquela "jogada" que o Zé armara pra cima dela . . .

GÉRSON



Gerson é um dos jogadores favoritos do Zé Carioca. Sabem por quê? Porque o apelido dele é "Papagaio". É que o Gerson sempre falou o que pensa; tanto assim que foi ser comentarista de futebol. Gerson de Oliveira Nunes nasceu em 1941, em Niterói. Começando no Flamengo, foi aos Jogos Olímpicos de 1960, defendeu a Seleção Brasileira na Copa de 1966, na Inglaterra, e na de 1970, no México, quando foi um dos baluartes do time, com sua habilidade excepcional e sua capacidade de liderança. Foi bicampeão carioca pelo Botafogo em 1967-68 e bicampeão paulista pelo São Paulo em 1970-71, transferindo-se depois para o Fluminense.

MANÉ GARRINCHA

Em 1953, apareceu no Botafogo do Rio um rapaz de pernas tortas, tímido e meio desligado. No início ninguém acreditou que ele fosse bom de bola. Seu nome era Mané Garrincha, ou melhor, Manuel Francisco dos Santos.

Nascido em Pau Grande, Estado do Rio, em 1933, Garrincha começou no futebol em sua cidade. Em 1957 já estava na Seleção Brasileira. Em 1958 seu pique fenomenal e seu famoso drible pela direita desnortearam os europeus e Garrincha tornava-se campeão mundial. Em 1962, no Chile, o Brasil ficou sem Pelé, contundido. Mas tinha Garrincha e tornou-se bicampeão mundial.

O futebol de Garrincha encantava as multidões, que o apelidaram de "Alegria do Povo".

OS CRAQUES DE FRALDA

Cansados de jogar suas "peladinhas" com os garotos da rua, Huguinho, Luisinho e Zezinho decidiram que chegara a hora de participar de um campeonato de verdade. E foram pedir conselhos ao Pato Donald.

— Tio... — começou a dizer Huguinho.

— ... como é que a gente... — continuou Luisinho.

— ... pode se inscrever num campeonato pra valer? — terminou Zezinho.

— Ah, não sei — irritou-se Donald. — Por que vocês não fazem essa pergunta ao Zé Carioca?

E lá se foram os três.

— Tudo bem — disse o Zé, ao ser consultado. — Há cada vez um maior número de campeonatos para garotos no Brasil. Claro que para cada idade existe uma categoria: dente-de-leite, infantil, júnior, etc. Basta vocês irem a um clube e se inscreverem. Só não posso recomendar o campeonato dos *futeboys*, realizado anualmente em São Paulo.

— Ué, por que não? — indagaram os três.

— Ah, é que nessa disputa só podem participar garotos que já trabalham...

OS MAIORES ATACANTES DO FUTEBOL BRASILEIRO

Zico, Sócrates, Éder, Sergi-nho, Reinaldo, Roberto Dinamite, Baltazar... como você pode ver, atacante bom é o que não falta no futebol brasileiro!

Mas não pense que esse é um fenômeno novo. Foi sempre assim. Em certas épocas, nossos clubes sofreram com a ausência de grandes goleiros e de jogadores de defesa. Mas atacantes de qualidade sempre houve, e de sobra.

Se você fizer uma pesquisa entre torcedores mais velhos, descobrirá que, como atualmente, seus ídolos estavam na "linha", isto é, no ataque. Por exemplo: Rivelino, Paulo César, Edu, Tostão, Jairzinho, Coutinho, Pepe, Garrincha...

Num passado mais distante, destacaram-se atacantes como Friedenreich, Leônidas da Silva, Ademir da Guia, Heleno de Freitas, Tesourinha e muitos outros.

Ah, claro! A gente quase esquece que o maior de todos era atacante: Pelé.

OS APELIDOS DOS CRAQUES

Quando o Zé Carioca entrou para o Chute na Canela F.C., logo recebeu um apelido: Louro. No futebol brasileiro isso é muito comum. Isso de dar apelido às pessoas é um costume bem brasileiro. Muitas vezes uma pessoa ganha um apelido em criança e ele a acompanha por toda a vida. Pouca gente conhece os nomes verdadeiros de muitos ídolos do público conhecidos por apelidos. Nem o maior ás do futebol brasileiro escapou de uma alcunha: Pelé. Quando dá um autógrafo caprichado, ele escreve assim: Edson = Pelé.

Já nos outros países os jogadores são identificados e conhecidos por seu próprio nome ou sobrenome.

O futebol brasileiro é um desfile de craques conhecidos pelos apelidos, uns pitorescos, outros simplesmente corruptelas ou formas familiares de seus nomes: Neco, Tim, Lelé, Batatais, Feitiço, Nariz, Formiga, Tesourinha, Dino, Jango, Teleco, Baltazar, Didi, Vavá, Pinga, Chinesinho, Chico Preto, Pé-de-Valsa, Bigode, Mão-de-Onça, Veludo, Zito, Dida, Canhoteiro, Dudu, Garrincha, Fio, Badeco, Cabinho, Suingue, Picolé, Ratinho e por aí afora. Eduardo Gonçalves de Andrade é o nome do craque Tostão, apelido comumente dado aos baixi-

nhos. E há jogadores de apelidos curtíssimos, como Dé e Di.

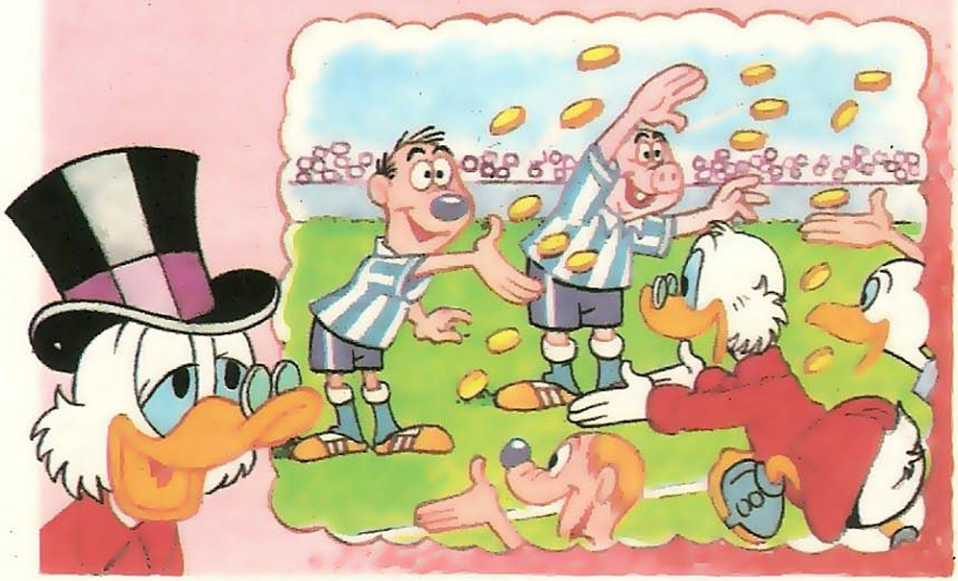
Uma seleção dos jogadores de um dos últimos Campeonatos Nacionais, por exemplo, poderia ser assim: Borrachinha; Cabrita, Sapatão, Grapete e Alfinete; Beijoca e Paúra; Jorge Carvoeiro, Palhinha, Ventilador e Rolinha.

Com esse time em campo, poderiam acontecer coisas curiosas: a bola é chutada violentamente contra o gol da "seleção"; Paúra abaixa-se com medo da bolada, Cabrita erra a cabeçada, Alfinete "fura" e Borrachinha se estica todo para mandar a escanteio . . . .

UM OLÁ PARA O PÚBLICO

Antigamente, ao entrar em campo, os jogadores saudavam o público erguendo os braços. Com o tempo, a forma de saudar a assistência foi mudando. As equipes perfilavam-se, com o capitão um passo à frente, acenando para o público no meio do campo. Depois o Santos F. C. divulgou um novo tipo de saudação. Os jogadores perfilavam-se no meio do gramado, inclinando-se, como se fossem artistas agradecendo aos aplausos da multidão.

Na Copa do Mundo de 1970 os brasileiros saudaram o público de forma muito simpática: jogando-lhe flores.



OS ESPIÕES DO FUTEBOL

Vivo e astuto como é, Zé Carioca daria um ótimo "olheiro". Foi o que concluíram os diretores do Pé-de-Chumbo F.C., que o contrataram para isso.

O "olheiro" é o descobridor de talentos do futebol. Como jogador consagrado é caro e nem sempre disponível, muitos clubes preferem descobrir talentos novos, que custam pouco, quando custam, pois muitas vezes não custam nada. Por isso existem os "olheiros", especialistas em localizar jovens valores desconhecidos que possam ser burilados e aproveitados nos times profissionais de futebol.

Muitos jogadores antigos tornaram-se "olheiros", geralmente para os clubes em que atuaram. Eles precisam ter um verdadeiro olho clínico, capaz de perceber rapidamente as qualidades de um craque em potencial. Mas, como existem muitos jovens candidatos a craque para serem observados, há sempre possibilidade de erro. Como aconteceu com o time do Palmeiras, ao recusar um principiante chamado Rivelino . . .

O "olheiro" também pode funcionar como espião de um clube, indo observar times adversários, suas táticas, seus pontos fracos, etc.

EMPRESÁRIO, O CORRETOR DO FUTEBOL

Empresário é o homem que promove jogos e excursões, servindo de intermediário entre clubes de diferentes países. Tem organização estruturada para esse fim e hoje é difícil um clube fazer uma turnê pelo exterior sem recorrer a um empresário. Outro tipo de empresário é o que se ocupa da compra e venda de passes de craques. Como o primeiro, é bem relacionado com os clubes de vários países, sabe das necessidades técnicas e financeiras de cada um. Quando um clube quer comprar ou vender o passe de um bom jogador, ele entra em ação. Se o negócio for feito, ele recebe uma comissão pelo trabalho.

SINDICATO DE JOGADORES

Sindicato é uma associação que reúne os profissionais do mesmo ramo para defesa dos interesses de cada categoria.

Os jogadores de futebol também têm seus sindicatos. No Brasil, funcionam os do Rio e São Paulo.

Mas eles dispõem de pouca força, já que muitos jogadores famosos não se sindicalizaram. Na Europa — como já aconteceu no Uruguai e também na Argentina —, os sindicatos dos futebolistas são tão poderosos que até greve eles fazem!

SUA EXCELÊNCIA, O CAPITÃO

Na véspera da estréia de seu time no campeonato, Zé Carioca reuniu a turma toda e solenemente anunciou:

— Pessoal, precisamos escolher nosso capitão.

— Capitão? — perguntou Nestor. — Isso aqui por acaso virou quartel?

— Bolas, Nestor! — reagiu Zé Carioca. — Você não sabe que todo time precisa ter um capitão?

Como Nestor não sabia, Zé Carioca achou que era hora de começar mais uma de suas famosas aulas.

E foi logo esclarecendo que as regras de futebol não fazem referência ao capitão. Apesar disso, ele existe em qualquer equipe profissional do mundo inteiro. Cabe-lhe a missão de liderar e orientar os companheiros dentro de campo. Ele inclusive representa o seu time junto ao árbitro na hora de escolher o lado do campo no início de uma partida.

O capitão, muitas vezes, é um segundo técnico dentro do gramado. Tem, inclusive, poderes para mudar o esquema de jogo mesmo sem consultar os treinadores.

Na hora de uma confusão ou de um lance duvidoso, é ele quem deve apresentar as reclamações ao juiz.

Em muitos países, para distinguir-se dos demais jogadores, o capitão costuma usar em seu uniforme uma faixa branca no braço esquerdo. Nos torneios em disputa de um troféu, quem o recebe é geralmente o capitão do clube vencedor.

Para um capitão, a suprema honra é segurar a Copa do Mundo em suas mãos e ostentá-la para a torcida. Três brasileiros, todos zagueiros, já tiveram essa alegria: Beline, em 1958; Mauro, em 1962; e Carlos Alberto Torres, em 1970. Na última Copa, quem recebeu a taça pelos argentinos foi seu capitão Passarella.

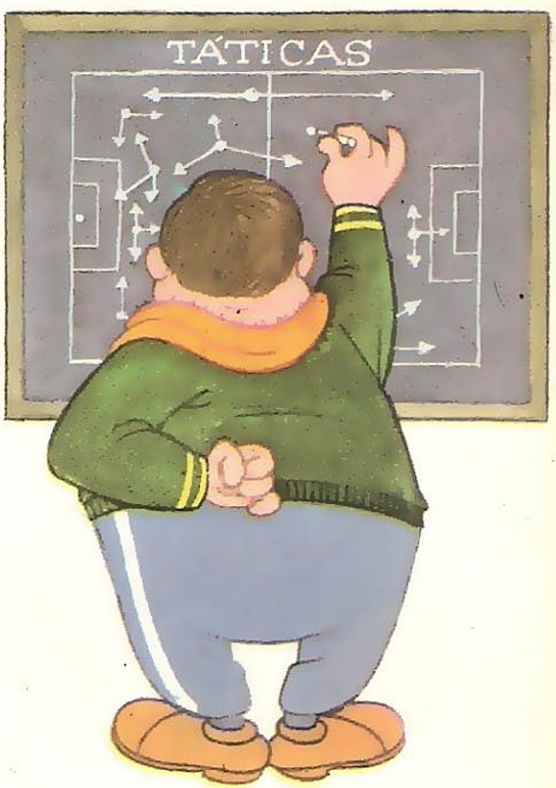
1958: A SELEÇÃO DE OURO

Até 1958, imaginava-se que o futebol brasileiro jamais seria campeão do mundo. Afinal, havíamos perdido todas as Copas anteriores, mostrando um defeito em cada uma. Às vezes, excesso de confiança, como em 1950; em outras ocasiões, como em 1954, exibíamos medo e inexperiência. Até parecia que tínhamos somente a vocação para ficar com o título de "vice".

Foi com a preocupação de mudar essa triste tradição que, em 1958, o Brasil se preparou intensamente para a Copa do Mundo realizada na Suécia. Chefiada por Paulo Machado de Carvalho — que seria depois chamado de *Marechal da Vitória* —, formou-se uma Comissão Técnica competente, que treinou os jogadores durante três meses.

O técnico dessa equipe era o gordo e bonachão Vicente Feola, que a princípio deixou na reserva três craques excepcionais: o médio Zito, o ponta-direita Garrincha e um menino de apenas 17 anos que atendia pelo apelido de Pelé.

Sem eles, a Seleção Brasileira venceu na estréia a Áustria (3 x 0), empatando a seguir com a Inglaterra (0 x 0). No jogo seguinte — dizem

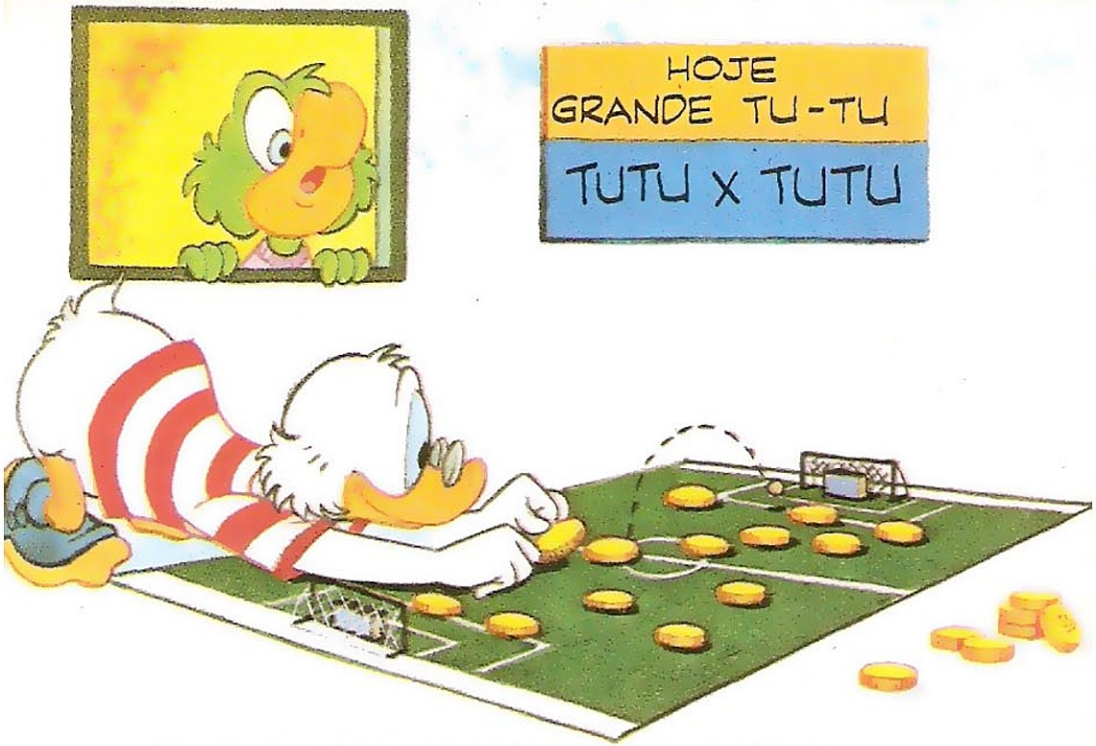


que "aconselhado" pelos veteranos Belline, Didi e Nílton Santos —, Feola resolveu colocar em campo os três reservas. A partir daí, o time começou a jogar um futebol irresistível, ganhando da União Soviética (2 x 0), do País de Gales (1 x 0) e da França (5 x 2).

O Brasil então chegava à grande final, contra os suecos, anfitriões do campeonato. Como as duas equipes usavam uniformes muito parecidos, houve um sorteio antes da partida e, pela primeira vez, a Seleção Brasileira vestiu camisas azuis.

Para os supersticiosos (e quem não o é no futebol?), era o sinal de que perderíamos novamente. Mas o que aconteceu em Estocolmo, na tarde chuvosa de 29 de junho de 1958, ninguém mais esqueceria. O Brasil esteve sensacional e goleou a Suécia por 5 x 2.

Éramos finalmente campeões! Aliás, foi a primeira e única vez em que uma seleção conquistou o título fora de seu continente, no mais dilatado marcador de uma final de Copa.



ESSES NOMES ESQUISITOS...

— Lá em Porto Alegre dia de festa é o **Gre-Nal,** Nestor! Tu tens que ver como o Beira-Rio fica cheinho! — dizia, entusiasmado, Pedrito, o vizinho gaúcho do Nestor.

— Gre-Nal? Que é isso?

— Então não sabes? Gre-Nal é o jogo do Grêmio contra o Inter, os dois **grandes** do Rio Grande, chê!

É através de siglas que os grandes clássicos são conhecidos em muitos Estados brasileiros. Em Curitiba o clássico é o **Atle-Tiba** (Atlético e Coritiba); em São Paulo há o **San-São** (Santos e São Paulo) na capital e o **Come-Fogo** (Comercial e Botafogo) em Ribeirão Preto; e o Rio tem o tradicional **Fla-Flu** (Flamengo e Fluminense).

Além das siglas, há também nomes que ficaram famosos, criados pelos cronistas esportivos para batizar grandes jogos. Assim, Corintians e São Paulo é o **Majestoso**; Palmeiras e Corintians é o **Derby**; Palmeiras e São Paulo é o **Choque-rei**; Fluminense e Botafogo é o **Clássico-vovô,** e assim por diante... Ah, existe também a "pelada"... desculpem, o clássico da bola de meia dos morros, o **Ne-Ca.** Vocês sabem o que é? É o jogo do time do **Ne**stor contra o time do Zé **Ca**rioca, ora!

TORCIDA, A ALMA DOS ESTÁDIOS

—**Mengoooo!** Quando soa esse grito de guerra, o estádio do Maracanã treme até nas bases. É a manifestação de uma das maiores torcidas do Brasil, incentivando o time do Flamengo no maior estádio do mundo.

Em São Paulo acontece o mesmo com a imensa e barulhenta torcida corintiana, a "Fiel", que não perde a fé no seu time até nos piores momentos. E esses torcedores entusiastas são tão importantes que são chamados "camisa 12", isto é, são como se fossem um 12.º jogador do time.

As outras grandes torcidas de São Paulo são as do Palmeiras, São Paulo e Santos, enquanto o Rio tem as do Vasco e Fluminense.

O time querido de Minas Gerais é o Atlético Mineiro, apelidado de "Galo" e cuja torcida é calculada em 75% da população mineira. Na Bahia o dono dos corações dos fãs do futebol é o E.C. Bahia. Para haver um mínimo de concorrência com sua torcida, as rivais têm de se unir, formando a "Coligação". No Recife os torcedores dividem-se entre o Santa Cruz, Esporte e Náutico; em Fortaleza, entre o Ceará e Fortaleza; no Pará, entre o Clube do Remo e o Tuna.

Internacional e Grêmio disputam as maiores torcidas do Rio Grande do Sul, mas o Inter tem certa vantagem, sendo considerado o time do povo. Em Curitiba a maior legião de fãs pertence ao Coritiba, embora a torcida do Atlético Paranaense também seja considerável.

Como se manifestam essas torcidas uniformizadas nos estádios? Levando bandeiras, charangas, buzinas (agora proibidas no Maracanã), criando gritos de guerra e até canções entusiásticas que transformam o futebol num verdadeiro espetáculo.

Cada torcida tem o seu modo particular de manifestar-se. O grito de guerra do Vasco é assim: "Ao Vasco nada? Tudo! Então, como é que é? Casaca, casaca, casaca, Vasco!" Já a velha guarda palmeirense berrava assim: "A nossa turma é boa! É boa, é boa, é boa! E é do Patriarca, arca, arca, arca! Palestra!"

Há também certas manifestações populares nos estádios que são atualmente usadas por todos os times, como esta: "Olê, olá, e o . . . (nome do time pelo qual se torce) está botando pra quebrar!", ou esta: "Um, dois, três, o . . . (nome do time adversário) é freguês!" Isso é a alegria do futebol.

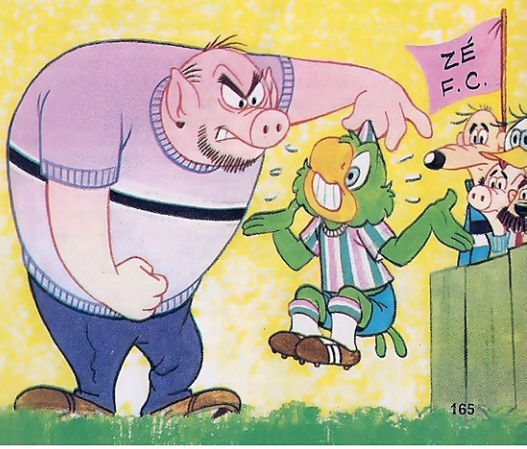
AS GUERRAS DO FUTEBOL

As torcidas de futebol usam seus gritos de guerra e bandeiras, não só para incentivar seus clubes, mas também para mexer com a torcida contrária. O torcedor do Fluminense, por exemplo, foi apelidado por seus rivais de "pó-de-arroz". Mas, em vez de se chatear com a acusação maldosa, a torcida fluminense tomou a coisa ao pé da letra e, hoje, no Fla-Flu e outros grandes jogos do tricolor carioca, sua torcida enche os ares do Maracanã e a paciência dos outros torcedores com verdadeiras nuvens de talco.

Nos jogos importantes os ânimos dos torcedores mais ardorosos ficam de tal modo exaltados que muitas vezes degeneram em brigas e conflitos. Nos clássicos Palmeiras x Corintians, por exemplo, já houve "sururus" homéricos entre as duas grandes torcidas.

Às vezes, porém, essas rivalidades se transformam em guerras de verdade. Foi o que aconteceu em julho de 1969, quando as tropas de El Salvador invadiram Honduras. Todos pensaram que fosse por causa da antiga questão territorial, já resolvida pela Organização dos Estados Americanos (El Salvador tem o dobro da população de Honduras e somente um terço do seu território). Mas não era nada disso: a razão daquele começo de guerra estava ligada à paixão do futebol. Um mês antes, as seleções dos dois países disputaram uma partida em Honduras com vistas à classificação para a Copa do Mundo. A equipe local venceu por 1 a 0.

De volta a El Salvador, seus jogadores relataram que, após a partida, foram cruelmente maltratados pela torcida hondurenha, no hotel em que se achavam hospedados. Por isso, uma semana depois, na revanche disputada em San Salvador (capital de El Salvador), os salvadorenhos venceram na bola por 3 a 0 e ainda foram à forra no pau, isto é, na pancadaria, e a coisa acabou numa guerra de verdade. E as conseqüências dessa rivalidade foram graves. Muitos salvadorenhos que moravam em Honduras foram perseguidos pelo povo e tiveram seus bens confiscados pelo governo. Daí surgiram choques armados e até bombardeios aéreos, que passaram às primeiras páginas dos jornais de todo o mundo como a "Guerra do Futebol". Isso é que é paixão futebolística, não é mesmo?



TROCA DE NOMES DE CLUBES

O futebol, como um esporte criado por ingleses, tinha no Brasil toda uma terminologia própria em inglês. Com a sua popularização, aos poucos os nomes ingleses foram nacionalizados: *goalkeeper* ficou sendo *goleiro; back, beque* ou *zagueiro; offside, impedimento,* e assim por diante. Da mesma forma muitos clubes, cujos nomes homenageavam outros países, foram rebatizados. Em São Paulo o Germânia transformou-se no E.C. Pinheiros; o Espanha, no Jabaquara; o Palestra Itália, na S.E. Palmeiras. Outros clubes chamados Palestra fizeram o mesmo: o Palestra de Belo Horizonte passou a chamar-se Cruzeiro; e o de Curitiba ficou sendo Água Verde. Mas talvez por uma questão de manter a tradição, até hoje muitos clubes continuam com palavras inglesas no nome, mesmo existindo equivalentes em português. Por exemplo Sport Club Corinthians Paulista, Coritiba Football Club, Sport Club Recife, Ceará Sporting Club, Sport Club Internacional, e outros.

As vezes um nome de clube é mudado por motivos comerciais. É o caso do Vicenza, da Itália, que passou a chamar-se Lanerossi, para ser patrocinado por aquela tradicional indústria têxtil.

ZÉ E O LADRÃO

Como todo bom torcedor, Zé Carioca adora "pichar" o juiz. É só o homem de preto apitar qualquer coisa que o Zé ache errado e ele logo bota a boca no mundo, lá da geral, gritando:

. . . e outros nomes menos cavalheirescos. Como muitos torcedores fanáticos, o Zé esquece que o juiz, por mais honesto que seja, é também um ser humano que pode errar. E por isso não perdoa: qualquer falha do árbitro, lá vem o berro do Zé:

— LADRÃÃÃO! ASSALTANTE! VAI ROUBAR ASSIM NO INFERNO!

Foi assim naquela tarde em que o Brejeiros da Tijuca, o time do Zé, jogou contra o Desalmados de Vila Ema. Do primeiro ao último minuto do jogo o Zé berrou, xingando o juiz cada vez que ele apitava uma falta contra o time do Zé. O jogo terminou com a vitória, por goleada, do Desalmados. Mas o Zé ainda achou que, se não fosse por causa do juiz, seu time teria vencido.

Depois, ao anoitecer, quando ele ia para sua casa por uma rua escura e deserta, levou um tremendo susto. Um ladrão mascarado apontou-lhe uma arma e exigiu o seu (pouco) dinheiro. O Zé viu um guarda na outra esquina e quis gritar, mas . . . a voz não saía: estava rouco. Pois é, gente . . . de tanto gritar "ladrão" para o juiz, o Zé agora não tinha voz para gritar "ladrão" para o ladrão de verdade . . .

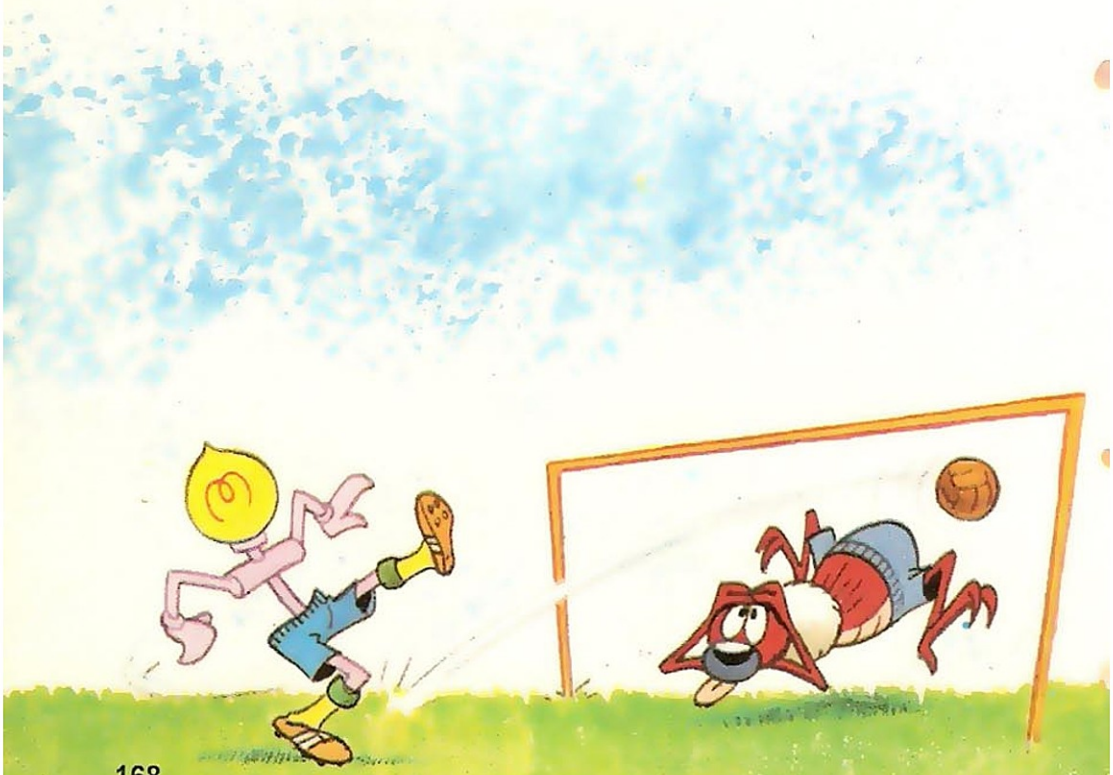
1962: A SELEÇÃO DO BI

Se em 1958 todos duvidavam da Seleção Brasileira, quatro anos depois, ao embarcarmos para o Chile, onde se realizaria a Copa de 1962, não passava pela cabeça de ninguém que nós perderíamos o bicampeonato.

E, de fato, conquistamos nosso segundo título mundial. Dessa vez, o técnico era Aimoré Moreira, que trocou o zagueiro Belline por Mauro e se viu obrigado a colocar Amarildo no lugar de Pelé, que se contundiu logo no segundo jogo. Os demais eram os mesmos titulares da Suécia, apenas um pouco mais velhos.

Nossa campanha: México (2x0), Tchecoslováquia (0x0), Espanha (2 x 1), Inglaterra (3 x 1), Chile (4 x 2) e, na final, de novo Tchecoslováquia (3 x1).

Com a ausência de Pelé, a grande figura da Seleção — e de toda a Copa — acabaria sendo o endiabrado ponta Mané Garrincha, que entortou os adversários, dando-lhes dribles maravilhosos e inesquecíveis.

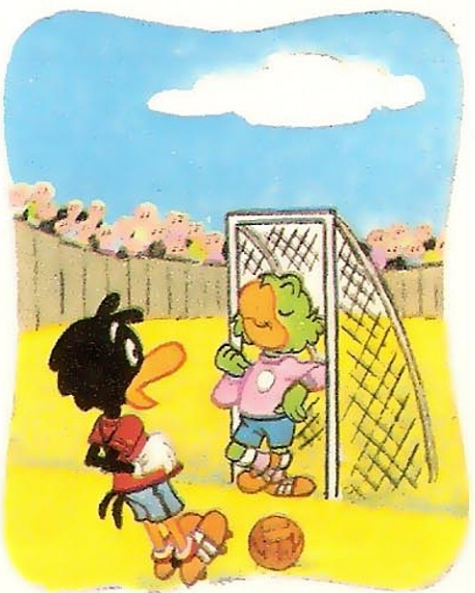


AS REGRAS DO FUTEBOL

As regras fundamentais do futebol são dezessete ao todo, mas aqui apresentamos resumidamente apenas catorze, visto que os assuntos das Regras 2 (bola), 5 (juiz), 6 (fiscais de linha) e 14 (pênalti) vocês já viram anteriormente.

REGRA 1 — CAMPO DE JOGO

O campo deve ser retangular, com o comprimento máximo de 120 m e mínimo de 90 m, com largura máxima de 90 m e mínima de 45 m. As traves do gol devem ter, entre si, a distância de 7,32 m de um poste ao outro, no lado de dentro. O travessão deve estar a 2,44 m do chão na parte interna do arco e ter a mesma largura das traves (máxima de 12 cm).



REGRA 3 — NÚMERO DE JOGADORES

Cada um dos times não terá mais de onze jogadores, dos quais um será o goleiro. Um quadro poderá fazer, durante o jogo, duas substituições no máximo. Qualquer jogador poderá atuar como goleiro, desde que ao juiz seja dada ciência prévia do fato. Depois de substituído, um jogador não poderá voltar ao jogo.

REGRA 4 — EQUIPAMENTO DOS JOGADORES

O jogador não pode usar qualquer material que ponha em risco a segurança dos demais jogadores. O equipamento normal do futebolista é composto por uma camiseta, um calção curto, meias e chuteiras. O goleiro usará uniforme diferente dos demais jogadores.

REGRA 7 — DURAÇÃO DO JOGO

A partida será dividida em dois tempos iguais de 45 minutos, a não ser que se combine outra duração. O juiz poderá acrescentar à partida o tempo que houver sido perdido por motivo de acidente ou outra razão qualquer. A duração de cada período poderá ser prolongada para permitir a execução de um pênalti.

REGRA 8 — INÍCIO DO JOGO

A escolha do campo e do time que dará a saída ao jogo será feita tirando-se a sorte com uma moeda. A equipe que ganhar o sorteio escolherá um dos campos e dará o chute inicial, no centro do campo. Após a marcação de um tento, a partida será reiniciada da mesma forma, cabendo a reposição da bola em jogo à equipe que sofreu o tento. No segundo tempo do jogo as equipes trocarão de campo e o chute de saída será dado por um jogador da equipe contrária àquela que o executou no primeiro tempo.

REGRA 9 — BOLA EM JOGO, FORA DE JOGO

A bola está fora de jogo quando atravessar inteiramente uma linha lateral ou de fundo. Também estará fora de jogo quando a partida for interrompida pelo juiz. Fora esses casos, a bola está em jogo desde o início até o fim da partida.

REGRA 10 – GOL MARCADO

Fora as exceções previstas no regulamento, o juiz validará o gol sempre que a bola houver ultrapassado totalmente a linha de fundo no espaço delimitado pelas traves e o travessão.

REGRA 11 — IMPEDIMENTO

O jogador está **impedido** se estiver mais perto da linha de fundo adversária do que a bola, no momento em que ela é lançada por um companheiro. Não estará impedido num destes casos: a) se o jogador se encontra em sua própria metade do terreno; b) se tem entre ele e a linha de fundo contrária pelo menos dois adversários; c) se recebe a bola diretamente de um tiro de meta, de um córner, de um arremesso lateral ou de "bola-ao-chão". A infração a esta regra é punida com um tiro livre indireto e a equipe adversária reporá a bola em jogo do local da falta.

REGRA 12 — FALTAS E INFRAÇÕES

O jogador que cometer intencionalmente uma das nove faltas seguintes será punido com tiro livre direto, cobrado do local da infração, pela equipe adversária:

1) dar ou tentar dar um chute no adversário;
2) derrubar ou tentar derrubar o adversário, seja usando uma perna ou agachando-se atrás ou na frente dele;
3) saltar sobre um adversário;
4) atacar violenta ou perigosamente um adversário;
5) atacar por trás um adversário que não lhe faz obstrução;

6) atingir ou tentar atingir um adversário;
7) segurar um adversário com a mão ou qualquer parte do braço;
8) empurrar um adversário com a mão ou qualquer parte do braço;
9) jogar a bola ou carregá-la com a mão ou o braço (este item não vale para o goleiro quando ele estiver dentro de sua grande área).

REGRA 13 — TIROS LIVRES

Os tiros livres podem ser **diretos** e **indiretos**. Na cobrança do tiro livre direto, o jogador pode chutar diretamente contra o gol adversário e marcar. No tiro livre indireto não vale o gol marcado diretamente. Para que o gol seja válido, a bola terá de ser tocada por outro jogador (além do que cobrou a falta) antes de transpor a meta adversária.

Na cobrança de um tiro livre todos os jogadores da equipe contrária devem ficar distanciados pelo menos 9,15 m da bola, até que esta entre em jogo. A não ser que eles se encontrem colocados sobre a sua própria linha de meta e entre as traves e o gol.

REGRA 15 — ARREMESSO LATERAL

Quando a bola ultrapassar inteiramente a linha lateral, seja por terra ou pelo ar, será posta novamente em jogo por um atleta da equipe contrária à daquele que tocou a bola por último. O jogador que executa o arremesso deverá lançar a bola com as duas mãos, por sobre a cabeça, sem mover os pés. A bola estará em jogo assim que penetrar no campo, mas não poderá ser tocada pelo jogador que executou o arremesso antes que outro jogador a toque. Não será válido o tento marcado diretamente de um arremesso lateral. Se o arremesso lateral for cobrado irregularmente, deverá ser repetido do mesmo local, mas por um jogador da equipe contrária.

REGRA 16 — TIRO DE META

Quando a bola ultrapassar inteiramente a linha de fundo (excluída a linha de meta), tocada por último por um jogador da equipe atacante, ela será colocada num ponto qualquer da metade direita ou esquerda da pequena área mais próximo do lugar por onde a bola tenha saído, e devolvida a jogo com o pé por um jogador da equipe defensora. Os jogadores da equipe adversária deverão ficar fora da grande área até que a bola seja reposta em jogo. Não é válido marcar gol diretamente de um tiro de meta, sem que a bola toque em nenhum outro jogador.

REGRA 17 — CÓRNER

Quando a bola transpõe inteiramente a linha de fundo, com exceção da linha de meta, e foi tocada por último por um jogador da equipe atacada, é marcado um **tiro de canto** (também chamado **córner** ou **escanteio**) favorável à equipe atacante.

A bola é reposta em jogo com o pé, a partir do interior do quarto de círculo correspondente à bandeirinha mais próxima do local por onde a bola transpôs a linha de fundo. Os jogadores adversários deverão ficar a um mínimo de 9,15 m da bola. O jogador que executa o tiro de canto não poderá tocar novamente a bola antes que outro jogador o faça.

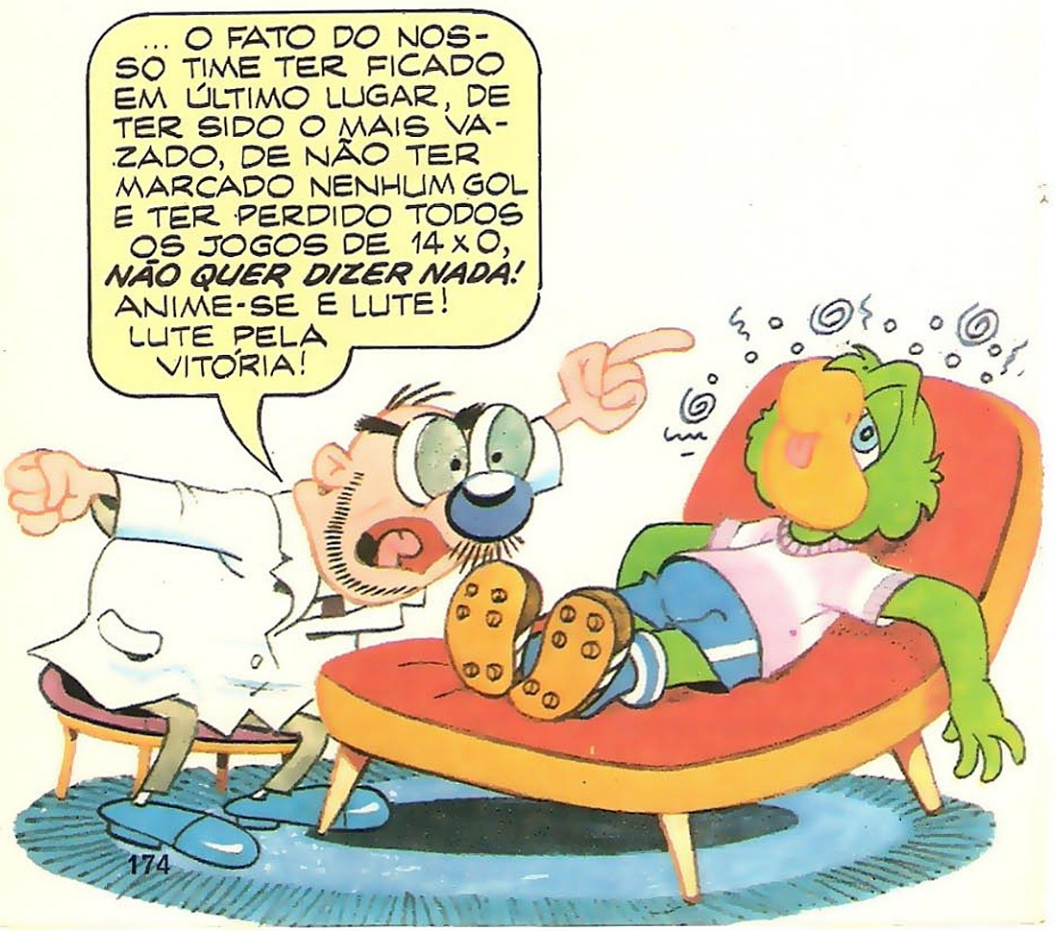
PSICOLOGIA NO FUTEBOL

Se o torcedor é considerado o craque da camisa 12, existe em alguns clubes uma espécie de 13.º jogador. Às vezes, ele influi muito no comportamento do time — e pode até ganhar jogo, vocês duvidam?

Trata-se do psicólogo, profissional que usa a psicologia, ciência a que se pode recorrer para conseguir um melhor rendimento dos jogadores. A psicologia consegue ajudá-los a vencer eventuais complexos e a ter maior autoconfiança.

Esse psicólogo pode também ser o próprio técnico. Desde que tenha os conhecimentos necessários, ele se torna capaz de convencer os seus jogadores de que são melhores do que os do time adversário. Ou então de que não devem temer a torcida que lhes atira pedras.

No fundo, é tudo uma questão de boa psicologia, nova aliada dos craques.



ÊXODO DOS JOGADORES

Certos jogadores de futebol são parecidos com o Zé Paulista, o primo do Zé Carioca: querem sempre arranjar um jeitinho de ganhar mais dinheiro. Com tal objetivo, muitos craques não hesitam em mudar de clube e até de país.

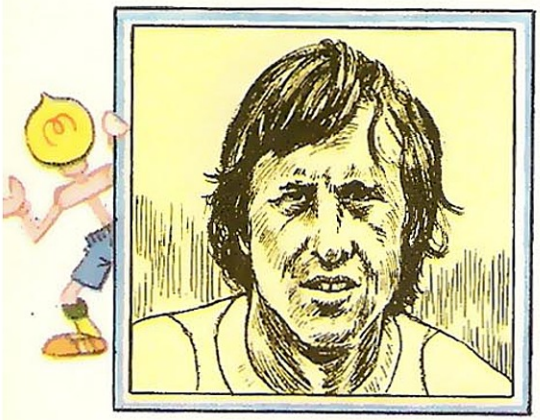
Recentemente, vários profissionais do futebol brasileiro — jogadores, técnicos e preparadores físicos — foram atraídos pelos milionários clubes dos países árabes. Entre outros, foram para lá Rivelino, Zenon, Rubens Minelli, Zagalo e Didi. Mas a maioria já voltou: apesar dos altíssimos salários que recebiam, eles não se habituaram ao calor e aos costumes árabes.

Alguns, enfim, vão e não voltam mais, como o artilheiro Mazola, que desde 1958 está na Itália.

Já houve época em que o Brasil importava jogadores (**veja matéria na página 140**), mas de alguns anos para cá a situação mudou e nos tornamos exportadores. Todo mundo reconhece que o nosso futebol tricampeão é uma garantia de qualidade.

Os Estados Unidos levou até Pelé, mais que isso é impossível. Carlos Alberto continua jogando no Cosmos. Um dos últimos a sair foi o meia Falcão, do Internacional de Porto Alegre, para jogar no Roma, da Itália, onde é um grande ídolo.

CRUYFF, O HOLANDÊS BOM DE BOLA



Ele gosta de música pop. Seus artistas de cinema preferidos são Charles Bronson e Natalie Wood. Adora pescar. E fala inglês, alemão, francês, espanhol e, naturalmente, holandês. Assim é Johan van Cruyff, o craque holandês, nascido em 1947, que é hoje um dos mais famosos astros do futebol mundial.

Cruyff tomou os primeiros contatos com a bola aos 10 anos e aos 17 figurava no time titular do Ajax. Estreou na Seleção da Holanda aos 18 anos e tornou-se seu mais famoso integrante. Em 1973 foi contratado a peso de ouro pelo Barcelona da Espanha. Na Copa do Mundo de 1974, na Alemanha, Cruyff foi uma das figuras de maior destaque.

OS GAROTOS-PROPAGANDA

Você liga o televisor e começa a ver Pelé correndo, Rivelino tirando fotografia, Zico tomando refrigerante e Sócrates trocando de pneu. Mas não se trata de nenhum programa esportivo. Os craques estão apenas "faturando mais algum" em comerciais para televisão.

Cada vez mais requisitados no mundo inteiro, os jogadores de futebol vão se transformando em bons garotos-propaganda.

Segundo se sabe, o argentino Maradona e o alemão Rummenigge são dois jogadores que chegam a ganhar mais dinheiro com publicidade do que com o futebol.

OLHA LÁ, OLHA LÁ, OLHA LÁ!

— Olha lá, olha lá, olha lá! Que que é isso, minha gente?!

— É fogo, torcida brasileira!

Para que as emissoras em que trabalham sejam as mais ouvidas, os locutores esportivos procuram sempre novos termos e novas formas de narrar um lance, para que a transmissão não seja fria e sem graça. Esse esforço não é gratuito porque, quanto maior for a audiência, mais sairá ganhando a emissora e, conseqüentemente, o próprio locutor. Por isso a gente ouve um gol descrito de várias maneiras, como, por exemplo:

— Está lá dentrooooo!!

— Vai buscar no fundo do gol, Félix!

— Agora não adianta chorar!

— Cochilou, cochilou, o cachimbo caiu!...

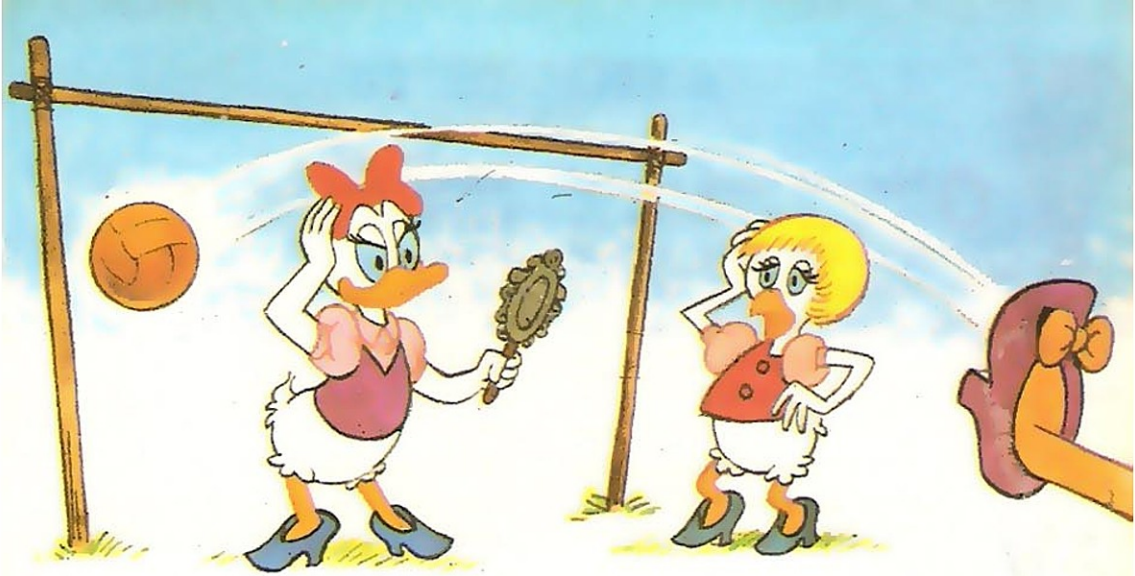
E assim por diante. A mesma criatividade no linguajar esportivo é encontrada na narração de todos os demais lances de uma partida. Alguns locutores chegaram inclusive a "criar escola"; outros, que não tiveram

tanta sorte em inventar a graça da narrativa, ficaram esquecidos.

O insignificante mas exigente radinho de pilha, que os torcedores levam aos estádios, é um dos principais motivos que os locutores têm para aprimorar sua técnica de narrativa. Pode-se dizer que o radinho de pilha é o próprio juiz do locutor esportivo. Ele pode inventar novos termos, criar palavras engraçadas, mas não pode errar, trocar o nome de um jogador ou descrever um lance atrasado demais. O torcedor está ali, vendo e ouvindo, exigindo a máxima fidelidade na narração da partida . . .

EM PORTUGAL É ASSIM

– Então o esférico bateu na moldura! Isto, traduzido para a linguagem brasileira, quer dizer: a bola bateu na trave. É um exemplo do linguajar que os locutores esportivos portugueses usam. Embora o idioma seja o mesmo, o linguajar de Portugal difere do nosso nas particularidades. Assim, quem ouve a transmissão de uma partida numa emissora portuguesa ouvirá dizer *camarins,* em vez de *vestiário; equipa,* em vez de *time; efetivos,* em lugar de *titulares; primeira mão* e *segunda mão* em lugar de *primeiro turno* e *segundo turno.* Em Portugal o *guarda-redes (goleiro) apara,* não *defende;* o jogador *fora-de-jogo* está em *impedimento,* e assim por diante . . .



FUTEBOL FEMININO

Zé Carioca não queria acreditar no que ouvia.

— Mas é isso mesmo, Zé — confirmou Rosinha, toda animada. — Eu e a namorada do Nestor resolvemos criar "As Brejeiras F. C."...

— Nada disso, Rosinha — disse Zé Carioca, já meio desconcertado. — Onde é que se viu? Um time de futebol só de mulheres!

Desta vez, porém, foi ele quem precisou ouvir uma pequena "aula". Rosinha tinha tudo preparado na cabeça. E começou contando que, até uns 25 anos atrás, o futebol feminino era visto apenas como mais uma curiosidade, não como esporte. Aos poucos, a situação foi mudando até que, em 1970, realizou-se na Itália uma Copa do Mundo, vencida pelas dinamarquesas.

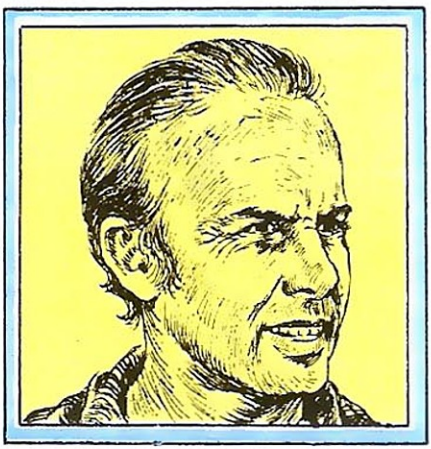
No ano seguinte, a FIFA, que nunca havia se interessado pelo problema, fez uma pesquisa e descobriu que o futebol feminino era praticado em 22 países diferentes. Em 1972, o então presidente da entidade, Stanley Rous, finalmente recomendou sua regulamentação.

De qualquer forma, o futebol feminino tem seus defensores e seus inimigos. Estes argumentam que o futebol é um jogo excessivamente viril para ser disputado por mulheres. Outras pessoas, no entanto, lembram que o mesmo ponto de vista era apresentado pelos que, no passado, não queriam ver as mulheres competindo no atletismo. O certo, então, não seria criar regras próprias para esse novo futebol?

A FINAL DE 70

O fiasco da nossa Seleção na Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, quando não passou das oitavas de final, não foi em vão. A lição foi aprendida e o Brasil cuidou de se organizar melhor para a Copa de 1970. Assim, derrotando todos os adversários que teve pela frente, a Seleção Brasileira adentrava o gramado do Estádio Asteca, na Cidade do México, para jogar a partida final frente à Itália. Jogava o Brasil com: Félix; Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo e Gérson; Jairzinho, Tostão, Pelé e Rivelino. O Brasil vencia categoricamente por 4 a 1, tornando-se campeão mundial pela terceira vez e conquistando definitivamente a Copa Jules Rimet. Era 21 de junho de 1970.

ZAGALO, O GASTÃO DO FUTEBOL



Dizem que ele é o sujeito mais sortudo do futebol brasileiro. Após tornar-se bicampeão mundial como jogador, defendendo a Seleção Brasileira em 1958 e 1962, foi novamente campeão em 1970, como técnico. Mas em 1974 o Brasil não ganhou e ele perdeu o lugar. Foi então treinar o Kuwait, ganhando muitos dólares. Esse é Mário Jorge Lobo Zagalo, alagoano de Maceió, nascido em 1931; que, quando jogador, era ponta-esquerda, mas recuava para ajudar o meio-campo. Por ser incansável nesse vaivém, ganhou o apelido de "Formiguinha".

PEQUENO VOCABULÁRIO DA GÍRIA FUTEBOLÍSTICA

Açougueiro — Jogador violento.

Alavanca — Utilização das pernas como ponto de apoio e o tronco ou os braços para travar o adversário.

Amistoso — Jogo que não vale pontos para torneio ou campeonato.

Armandinho — Atacante que joga recuado, fugindo da área adversária.

Arquibaldo — Torcedor que costuma comprar ingressos de arquibancada.

Arremate — Chute visando o gol adversário.

Artilheiro — Jogador que marca muitos gols; o que marca mais gols num time, num jogo ou torneio.

Baile — Jogo em que uma equipe domina a outra, à vontade.

Balão — Chute alto, sem direção.

Bandeirinha — Auxiliar do juiz, que usa uma pequena bandeira para indicar as infrações que observou.

Banheira — Impedimento.

Bate-pronto — Chute dado na bola no momento em que ela toca o chão.

Bicicleta — Jogada na qual o jogador salta e, de costas para a direção em que quer chutar, deita o corpo no ar e joga a

bola para trás, por cima da cabeça.

Bicho — Gratificação paga aos jogadores por um resultado favorável num jogo ou torneio.

Bolão — Craque; um jogador de grandes qualidades.

Cabeça-de-bagre — Mau jogador.

Cama-de-gato — Falta na qual o jogador calça com o corpo o adversário que saltou, desequilibrando-o.

Caneco — Taça.

Carimbar — Atingir violentamente com a bola.

Carrapato — Jogador de defesa que marca de perto o adversário, não se afastando dele um só instante.

Carrinho — Jogada em que, para desarmar o adversário, o jogador se atira com os dois pés em direção à bola, deslizando sobre os calcanhares e com o corpo parcialmente deitado.

Cartola — Dirigente de clube ou entidade.

Catimba — Emprego de recursos pouco esportivos mas de punição difícil, para enervar o adversário e tumultuar o jogo.

Catimbeiro — Jogador manhoso, que faz catimba.

Centrar — Chutar a bola das partes laterais do campo em direção à área adversária.

Cera — Retenção da bola ou simulação de contusão objetivando ganhar tempo.

Chaleira — Puxada, com o calcanhar, da bola que está no ar, atrás do jogador.

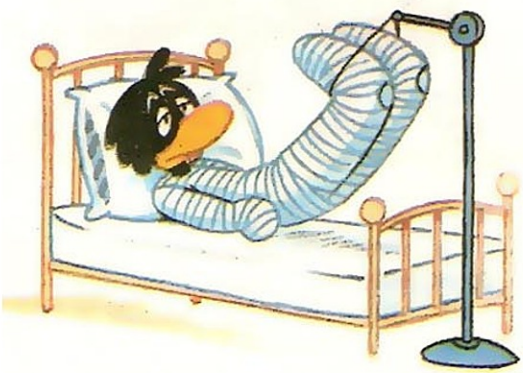
Chapéu — Finta em que a bola é passada por cima do adversário e recuperada logo adiante.

Chuveirinho — Passe alto dado sobre a área adversária.

Ciscador — Jogador que dribla e se movimenta muito, mas sem proveito para o time.

Cobra — Jogador famoso, de alto nível técnico.

Coletivo — Treino de conjunto, no qual são formados dois times sob a orientação do técnico.
Corta-luz — Jogada em que, para iludir a marcação do adversário, um jogador, na corrida, deixa a bola para um companheiro, que sai com ela em direção oposta.
Coveiro — Jogador que, atuando muito mal, provoca a derrota de seu time.
Craque — Jogador de grandes qualidades técnicas.
Curinga — Jogador capaz de atuar em diversas posições no time.
Dente-de-leite — Categoria de jogadores de sete a doze anos de idade.
Embaixada — Série de toques curtos na bola, sem que ela e o pé toquem o chão.
Escrita — Tradição; tabu.
Estaleiro — Enfermaria.



Fiteiro — Jogador que encena ou exagera contusões.
Folha-seca — Chute com a bola parada, no qual a bola sobe devagar, mas desce rapidamente em curva.
Frango — Falha clamorosa do goleiro, que deixa entrar em sua meta bola de fácil defesa.
Furar — Errar um chute, sem tocar na bola.

Galera — As gerais do estádio; por extensão, a torcida, o povo.
Gandula — Garoto incumbido de buscar e devolver a bola que sai de campo durante o jogo.
Gaveteiro — Aquele que se deixa subornar.
Geraldino — Um torcedor de geral.
Goleada — Jogo vencido por larga margem de gols.
Gramar — Comer grama; sofrer.
Grosso — Inábil, destituído de qualidades técnicas.
Janela — Tempo de carreira.
Lanterna — Time que fica em último num torneio ou campeonato.
Leiteiro — Goleiro de sorte.
Lençol — Lance no qual se faz a bola encobrir o adversário, para recolhê-la mais adiante, mas à distância maior que no chapéu.
Mascarado — Jogador vaidoso, convencido de suas qualidades e que joga com pouco interesse na partida.
Matar — Parar, amortecer (a bola).
Melancia — Passe mal feito.
Olheiro — Observador; espião a serviço de um clube.

Passe — Endereçamento da bola a um companheiro durante o jogo; documento pelo qual um indivíduo cede a um clube a exclusividade de seus serviços de futebolista profissional.

Pelada — Jogo em campo impróprio, com material precário e sem seguir as regras oficiais; jogo de baixo nível técnico.

Perna-de-pau — Jogador medíocre, sem qualidades técnicas.

Pipoqueiro — Jogador que evita os lances mais duros para não se machucar; um jogador medroso.

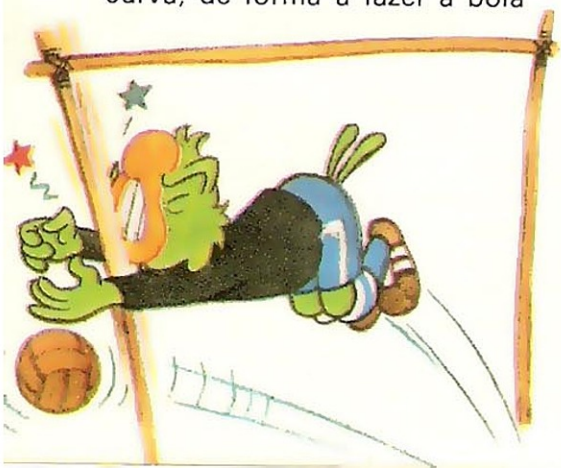
Ponte — Salto do goleiro para alcançar a bola, com o corpo mais ou menos paralelo à linha de fundo.

Rebolo — Grupo de agremiações que lutam para escapar aos últimos postos e ao rebaixamento à categoria inferior.

Retranca — Sistema de jogo em que o time se fecha na defesa com a maioria de seus jogadores.

Rodada — Série de jogos de um campeonato ou torneio realizados no mesmo dia ou em datas próximas.

Rosca — Chute de efeito, de curva, de forma a fazer a bola girar transversalmente ao sentido do seu deslocamento.



Saco de pancada — Time que perde de todos ou raramente ganha.

Sanduíche — Infração em que um jogador é prensado por dois adversários.

Sarrafada — Entrada violenta para atingir o adversário.

Sem-pulo — Chute dado na bola antes que ela toque o chão.

Sururu — Conflito; briga generalizada.

Tapa-buraco — Jogador que entra no time numa emergência.

Tapetão — Sede das Federações e dos tribunais esportivos.

Várzea — Campo de futebol amador localizado em terrenos baldios; futebol amador em geral.

AGÜENTA, CORAÇÃO!

Paixão de 123 milhões de brasileiros, o futebol vai fazer o país parar outra vez. De 13 de junho a 11 de julho deste ano, quando estiver se realizando na Espanha a 12.ª Copa do Mundo, não se falará de outra coisa. Das praias do Rio de Janeiro ao pantanal de Mato Grosso, dos pampas gaúchos ao sertão nordestino, das montanhas mineiras às avenidas paulistanas, vamos acordar, comer, viver e dormir pensando em bola.

Mais do que nunca, nesses 29 dias de sofrimento e alegria — tomara que só de alegria! —, as pernas de Falcão, as chuteiras de Zico, o calcanhar do dr. Sócrates e os braços do goleiro Valdir Peres vão virar os grandes assuntos nacionais.

É gostoso que seja assim. Afinal, mais do que o samba ou carnaval (há gente que não gosta deles, não é?), o futebol une e emociona o Brasil.

Este *Manual da Copa do Mundo* foi feito justamente para que você possa curtir melhor ainda a magia de uma arte que nossos craques vão criar por nós nos gramados espanhóis.

E agora vamos torcer. Agüenta, coração — vai começar a festa do tetracampeonato mundial!

ÍNDICE

Apresentação 6
Zé Carioca e a alegria do povo 8
Os primeiros tempos do futebol 10
A historinha do nosso futebol 13
A Seleção Brasileira 17
Saudade também tem clube 20
Todos os nossos títulos 21
Zé "Penetra" 23
O Rei Pelé 24
Gol de placa 25
O milésimo gol 25
Sua excelência, a bola 26
Levanta, sacode a poeira 27
Quando o futebol apela para os santos .. 28
O homem de preto 30
As cores falam pelo juiz 31
O auxiliar do juiz 32
Quem tem medo de frango? 33
A Alemanha é um perigo 34
O "Diamante Negro" 36
A "bicicleta" de Leônidas 37
O gol de pé descalço 37
As seleções e seus uniformes 38
Que bicho é esse? 45
O maior espetáculo do futebol 46
Só para quem não dá pontapé 48
Gol do meio da rua 49
Zebras em campo 50
É muito estouro! 51
Friedenreich, "El Tigre" 52
Velhinhos bons de bola 53
Os maiores estádios estrangeiros 54
O maior público do mundo 56
Zé técnico 57
Os grandes estádios brasileiros 58
Gols que batizaram grandes estádios .. 59

Um banco especial 60
O elegante Oscar 61
Como ir de um time para outro 62
O pequeno Keegan 63
Cera e catimba 64
Pênalti! 65
Os inventores do futebol 66
Olha lá no placar 68
Zé espião 69
Cerezo: o palhaço que virou craque ... 70
A "folha-seca" 70
A "ajeitadinha" 71
Para que serve o técnico 72
O futebol é uma guerra 74
Como é bom golear 78
Luisinho, o craque da zaga 79
Cinco vira, dez acaba 80
Bola fora é do gandula 81
A "Squadra Azzurra" 82
Falcão, o Rei de Roma 83
Quando Gastão é o goleiro 84
Telê, o fio de esperança 85
...e a Europa descobriu o futebol brasileiro 85
Isto é a CBF 86
O que é a comissão técnica? 87
Times que encantaram o mundo 88
As seleções de ouro 90
O encabulado Rummenigge 91
Gols feitos por goleiros 92
O time que não defendia pênalti 93
O Dr. Sócrates 93
Escreveu, não leu 94
A Seleção Escocesa 96
A "Fúria" 97
Cambistas, esses espertalhões 98
...e o jogo começa 99
O médico, sempre a postos 100
Húngaros, os magos da bola 101

Zé e a loteca 102
Rivelino 103
O "Divino mestre" 103
Eles pararam antes do tempo 104
O tamanho do gol 105
Jogadores de colarinho e gravata 106
O gol olímpico 109
Goleiros para ninguém botar defeito ... 110
O fantástico lashin 111
Massagens e feitiços 112
O "pombo-correio" do futebol 113
Duas zebras sul-americanas 114
Oleg Blockin 115
Futebol em ritmo de tango 116
O maravilhoso Maradona 117
Zé "frangueiro" 118
O gol "espírita" 119
A recompensa dos campeões 120
Os que brilham na defesa 121
Nílton Santos, a "enciclopédia" 122
Filho de peixe, peixinho é 123
Os soberanos do meio-campo 124
Graças à bola 125
Escolinha de futebol 126
As frases de Gentil 127
Puskas, o "major galopante" 128
Eusébio, a "pantera negra" 128
As seleções finalistas da XII Copa do Mundo 129
Zé Juiz 132
O "Imperador Franz" 133
Isolamento e descanso: é a concentração 134
Quem foi o maior goleiro do Brasil ... 136
Valdir Peres 137
Irmãos futebolistas 138
Esquentando os músculos 139
A "legião estrangeira" no futebol brasileiro 140
O dia mais triste do nosso futebol 142

Zico, o Galinho 143
A boa digestão dos atletas 143
Serginho 144
Arconada 144
A maca no futebol 145
Os grandes fanáticos da torcida 146
A alegria do gol 148
Zé, o craque 149
Gérson 151
Mané Garrincha 151
Os craques de fralda 152
Os maiores atacantes do futebol brasileiro 153
Os apelidos dos craques 154
Um olá para o público 155
Os espiões do futebol 156
Empresário, o corretor do futebol 157
Sindicato de jogadores 157
Sua excelência, o capitão 158
1958: a seleção de ouro 159
Esses nomes esquisitos 161
Torcida, a alma dos estádios 162
As guerras do futebol 164
Troca de nomes de clubes 166
Zé e o ladrão 167
1962: a seleção do bi 168
As regras do futebol 169
A psicologia no futebol 174
Êxodo de jogadores 175
Cruyff, o holandês bom de bola 176
Os garotos-propaganda 176
Olha lá, olha lá, olha lá! 177
Em Portugal é assim 178
Futebol feminino 179
A final de 70 180
Zagalo, o Gastão do futebol 180
Pequeno vocabulário da Gíria Futebolística 181
Agüenta, coração! 185

Manual da COPA DO MUNDO

LIVROS ABRIL

WALT DISNEY

LIVROS ABRIL

Manual da COPA DO MUNDO

ESPANHA 82

BA SCANS